Fon Fon
ANNO XXV — N.º 44
Rio, 31 de Outubro de 1931
PREÇO: 1$000
MC 931

Aristocratas

PELA sua pureza, pelo seu prestigio, pela sua excellencia no mundo da therapeutica a

CAFIASPIRINA

impoz-se á sympathia e ao respeito do publico. Remedio para todas as classes elle é, entretanto, o remedio aristocrata que não se confunde com imitações e succedaneos. Recommenda-o a "Cruz Bayer"; consagra-o a sua provada efficiencia na cura de todas as dôres e a virtude caracteristica de ser de todo inoffensivo.

Por isso é universalmente proclamada

o remedio de confiança

●

Exija-se a embalagem original: tubos de 20 comprimidos, envelopes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

A "alma" que ninguem viu...

POR ZELIA MOREIRA

MOMENTOS antes de expirar, a infeliz mulher, muito pallida, olhos desmedidamente abertos, tremula a vóz, contou ao medico interno algo de sua vida desditosa:

.. ..

"O senhor é bom... Eu leio nos seus olhos, esses olhos que falam mais que os seus lábios, toda a infinita ternura de seu coração. E ha quanto tempo procuro alguem com uma alma, para mostrar-me tal qual sou, tirar, por completo, a mascara com que me occulto!

"Sim, porque homens ha muitos, mas com alma, muito poucos.

Eu lido, ha bastante tempo, com homens de toda especie, de toda classe social, e o senhor foi o primeiro, entende?, o primeiro a quem posso me revelar.

"E' sempre assim... Vezes ha, em que um simples desconhecido nos inspira mais confiança que um irmão. O senhor foi um delles.

A dedicação illimitada que tem demonstrado por mim, sem nunca me ter visto, a meiguice de seus olhos, a caricia de seus gestos, tudo isto me acorrentou ao senhor de tal fôrma, que, si eu sobrevivesse, me seria dolorosissimo ter que deixál-o...

Vou, pois, mostrar-lhe o recondito de minha'alma... a parte de meu ser que ninguem ainda viu.

"Porque tambem tenho uma alma, senhor, — uma alma, que, ao contrario do meu corpo, nunca os olhos dos homens puderam profanar.

Mas não me olhe assim... Finja não ver a repugnancia que o meu corpo lhe causa...

Feche os olhos e procure ver, unicamente, essa alma que tanto quero mostrar-lhe.

"O senhor, talvez, já tenha ouvido falar em Luzinette, mas nunca lhe deu importancia. Pois bem: Luzinette era uma mulher que os homens disputavam, ha um anno passado, tanto pela belleza fulgurante do rosto, como pela elegancia sem par do seu corpo de venus. Tinha ella os profundos e abysmaes olhos negros como as andaluzas... Luzinette, senhor, a vampiro das casas alegres, a preferida dos mais nobres senhores, a Luzinette encantadora é essa mesma mulher que agoniza lenta e resignadamente neste leito de hospital.

"Luzinette sou eu.

"E' um nome formado pelo de minha mãe, Luzia, e meu pae Enett. Elle era estrangeiro. Minha mãe dançava num cabaret quando o conheceu... e foi assim que eu nasci.

"Só me lembro de ter visto minha mãe duas vezes. Uma, era eu muito garota ainda; devia beirar os 4 annos. Outra, já havia tocado aos 8.

"Morava ella num sobrado na Lapa. Havia lá muitas mulheres... todas de vestidos bonitos, muito perfumosas, muito pintadas.

"Levou-me para vêl-as uma senhora de cara austéra, que me estava criando. E lembro-me bastante: minha mãe não me fizéra uma caricia ao menos. Deu dinheiro á minha protectora e pediu-lhe que não mais me levasse lá, nunca mais!

"Isto me deixou nalma a mais profunda cicatriz. Eu julgava que minha mãe me fosse abraçar, beijar, cobrir de mimos, como faziam com os filhos as outras mães. Mas não. Nem um sorriso de ternura!...

"Foi dahi que começou meu soffrimento...

"Cresci miseravelmente ao lado daquella féra. Trabalhava sempre.

"Fui uma menina differente das outras. Nunca tive collegas; nunca me vi entre as outras garotas nos folguedos infantis.

"Sem mãe, sem pae, sem parentes, sem carinhos e sem bonecas! Ah! uma bonequinha de louça que abrisse e fechasse os olhinhos, era o meu ideal! Uma vez, me deram uma de pano. "Madrinha" fez-me entregál-a immediatamente.

Disse-me que eu era muito crescida para adormecer bonecas.

Chorei a noite inteira! Era mesmo muito infeliz!

"Uma tarde, tinha eu 15 annos, fugi de casa. Estava farta de viver naquella ruazinha estreita onde nada se via.

O apito dos trens, o buzinar cantante dos automoveis, eram como um convite á grande cidade! E, não sei como, me achei um dia em plena Praça da Republica. Desembarquei e fiquei por alli.

"Passei fome, frio, trabalhei numa casa de familia e depois num varejo de cigarros.

Foi ahi que conheci um tal senhor que se enamorou de minhas pernas. Achou-as bonitas, bem formadas e convidou-me a trabalhar num theatro. Fui corista.

Herdára de minha mãe, creio, a arte de dançar, pois sem nunca o ter feito, com poucas lições era a que melhor bailava.

E fui vivendo... Sempre séria, sempre honesta.

"Entretanto, o pequeno salario que ganhava não me era sufficiente. Mal cabia para a roupa. E eu desejava possuir, como as outras, collares de perolas, vestidos de lamés, sapatos de setim e queria, tambem, ter os dedos pesados de brilantes!

Mas como? Resolvi, então peccar. Atirar-me na vida...

"Si sempre fui differente das outras meninas, tambem o devia ser das outras moças.

Entreguei-me ao primeiro que se me deparou. Não o amava, mas elle possuia muito dinheiro e poderia, assim, me dar tudo aquillo que tinham as outras. Foi cedo de mais, porém. Contava eu 16 annos.

"E tive, então, todos os brinquedos que em criança desejei! Bonecas de todo tamanho!

Fui feliz em meio á grande desventura que me cercava!

Fui criança outra vez! E fiquei vaidosa... Tornei-me bonita e passei a ser a vampiro mais desejada. Foi essa a vingança que consegui para mim, para minha mãe!

"Talvez si ella vivesse para mim unicamente, ou si não me afastasse tão cêdo do seu lado, eu tivesse dado para coisa melhor...

"Mas não chore, doutor... Seus olhos são bonitos de mais para serem espezinhados pelas lagrimas... Foi porque muito chorei que envelheci cêdo... E o senhor é tão jovem! Não chore a minha desgraça! Tenho commigo um pensamento que vale tudo, que me faz sorrir de felicidade: Talvez que minha mãe, ao saber-me morta, ao ouvir, nas casas de jogo, na bocca de todo homem, o nome de Luzinette, deixe desprender-se, dos lindos olhos pintados, uma lagrima de saudade, de compaixão, e murmure, para si, o nome delicioso... a palavra sublime, que nunca ouvi dizer, mas que, desde já, me dulcifica os ouvidos: "Minha filha"...

LYRIOS E CREANÇAS

K. M.

NO templo augusto, de puro estylo renascimento, e sobre cujas cupolas e esbeltas paredes se destaca, em pinturas maravilhosas, o historico da celebre Irmandade de N. S. da Candelaria, do Rio de Janeiro, vibravam as ultimas notas de uma Ave-Maria, cantada com enternecedora maviosidade, ao som de magico violino.

No altar, rosas e lirios, envolvidas em onda de luz intensa a chover dos ricos candelabros de ouro.

Pelo templo magnifico, deante do altar sagrado, uma multidão prostrada, e dominada por incontida emoção, a fitar um grupo de crianças que, todas de branco, como os lirios brancos do altar, de mãosinhas cruzadas sobre o peito, ouviam enlevadas a palavra do Evangelho, que lhes dizia o ministro do Senhor: — "Deixae vir a mim as creancinhas". E era ao Deus Eucharistico que ia esse punhado de corações em flôr, lindos como os cherubins, puros e bellos como os lirios floridos, receber, pela vez primeira, a Sagrada Communhão! E era no dia 18 de outubro, no mez das rosas e dos lirios, que essas creanças se aproximavam do Altar Sagrado, no templo Augusto da Candelaria, um dos mais bellos, mais ricos, mais artisticos da America Latina!

Preparára-os, com essa dedicação e bondade, que lhe é peculiar, para o acto solemne o revmo. conego dr. Henrique Magalhães, uma das mais bellas glorias do clero brasileiro, que, a celebrar para elles o Santo Sacrificio da Missa, lhes dirigia as palavras tão bellas!

Em torno do grupo, se reuniram meninos e meninas, senhoras e cavalheiros. Eram collegas, mestres, paes e parentes dos pequenos commungantes. Muitos delles, em bom numero, os acompanharam ao banquete Eucharistico.

INTIMA VOZ

De Pedro Paulo Faria Rocha

"MAS... que lucrarás com isto, submettendo-te á dôr moral que te succumbe? Canta, canta a vida, com a vida de tua mocidade! Prosegue, sem volveres o teu olhar, firme, erecto, prazenteiro, semeando sonhos e illusões!... Illusões e sonhos que não dão fructos?... E' o que julgas... Fructos, certamente, não colherás assim... Quando um dia chegares á idade em que o peso dos annos difficulta os movimentos, e que o passado, então, é buscado como alimento e lenitivo á vida... verás o grande erro de tua mocidade! Olha, que os velhos vivem do passado, como os moços vivem para o futuro!... Não notas que tudo o que é triste, dessa tristeza parada, sem gesto, sem combate, que dá á physionomia um ar de mendicidade, só causa compaixão, e que a compaixão fere mais que o desdém?... Illumina o teu semblante, ergue a tua cabeça, olha para a frente... e caminha! Quem caminha assim, caminha insensivel e máo? Não; prosegue insensivel aos males que te succedem, mas bom... Bom, para teres bellas illusões. A bondade é a mais poderosa arma de defesa humana. Com ella supplantarás tudo e divisarás novos horizontes... O homem que se deixa subjugar, esse, sim, alimenta pensamentos máos, vendo, descrente, a alegria do que o cercam... Os máos vencem na vida? Si vencem sob o lado material, não obtêm, certamente, essa placidez interior, suave, que é o apanagio dos bons e que é a unica, a verdadeira felicidade... A felicidade está dentro de nós mesmos. Vamos, alegra o teu semblante, desmancha as rugas com que marcas a tua fronte e que te offuscam a mocidade! Transforma a tua vida em um poema harmonioso e heroico e illumina o teu olhar! A belleza é um dos factores para o exito na vida. Dá ao teu rosto, com a suavidade do teu pensamento pleno de illusões, a legitima belleza, que existe na magia daquillo que é intangivel... mas se sente!... Só assim, forte, sorrindo docemente aos sonhos que se não vão realizando, e alegremente aos sonhos que tu vaes sonhando... chegarás ao fim da vida carregando a Belleza da propria vida!... E ahi, então, quando tornares o olhar para o passado, teus olhos não o percorrerão faltos de brilho, mas cheios de encanto, ante o resplendor das illusões em que viveste!... E ventura maior não póde haver do que, no ocaso da existencia, viver-se das illusões a que se deu vida! Sim, viver dessa maneira, é vencer, é triumphar..., porque é commemorar a victoria de si proprio!"

E assim a mim falei, e assim me respondi... e insensivelmente, erguido firme, inundado em luz, comecei a caminhar...

Mas, quem eram esses pequenos que, com tanta piedade, cumpriam o acto solenne? Eram os alumnos do Collegio Aldridge! Lá estavam os directores do estabelecimento — Mr. e Mrs. W. L. Aldridge. Lá estavam os professores daquelle instituto de educação e lá estava o que de melhor e mais fino conta a sociedade da nossa capital.

Honrou, com a sua presença, o acto religioso, a exma. esposa do chefe do governo, mme. Getulio Vargas, acompanhada de seus filhos, distinctos alumnos do Collegio Aldridge. E todo esse conjuncto, tão bello, vinha prestar á cerimonia um realce magnifico. Sentia-se um que de sobrenatural, de encantador, de mystico em todos esses actos tão significativos.

Emocionou sinceramente a todos o momento em que os pequenos receberam a Sagrada Communhão. Foi grave e solenne o acto da renovação das promessas do baptismo. Foi a cerimonia toda uma série de manifestações de fé sincera e profunda. E os pequenos e as meninas, quaes foram? Quantas eram? Vamos lembrál-os:

Lygia Souto Maior Santos, Marianna Affonsina Gomes, Maria José da Silva, Mary Gladys Matheson, Fabio de Faria Salgado, Agnello de Almeida, José Candido de Carvalho, Paulo Affonso de Carvalho, Sylvio Mercatalli, Alfredo Valle Fragelli, Luiz dos Santos Jacintho, Mario Martins de Mello Filho, Paulo Gladulich, Antonio Rebello Meira de Vasconcellos, José Rebello Meira de Vasconcellos, Raul Milliet, Renato Milliet, João Pinho Filho.

Após a cerimonia sagrada, em um dos salões da Irmandade da Candelaria, foi offerecido, pelos directores do collegio, aos pequenos e as exmas. familias, o tradicional chocolate.

Depois, em ordem encantadora, foram, no saguão da igreja vetusta, gravados em chapas photographicas os pequenos lirios e as rosas vivas da 1.ª Communhão.

MACAUAN

(Para a pujante mentalidade de

Gustavo Barroso)

De Euben Almeida

CAÃ-ASSÚ, Matto-Grosso! Pleno coração do Brasil, no que elle possue de mais rico, de mais selvagemente formoso e de mais desconhecido!

Margens do S. Lourenço, o rio que mana da Serra de Agua Branca e, correndo por campos magnificos, sem obstaculos de cachoeiras, vae levar o seu tributo ao majestoso Paraguay, em cujas margens prodigas se erguem as choupanas ephemeras dos guaycurús, esses beduinos nacionaes, cuja vida aventureira e crenças originalissimas e animo bellicoso tanto impressionaram aos bandeirantes e deram vasto assumpto a viajores perspicases!

Indios que, nas suas guerras continuas, lembram Annibal, lançando contra as hostes inimigas, não elephantes, porem recuas indomitas e manadas selvagens, levando a desordem e o panico, o anniquilamento, e a victoria!

Especie de amazonas masculos, com o pé direito apoiado no estribo de fibras de ananaz, a mão esquerda crispada nas crinas dos corceis fogosos que domesticam debaixo dagua, corpo estendido ao longo do animal, para de surpreza se erguerem, de lança em punho, cutilando, derrubando, vencendo!

Indios semi-civilizados, de rosto e peito indelevelmente marcados a fogo, cabellos cortados á moda dos antigos sacerdotes do sol, a cujos chefes, de ponche e botas de couro, se teem submettido quasi todas as nações do grande Estado!

Silencio impressionante da floresta virgem!

Subito, um canto melodioso e nostalgico, quasi de uma vóz humana chorando, como Echo, a perda do seu Narciso...

E' a Macauan, a ave prophetica e agoureira, nova crelumba de Delphos, que veiu trazer uma mensagem do céo...

Suspendem-se todos os rumores da tribu, sustam-se as respirações para que os pagés a escutem.

Porque é Nanigagico, o deus conhecedor do futuro, que está falando pela sua vóz.

Es horas longas, dias inteiros, levam todos a escutál-a, fascinados, até que a ultima nota desfalleça como um queixume no silencio apavorante da matta.

Então os pagés, agitando um maracá solenne, evocam Nagigagico, para que os auxilie a interpretar o augurio.

E uma vez obtida a concessão, e uma vez inteirados da mensagem divina, lá se vão todos, rumo de outras terras, abandonando aldeias e roçados, pastos e criações.

Porque a Macauan cantou, e o seu canto é uma mensagem de Nanigogico, é um recado do céo.

Guaycurús, Matto-Grosso, Brasil!

:: O ZAROLHO ::

CERTAMENTE, a cara de Benigno Armas não é dessas que os criminalistas recommendam ás pessôas de celeste coração... Sua hemiface não tranquillizava ninguem. E as pessôas honradas se interrogavam entre si:

— Esse homem é um demonio?

— Viu? Por qualquer lado que seja olhado, resulta um individuo de má catadura.

— E elle a tem, de facto, bem má...

— Deve ser assim... Eu, ás vezes, o olho do lado do olho bom e o acho igualmente repugnante.

— No emtanto, Begnino Armas já foi um homem tranquillo e decente... Até que...

— Viraram-lhe o olho.

— Des então, se tornou perigoso.

— Já notou, senhor Erasmo, que onde elle entra as pessôas começam a fugir, como si com elle entrasse a febre amarella ou a lepra?

— E' que Deus marca com um sinete terrivel, que não se vê, todo aquelle que tem uma morte mal feita.

— Ou a todos os que *fizeram uma morte*...

— Si vamos pensar nisso muito seriamente, não ha nenhuma bem *feita*. Todas são más. Mas não nos afastemos do terreno de Begnino...

— E, para falar a verdade o infeliz já tem seu castigo. Porque eu ainda não vi um olho mais feio, mais negro, mas vazio...

— Realmente.

— Sabe que, por ter visto o torto Begnino, a mulher de Albornoz, que estava convalescente, morreu de repente?

— Sei... Que susto tremendo!

— Bestial!

— Mas eu creio que com o olho bom elle é mais prejudicial do que com o outro, o olho furado, o olho negro...

— Parece-lhe?

— Sim. E dir-lhe-ei por que. Já ouviu falar nesse bicho que tem um só olho e mata com elle?

— Sim. Mas não creio que exista... Lendas, apenas...

II

COMO o bom tempo, como o mal tempo, como a chuva excessiva ou a sêcca, está visto que Benigno Armas dá bastante que falar com seu olho vazio, negro... Olho terrivel, olho feio, olho de espantar, mas que não faz mal a ninguem. Resulta um paradoxo, porque um olho que não existe não póde olhar bem nem mal. Mas, então, por que diabo a gente se ha de occupar do olho theorico e não do pratico? Em realidade: hoje Benigno Armas chegou a uma reunião onde eu estava e devo confessar que me transpassou de lado a lado com o olhar duro, philosopho, brutal de seu olho physicamente bom, sem que o outro, o olho vazio, feio, negro, cavernoso me produzisse impressão alguma de terror... Por isso é que acho que um criminalista poderia recommendal-o a um coração celestial que sofresse de insomnia.

III

POR que Benigno movimenta a cabeça em todas as direcções, como si esperasse ser atacado á traição? Conheci um cavallo torto que tambem fazia o mesmo. Esperava o nobre equino de olho negro ser trahido? Oh, o olho, negro, o olho negro! Por que o ser humano ha de presentir grandes monstros, mythologicos.

O templo da bôa mesa

A Sociedade de Cozinheiros Francezes está organizando o Museu da cozinha.

Ver-se-á lá tudo quanto se relacione com a arte culinaria. A cozinha dos tempos idos terá especial exhibição.

Ha mais de um seculo que os cozinheiros se queixam da pouca arte que os architectos modernos dedicam á construcção das cozinhas.

Carême, o grande cozinheiro da época imperial, manifestou, em suas obras, a magoa de vêr que os constructores do seu tempo não davam a sufficiente attenção ás disposições de tão importante peça familiar.

Que diria hoje o illustre mestre, si visse o infimo lugar que se reservou, em nossas casas modernas á peça onde se preparam os alimentos? Ha galerias magnificas, salões cheios de luz, ao passo que a cozinha se dá o lugar mais triste. Outrora, no emtanto, a coisa era

biblicos e chinezes monstros, escondidos nas cavernas humanas dos pobres olhos que já não vêem, que já não reagem ás vibrações do ether, da luz? Seguindo essa maligna suggestão, deveriamos suspeitar monstros odiosos occultos nos buracos que deixam os pregos nas paredes. Deveriamos suspeitar monstros nas chaminés, monstros em todos os olhos mortos e nos buracos escuros... O que eu não posso negar é que Benigno Armas é desconfiado. Mas o que não posso affirmar é que sua alma seja venenosa, sombria...

Matou no terrivel dilemma? Dizem... No dilemma de matar ou morrer... Em um caminho solitario; noite escura e muitos inimigos em suas tocas de trevas, esperando...

IV

MAS, a historia dessa noite inimiga perde sentido theatral e côr humana, perde toda a importancia quando nos certificamos de que Benigno Armas tem um filho e este é torto como o pae. A historia de como o filho perdeu o olho é a mais estranha e emocionante. Contam que a coisa tremenda se passou assim:

V

CERTA vez, Benigno Armas se queixava a seu compadre:

— Anda por ahi a historia de um homem máo que tem um olho de diabo e outro vazado...

O compadre respondeu-lhe commovido deante de sua pena:

— Ha olhos lindos mais assassinos que os seus, compadre.

— No emtanto, as más linguas...

— Dessas linguas o diabo fará um guisado, quando seus donos morrerem. Deixa-as em paz... Não se preoccupe...

Benigno Armas deu um suspiro immenso, e disse:

— Desde que tenho um olho vazado, conheço melhor o mundo e os homens... Agora, que desconfio sempre, me parecem menos perigosos... E quizéra que meu João Estevam fosse tambem... não se vá assustar, compadre... fosse tambem como eu...

Por mais que a phrase decapitada identificasse o pensamento atroz de Benigno Armas, a candidez insondavel do outro nada viu nem presentiu.

VI

E, com o tempo, por aquelle mundo de meu Deus, correu a tremenda nova de que Benigno Armas havia arrancado um olho ao filho. Porque, depois, elle confessou, sacudido de uma selvagem ternura paternal:

— Para que ninguem se atreva a mexer com o meu João Estevam... E para que, sendo torto, ninguem lhe faça mal. Vale mais um olho desconfiado do que dois olhos sonsos para andar pela escuridão dos homens...

E, emquanto dizia isso, o torto sorria ferozmente, como ainda não sorriu nenhum torto no mundo...

(Julio Vignola Mansilla)

---

differente. A cozinha dos castellos não era menos vasta que o salão de recepção. Na Renascença, no seculo XVII e XVIII, os architectos davam a maior importancia ás bôas disposições da cozinha, reservando-lhe peças espaçosas, decoradas com luxo.

No castello de Rancy, por exemplo, a cozinha era uma grande sala quadrada e muito alta. As paredes eram adornadas com porcelanas.

Varias consolas ostentavam os bustos de illustres "gourmets" da antiguidade: Luculo, Epicuro e outros. Ao redor da parte superior da peça, via-se uma grande galeria com balaustradas, formando tribunas, onde as pessôas de bom gosto se installavam para vêr trabalhar os cozinheiros.

O conselheiro Rancy, que fez construir o dito castello, se comprazia em convidar as pessôas de maior destaque de sua época, não só para saborear sua mesa rica em iguarias, mas tambem para assistir á confecção dos pratos que fizeram do castello o templo da bôa mesa.

NELSON (Pernambuco) — O sr. me manda perguntar si recebi as suas collaborações "Mulheres compradas" e "Caracteres oppostos"? Recebi. E, como sempre, recommendei-o ao secretario, o que significa: — a certeza de que o seu trabalho será publicado.

Ha nisso uma justiça e uma prova de gentileza de minha parte.

Digo gentileza porque não basta ter valor proprio, possuir merito, para merecer um logar de destaque na imprensa carioca. Não. Aqui no Rio essas conquistas são tanto mais difficeis quanto for o prestigio e o valor do escriptor.

Quer dizer, portanto, que o meu interesse pela sua collaboração, na revista mais lida em todo o Brasil, é alguma coisa que não desejo allegar mais pretendo frisar...

E frisar, porque o sr. me remette com a sua missiva o retalho de uma catilinaria que um cavalheiro qualquer do Recife escreveu contra mim. Diz o sr: "Leia e responda em regra".

Mas que diabo! Então, eu sou seu camarada para lhe prestar obsequios preciosos, para lhe ser util, emfim, literariamente, e o sr. não tem o gesto de gratidão de, ao menos, defender esse seu camarada — ahi na imprensa — uma vez que está mais perto do meu aggressor do que eu?

Meu caro, eu poderia responder daqui ao tal rapazelho, o seguinte: "O meu confrade Nelson faz como aquelle hespanhol da anecdota:

— Hay un valiente que quiere pelejar con otro valiente?

Salta um para o terreiro e berra:

— Hay: yo!

Então, o primeiro aponta um terceiro, e ordena:

— Briguen los dos..."

A verdade, porém, é que si eu fosse responder ao tal rapazelho perderia um tempo enorme, para ficar sendo o que sou: um jornalista da metropole. Porque nada adeantaria, a meu favor. Mas todos diriam, certamente: "Fulano está ganhando prestigio. Imaginem que o Yves lá lhe deu a confiança de uma resposta..."

Depois dizem que sou pretencioso.

Não, caro Nelson: não dou essa honra ao tal jornaleiro recifense. Mas sempre seria um gesto de gratidão que teria para commigo, si o sr., entrasse para o campo da luta — e não fizesse como o hespanhol commodista...

MARIA LUCIA (S. Paulo) — A sua carta veio demonstrar que a sra. Djénane não encontra muitos proselitos que communguem as suas idéas de sacrificio sentimental, em favor do bem senso, da honra e da dignidade.

E eu folgo de vêr que ainda ha creaturas sinceras, capazes de dizerem o que sentem e pensam — não receiando ferir a hypocrisia social.

Vejamos a sua missiva que, além do mais, revela equilibrio de espirito e illustração:

"Yves. Eu renunciei um dia, sem ter sido possuida. Não me arrependi, porque acreditava ser honesta quando na realidade, era simplesmente desgraçada.

Porque ser infeliz, depois de ter sido a mais feliz, a mais querida, a unica, — mesmo só por um momento, — valia depois ser, a mais insignificante das mulheres.

A gente sempre paga muito caro os raros momentos de amor e de felicidade... Por isso, pagar depois de haver recebido, seria o melhor consolo, do que pagar sem ter recebido nada...

Tive momentos deliciosos, momentos inesqueciveis, horas mortaes num ambiente de perfumes ou em praias desertas. Nestes momentos, toda eu era uma só vibração, um desejo lascivo a triturar-me as carnes, a envolver-me inteira numa chama de desejo.

No entanto, que luta imensa, dentro de mim mesma, que recalcamento immenso, para acalmar a tempestade; os raios luminosos do meu desejo inutil. — Nunca eu seria uma mulher, capaz de ser levada pelo instincto — nunca!

Calar em mim tudo o que gritava mais alto, calcar num esforço de vontade, a ansia louca que era o impulso de dar tudo pelo sacrificio de mim mesma.

Consegui dominar tudo isso. Afinal eu era uma mulher honesta, havia portanto um abismo entre nós dois. Calculei bem a profundeza do abysmo e o misterio do deserto...

Era o isolamento, a vergonha e... não pude mais. Não tinha nascido para isso.

— Hoje a minha alma está vasia; olho o caminho percorrido e tenho um sorriso terrivelmente ironico-profundamente triste.

Tenho nos olhos a quentura das lagrimas ainda mal vertidas, envelheço por ter vivido demais o lado doloroso da vida.

Sinto o sarcasmo da alma torturada, a impassibilidade estoica de quem mente para a vida. Sinto sem querer sentir os momentos mal vividos.

Como eu quizéra apalpar a vida, sorvel-a num trago, vivel-a num momento, e depois encarar tudo frente a frente. Procurar alguem para gozar a vida, num ultimo desafio, na ultima das vinganças.

Ai do dia que encontral-o, todos os gozos serão poucos, todos prazeres insignificantes, diante dos que inovarei, e farei viver num grande egoismo só para mim.

— E' isso o que sinto num turbilhão, nas horas infinitas dos dias que passam vasios... Como soffro nesse silencio, nesta quietude morta de sensações.

Agora com que ansia louca, beijal-o-ia na bocca pela ultima vez e numa palavra dar-me-ia toda num assomo de desejo, para a sua vida, a minha inteira!

Era isso que eu lhe diria se voltasse para a nova revelação, para a resurreição do nosso amor.

Agora que comprehendo a inutilidade do meu escrupulo e a estupidez dos meus preconceitos.

Você tem razão — porque soffrer na renuncia quando se póde ser feliz o desgraçado na posse?

Maria Lucia"

MARIA LIBANIA FERREIRA (Capital) — Ora viva! Noto, com alegria, que as leitoras intelligentes e bonitas estão voltando ao "Saibam todos"... até agora invadido pelos maus poetas.

A sua carta sobre o Christo Redemptor é expressiva; e, comquanto esta pagina não se destine a publicação de missivas, não resisto ao desejo de offerecer a sua ao bom gosto dos nossos consulentes.

Diz v. ex:

"Yves. Ouvi varias vezes a seguinte phrase no dia da festa de Christo. "Jesus está zangado com a humanidade e nos prova mandando este mau tempo". Senti que não era verdadeiro o que diziam e fixando meu pensamento em Jesus isento de toda paixão incapaz de se incolerizar, vi sobre nuvens tal como na sua ressurreição; senti a sua immensa piedade por esse formigueiro tão sciente de seu saber e Jesus condoído olhava meigo o orgulho insensato dos homens pelo que acatavam de fazer; certificava-se o Christo da impossibilidade de um progresso rapido quiz na sua bondade vivificar aquella estatua relembrando aos seus que descia sobre nuvens, mostrando-se perfeitamente como está nos Ceus e interpretaram mau a sua intenção paternal, que foi recebida como prova de cólera.

Elle todo Amor! pobre humanidade! porem Jesus sabe que chegaremos a comprehendel-o e lá do alto sobre nuvens abre os braços abençoando-nos e perdoando a nessa vaidade.

O que fariamos nós Christo se fossemos mais sabios? — *Maria Libania Ferreira.*

e agora o que dirá v. sobre a minha pessoa Yves?"

Pergunta o que direi sobre a sua pessôa? Ora essa! Que se pode dizer de amavel a uma consulente?

1° — Que é bonita; 2° — Que é joven: 16 annos, no maximo — com o direito de permanecer ahi, por mais quatro ou cinco; 3° — Que é intelligente, etc. etc.

IRENE DRUMMOND (Capital) — V. ex. me envia um cartão, no qual faz esta declaração: "Ao sr. Yves, cumprimentando, envio o soneto o "Beija-flor", para que seja comparado com o do sr. *Darcy*, publicado na secção "Saibam todos..."

O soneto a que se refere é de Auta de Souza poetiza lyrica, do Rio Grande do Norte, já fallecida. Foi um bello espirito e teve uma vida de invejavel pureza.

Vejamos o trabalho:

O BEIJA-FLOR

Acostumei-me a vêl-o todo o dia
De manhãzinha, alegre e prasenteiro,
Beijando as brancas flôres de um canteiro
No meu jardim — a patria da ambrosia.

Pequeno e lindo, só me parecia
Que era da noite o sonho derradeiro...
Vinha trazer ás rosas — o primeiro
Beijo de Sol, nessa manhã tão fria!

Um dia foi-se e não voltou... Mas quando
A suspirar, me ponho contemplando,
Sombrio e triste, o meu jardim risonho...

Digo, a pensar no tempo já passado:
Talvez, ó coração amargurado,
Aquelle beija-flor fosse o teu sonho!

1897 AUTA DE SOUZA

O soneto (!) do sr. *Darcy* é o seguinte:

BEIJA-FLOR

Contemplo-o por vel-o todo dia
De manhãzinha, alegre e prasenteiro,
Adejando ás orvalhadas flores d'um canteiro,
No meu jardim cheio de alegria.

Ligeiro e lindo, muito parecia,
Que foi da noite o sonho primeiro.
Vinha deixar ás rosas o ligeiro
Beijo do sol nessa manhã que ia...

N'um dia foi e não voltou... Mas quando,
A lamentar me ponho relembrando,
Morria triste o meu jardim de sonho...

Digo a olhar o tempo passado!
— Talvez ó coração desventurado
Aquelle beija-flor fosse o teu sonho.

Quer dizer: o sr. *Darcy* é um cavalheiro tão mediacre, de espirito tão "terre-á-terre", que não soube plagiar a bella poesia da poetisa angelica. Sim, porque ha plagiadores de élite: são os assimilados hábeis. Estes disfarçam de tal modo os seus roubos literarios que até não parecem ladrões de poesia. São como certas senhoritas que vão aos bailes com os vestidos das amigas...

Emquanto as donas as fiscalisam, para que não lhes manchem as *toilettes*, ellas se pavoneiam e asseguram aos "almofadinhas" embasbacados:

— Este vestido é Patou legitimo. Veiu ha pouco de Paris...

E o almofada de bôa fé:

— E' lindo. Vestido para dois ou tres contos?

E ella, saracoteante, enfeitada com "pennas de pavão":

— Cinco. Devido ao cambio;..

D. Irenne Drummond não conhecerá desses carés?... Eu os conheço, ás centenas...

Os plagiadores são como as senhoritas gabolas...

MISS ATLANTICO (Capital) — Corações de papel? Para que? Possuo muitos delles aqui na minha gaveta. Estão em centenas de cartas, como a sua. No fim do anno, deu balanço no meu archivo sentimental. Verifico os corações que ha, de acordo com as fórmulas com que são offertados: "Dou-te o meu coração..." — "Meu coração é teu"... — "Só tu possuirás o meu... coração"... E, como são perfeitamente inuteis, — não servem nem para uma fritada com batatas — resolvo pol-os no fogo, com as respectivas missivas perfumadas...

O seu vae ter a mesma sorte. A menos que o não substitua pelo outro... de carne e osso.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia destinada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4135

FON - FON — 31-10-931

Data da consulta...................................

Nome do consulente...................................

....

MEMORIAS POSTHUMAS DE UM

Por José Maria Senna

—

NOTA EXPLICATIVA

Si são interessantes ou não estas memorias, é coisa que me não preoccupa; deixo a cargo do meu eventual leitor discernir. Nós aqui, deste outro lado da vida nada temos que fazer. E, dahi, a resolução que tomei de rabiscar papel para matar o tempo, o qual não mais me póde matar...

Mania velha e inoffensiva esta para os outros, os que me lêm, mas que a mim me levou a metter uma bala na cabeça. O peór, ou melhor?, é que ella me acompanhou além-tumulo.

Nesse mundo, o escrever martyrizava-me; aqui, distráe-me. Portanto, foi melhor.

I

UM CONSELHO

Braz Cubas, o meu célebre amigo Braz Cubas, que tive a fortuna de abraçar, aconselhou-me que começasse as minhas memorias pela minha morte. Disse-me elle que assim procedêra e que não se déra mal.

Ponderei-lhe que se esquecia de um factor de grande importancia, a saber: a elle sobrava talento e a mim...

Braz Cubas sorriu e retrucou que cada qual faz o que póde.

Concordei.

II

O TALENTO

Afinal, pensando bem, o talento, nos tempos de hoje, é objecto de luxo. Além disto, só escreve, na actualidade, quem é burro. E de mais, hoje, como antes de eu morrer, um grande escriptor é fabricado.

Foi-se o século em que La-Fontaine refazia doze vezes uma mesma e pequenina fabula.

Para que tanto trabalho?

Basta que se escreva o livro. Distribuem-se alguns exemplares entre os jornalistas e criticos amigos, pedindo-lhes que noticiem. Os prélos gemem. E, na manhã seguinte, o publico fica sciente da existencia de mais um grande escriptor, o autor do livro tal, um primor de estylo, etc., etc.

O publico lê a noticia por alto, nos jornaes. Guarda, menos mal, o nome do escriptor. Porém, a vida é tão agitada, é tão difficil! Não dá vagar para a leitura.

Amanhã, reune-se um grupo. Discute-se literatura, por já nada mais se ter de dizer da politica.

Ninguém quer passar por ignorante na materia. Recorre-se ás informações dos jornaes. Ás opiniões dos criticos, e, com ellas, celebra-se o livro que não foi lido.

Talento...?

III

MINHA MORTE

Era uma sexta-feira da paixão. O dia mais triste dos trezentos e [illegible], que perfazem os dozes mezes, correspondentes a um anno.

Lembrei-me que Jesus Christo era filho de Deus e Dsus elle proprio. E que, não obstante, fôra tratado, escarnecido, maltratado e cruxificado.

Pensei:

— Si elle, que é um Deus, soffreu tanto, que posso eu, um vil peccador, esperar da vida, da minha vida irritante de dactylographo-literato. Nada... Nada...

Occorreu-me, então, que viéra do nada e que ao nada tornaria mais hoje, mais amanhã.

Por que não seria hoje?

Uma bala poz termo ás minhas cogitações e fulminou o relogio que trazia no peito.

IV

O RELOGIO

Foi a maior fatalidade de minha vida. Quer de dia, quer de noite, o relogio era o phantasma que me perseguia e era o meu pesadelo.

Si pudesse, teria, ás vezes, feito estacar o tempo na sua marcha lenta de segundos e minutos, horas e dias, semanas e mezes; de outros, [illegible] voar, de parelhas com a minha impaciencia.

V

O ENTERRO

Foi simples e obscuro como a minha vida.

Ao sahir de minha casa, o caixão mortuario, que era carregado por seis collegas do banco, em que trabalhára, minha mãe prorompeu em convulsivo pranto. Era a marcha funebre. Minhas irmãs faziam o acompanhamento.

Parámos na igreja para que eu fosse encommendado. Um padre pequenino aproximou-se:

— Quem paga?

Meu irmão respondeu:

— Eu! Quanto é?

— Vinte mil reis.

O mano metteu a mão no bolso. Ficou vermelho. Recorreu aos outros bolsos. Nada. Não tinha dinheiro. Disse ao padre. Um dos ex-collegas lembrou-se de uma collecta entre os seis. Bondoso collega! Não me arrependo de lhe haver emprestado aquelles dez mil reis que nunca mais voltaram.

Arranjado e entregue o dinheiro ao padre, fui eu encommendado.

Chegámos ao cemiterio. Desci á cóva. Meu irmão e collegas voltaram apressadamente para a cidade. Era sabbado. A Avenida devia estar cheia de moças e elles eram jovens...

Os coveiros, emquanto atiravam as pás de terra sobre o meu caixão, conversavam. Um contava ao outro uma anecdota, que fez corar o meu cadaver...

VI

OS NECROLOGIOS

— A —

Os jornaes, no louvavel intuito de venderem mais alguns exemplares, estamparam em letras garrafaes a nova sensacional: "O joven que se matou na sexta-feira da paixão."

Seguia-se uma historia phantastica, em que attribuiam o meu suicidio a um caso de amor mais phantastico ainda.

E a reportagem terminava assim: "Jeronymo Balthazar (este é o meu nome) escrevia tambem. Deixou alguns contos espalhados pelos nossos jornaes e revistas."

Antes isto. Seria muito mais triste si não se lembrassem de dizer que eu escrevêra uns contos.

— B —

Os meus collegas de banco, quando a noticia cahiu como uma bomba entre elles, fizéram o meu necrologio nestes termos:

DACTYLOGRAPHO-LITERATO

— O Balthazar! Quem diria, si Muda ante-hontem estava vivo, trabalhando... Coitado! Era tão bomzinho...

Bomzinho... Melhor é calar, senão lhes digo uma...

— C —

Os meus confrades literários ficaram tristes. E' que eu era o espelho em que viam se reflectir as suas próprias desillusões.

VII

A RODA GIGANTE

Eu, lá do alto da roda gigante, que estacára, vi e li o que consta do capitulo anterior.

Ás súbitas, a roda se poz em movimento. Senti a sensação de quem cahe no vácuo e, quando dei por mim, começava a subir de costas. E repassei pela minha infancia e pela minha mocidade.

VIII

INFANCIA

Meu caro e eventual leitor, você nasceu e teve infancia, não é verdade? Volva os olhos a esta quadra de sua vida. Lembra-se dos seus brinquedos? Recorda-se de suas pequenas namoradas? Que deliciosos e innocentes beijos não trocaram vocês dois, hein, seu manganão?

— Que é isto?! Você está chorando? Vamos! Não faça tal coisa, amigo. Mas, aqui para nós, era mesmo bom, não era? E a vida escolar e as surras que a mamãe lhe applicava? E o jogo de *foot-ball* na rua?

Não é certo que não se esqueceu dos seus romances predilectos. Os "Três Mosqueteiros". O Justino Claret, dos *Mysterios de Nova-York*. E o Hardy de *Passavant le Hardy*? E o Raffls?

— Ah!... Si me lembro! — Ouço você dizer.

Pois bem! Muda apenas o scenario e ahi tem a minha infancia.

IX

A LUTA PELA VIDA

Tinha eu quatorze annos quando a senhora d. Necessidade me chamou e disse:

— Menino! Põe calças compridas. Deixa os teus livros de escolar e toca a trabalhar.

Empreguei-me nos Telegraphos. Ahi, começou o phantasma relogio a perseguir-me.

Entrava, de quatro em quatro dias, á meia-noite para o serviço, que abandonava ás sete da manhã. Que horas infindáveis! E eu com tanto somno! Note-se que nos tres dias intercalados trabalhava tambem, mas durante o dia.

Nos meus quatro annos de Telegrapho, conheci o amor-sentimento, o amor que se compra, o jogo, as noites perdidas em bailes e serenatas. As serenatas!

Como eu era maluco por uma serenata, quando a cidade sonhava á claridade do luar. Romantismo? Sim. Desgraçadamente, era romantico e fui pela vida adeante um romântico.

[illegible] inutil com um atrazo de um século. Dahi se explica ter sempre perdido o ponto quer na repartição, quer depois no banco.

X

MAIORIDADE

Fiz vinte e um annos um dia antes do centenário do grande Imperador Pedro II.

— Deixe, leitor amigo, que se aposse do teu coração, um momento apenas, a imagem bondosa e nobre do nosso segundo Imperador, o unico dos nossos dirigentes que amou verdadeira e desinteressadamente a sua patria, da qual o exilaram e de quem elle sempre falava com os olhos marejados de lagrimas, curtindo, sem um queixume, a sua saudade e perdoando a ingratidão dos homens.

XI

DACTYLOGRAPHO

Iniciára já a minha vida de dactylographo-correspondente, no escriptorio de uma casa de fazendas por atacado.

Trabalhava esforçadamente havia um anno e meio quando o commercio teve um collapso. Era o primeiro alarmante symptoma da crise em que ainda hoje se debate.

O serviço escasseou. Não obstante, tinha que permanecer no escriptorio das sete da manhã ás seis da tarde, acompanhando, com o olhar, o vôo curto de uma ou outra andorinha, que passava em frente á janella do escriptorio...

— Que passaro feliz — pensava. E' livre! livre! E eu...

Também queria ser livre. Si o meu corpo estava encarcerado entre aquellas quatro paredes, o pensamento podia vôar, como a andorinha, no espaço azul.

Dahi...

XII

O LITERATO

Dahi a idéa que me veiu de escrever. Experimentei. Ao fim de uma semana, havia enchido um caderno de duzentas folhas. Estava devéras satisfeito com a minha fecundidade. Vaidoso, embrulhei o caderno, juntamente com as minhas esperanças, e enviei o pacote a um ex-collega de grupo, que já collaborava na imprensa diaria.

Fiquei na expectativa. Dias depois, recebia o caderno. Dentro delle, encontrei minhas esperanças amarellecidas e a carta transcripta no capitulo seguinte.

XIII

A CARTA

"Li os seus contos. Estão bons.
"Não pensei que o amigo fosse tão
"grande apreciador da literatura.
"Mas olhe lá: o estylo de romance
"traduzido (o seu) nunca se ada-
"pta bem as do contista. O segun-
"do deve ser mais concentrado, ter
"menos diálogos, explicações não
"tantas. Do contrario, torna-se de-
"feituoso — J..."

Si bem que ficasse bastante desapontado, gostei da sinceridade meio velada do ex-collega.

Mais tarde, verifiquei que os contos não eram bons; pessimos é que eram.

XIV

RESOLUÇÃO

Abri, com mão firme, o meu armario. Percorri os meus livros um a um. Dei um abraço de despedida no d'Artagnan, outro no meu velho amigo Pardaillan.

Quasi chorei, palavra!

Passei os livros todos para a ultima estante. Fechei o armario e sahi de casa.

(Continúa no proximo numero)

OS reis e senhores feudaes da Idade Média aproveitavam as especies teratologicas para diversão sua e de seus aulicos. Os regulos modernos utilizam-se dos aleijões moraes...

* * *

As mulheres encantadoras amam os homens cynicos, da mesma maneira que estes adoram aquellas...

* * *

Antigamente, chamavam-se "Bôbos" aos individuos que faziam rir aos potentados; hoje são ditos "amigos incondicionaes".

* * *

Na vida, como no amor, não ha miséria: — ha miseráveis.

* * *

Mulheres ha que se deixam levar por uma simples roda de pneumatico, servindo de salva-vidas... São as afogadas na futilidade.

* * *

Entre o desprezo e o amor, sou pelo primeiro. Quem despreza, já amou e quem ama, talvez nunca tenha desprezado.

Tiros de

* * *

O ciume é irmão gemeo do crime. O ciumento é um criminoso em embryão e o criminoso, raras vezes é ciumento.

* * *

Como as noites de borrasca accendem os máus instinctos, as noites de luar desabrocham no coração as flores do amor...

* * *

O desprezo é uma variação do amor.

* * *

As pedras que formam o "quebra-mar" da muralha da praia do Flamengo, com os hellotherapicos, fazem lembrar a "morgue", onde tambem ha corpos em exposição...

* * *

A inveja é uma demonstração de sympathia.

* * *

Duas expressões que se confundem no sorriso da mulher: o da mulher que ama com o da que teme o amante.

* * *

O Mal é o Bem regenerado.

* * *

Certas mulheres usam a sombrinha em gesto ameaçador ao galanteio que alguem, porventura, queira dirigir. Ha quem goste de andar armado para uso dos outros...

* * *

Entre o envelhecimento e o envilecimento ha quem prefira o primeiro; a este as rugas accusam, em quanto que ao ultimo raras vezes a sociedade faz caso...

* * *

Chefes de familia ha que, fazendo-se acompanhar da esposa ou filhas casadoiras, franzem o sobrecenho, afim de ser respeitados. O firmamento tambem, escurecendo-se, é, da mesma maneira, um aviso aos ousados, e, no emtanto, os aviadores "decollam"...

* * *

O ciume é o aguilhão dos vencidos pelo Amor...

* * *

O sal é para a comida o que o beijo é para o Amor. Somente um

Morteiro

bôa cozinheira sabe temperar, como só uma mulher intelligente sabe beijar...

* * *

O sublime só é apreciavel quando chega ao horrivel...

* * *

O homem jamais se compromette quando escreve o hymno da sua admiração por uma mulher.

* * *

Ha quem procure no amor a sensação dos escandalos que os jornaes divulgam. O escandalo de hontem já não interessa ao leitor de amanhã...

* * *

Nas mulheres lindas tudo tem graça e tudo é innocencia: até o peccado...

* * *

Evito certas paixões como respeito certos cartazes affixados nos omnibus e nos caminhos de ferro: "Cuidado! Não se debruce sobre a janella". Muita gente tem perdido a cabeça por desobediencia.

* * *

Tudo que se faz em nome do Amôr é sagrado. Até a miseria moral, em seu nome, tem laivos de Eternidade.

* * *

E' perigoso o romance no amôr, porque ha certas novellas cujos epilogos são fataes. Quando não terminam em tragedia, findam no casamento...

* * *

O homem é corajoso para o amôr e pusillanime pelo mesmo amôr.

* * *

Em amôr, como na guerra, só a embriaguez exalta...

* * *

A frieza, no trato, não é paixão, é calculo; o amôr quer dizer: sonho, miragem, allucinação...

* * *

A falta de razão numa mulher vale por um direito.

* * *

Não póde haver maior insulto para uma mulher do que a covardia do homem que ella chegou a amar.

A covardia do enamorado é uma das mais sinceras provas de enorme bem-querer.

* * *

As mulheres bonitas tudo perdôam: até os insultos dos homens galantes...

* * *

Nada mais encantador que um amôr separado pelo odio.

* * *

A união de duas pessôas que se repellem já constitue um indice para a felicidade conjugal e affirmativa dos pontos de contacto entre os dois antonymos: odio e amôr.

* * *

Quem odeia, sinceramente, não se apercebe da existencia do inimigo, sinão na vingança.

* * *

O desprezo é uma maneira de se fazer amar.

* * *

Dizem que a Vida sem o Amôr é como a comida sem o sal. E ha tanta gente que vive em dieta...

ADONAI DE MEDEIROS

O CASAMENTO E A MORTALHA...

É ella senhora discreta, virtuosa, sem filhos, muito mocinha, muito simples, muito graciosa, — uma violeta singela —, a qual sobrevive ao marido.

E' elle homem prudente, tambem virtuoso, possuidor da arte de viver, cuidadoso de si, perfeito varão, a quem morre a mulher.

Um não sabia da existencia do outro. Nem podia saber. De vida simples, não obstante terem ambos a fortuna de ser ricos, são naturaes de Estados differentes e bem distantes.

Vêem fixar residencia no Rio de Janeiro e aqui perdem os seus conjuges e vivem sós, porquanto ficaram sem filhos.

Ambos, sem necessidade de ganhar a vida, passam-na insipidamente, mas já não desejam tornar ao torrão nativo, até porque têm de zelar pela sepultura dos fallecidos de cada um. Só se preoccupam com visitar os tumulos vizinhos dos inesqueciveis entes que dormem o somno eterno. E' o cemiterio o logar aonde vão nas manhãs domingueiras, carregados de flores naturaes. Na igreja depois se ajuntam a outros fieis para assistirem todos ao incruento sacrificio da Lei da Graça; e lá rezam os dois pelos manes dos conjuges desapparecidos.

E assim decorrem os dias, as semanas, os mezes, até observar elle a presença della na mansão dos mortos, e ali ella a observar a presença delle. Ficam indifferentes. Certa vez, porém, com toda a indifferença, com toda a frieza com que se olha uma coisa, ella, sem querer, olha-o graciosamente de través; elle, por querer, já lhe lançava os olhos mesurados.

Um incidente sem minima importancia. Nenhum mal póde haver nisso. E vão ouvir missa ao mesmo tempo e consideram em si mesmos que professam ambos a verdadeira fé.

Concebem existir entre elles a solidez da crença; percebem a solidariedade do estado civil.

Em casa rememoram factos e ensaiam sorrir. E acham que rir delicadamente não é crime algum!

*

Novo encontro no mesmo logar, carregados de flores.

Por simples curiosidade, vae ella examinar as intenções do companheiro de viuvez e dá com o olhar supplice delle, que lhe offende a vista e lhe faz grande impressão sobre o animo. Baixa os olhos. Os nervos trabalham; fazem-na chorar. O chôro allivia a sua pequenina afflicção. Junta as mãos palma com palma, dobra o corpo, inclina a cabeça até as mãos e ensaia uma prece.

Nesse dia, já não tenta examinar coisas nem casos. Faz ali mesmo comsigo propria um exame de consciencia...

E, ansioso, elle lhe aguardava em vão um olhar, ainda que de través!

Entretanto, no proximo encontro, já tudo se passa de modo differente. Favorece ella o companheiro com a sua approvação tácita. Não ha palavras, mas, sentenciosos, os olhos dizem tudo.

Sorri elle. Ella, porém, ainda não dá o ar de um sorriso; não obstante os olhos com toda a seriedade approvarem a felicidade delle, não obstante estar elle ao pé do mausoléu da outra!

*

Por ultimo, já não vão todos os domingos ao campo santo, porquanto parece existir uma pontinha de ciume de parte

— Desejava saber si o senhor póde fazer uma ampliação deste retrato de meu netinho, que morreu com um mez e meio.
— De que tamanho?
— Já o direi: elle teria, agora, vinte e um annos...

Conto de Hormino Lyra

a parte, provocado pela lembrança de caros entes inexistentes; mas vão assistir á missa ao templo do bairro onde ella, ha algum tempo, habita; pois, guardando distancia, o primeiro cuidado delle é descobrir-lhe a residencia estavel.

Resoluto, em certo dia, no portão do São João Baptista recorre elle á sympathica companheira de estado, a ver si esta o livra de imminente perigo; o nervosismo, tedioso manifestado pelo facto de viver tão só... Enche-o de horror a solidão!

Ouve-o singularmente corada, mas escuta-o attentamente para lhe perceber as meias palavras.

E' a vez primeira que vae elle ouvir a voz meiga e serena da gentillima senhora quando lhe diz ella com encantadora simplicidade não ser ali legar apropriado para entrevistas daquelle genero. Accede de alguma fórma á supplica; pede-lhe não a acompanhar, nem de longe; por fim, designa um seu parente, pessôa amiga, a quem deve o solicitante dirigir-se quando for opportuno tratar do caso em causa. Por ora, ainda acha muito cêdo!

Elle a modo não ouve o que ella diz, e como que vae sorvendo, bebendo as palavras articuladas com clareza e brandura, e não tem animo de lhe fazer nenhum reparo e accommoda-se á vontade della.

*

E o tempo vae passando, e o nervosismo tedioso pela solidão vae chegando, e, impaciente, deixa elle de satisfazer aos desejos della e começa a insistir por se unirem pelos laços legaes.

A apreciada senhora ainda acha cêdo, muito cêdo ainda para cuidarem da união solicitada por intermedio do parente. Vivia feliz em companhia do marido, de quem era muito amiga (?) e não era possivel esquecêl-o assim; si se verificasse o contrario, já teria decidido unir-se ao solicitante.

O parente, porém, já excede os limites do simples intermediario e assume de seu moto proprio e por autoridade propria as funcções de *pistolão!* Passa a dar-lhe conselhos: devia ella acautelar o seu nome, evitando delongas que lhe podem ser prejudiciaes á bôa reputação. Que se não esqueça do dizer da sabedoria popular; casamento demorado; casamento demanchado!

As supplicas do viuvo, os conselhos do parente amollecem a gentillima senhora; e esta, apesar de irresoluta acêrca do caso e duvidosa acêrca da promessa e cheia de razões só della conhecidas, cede.

Dá-se a cerimonia nupcial com a maxima simplicidade.

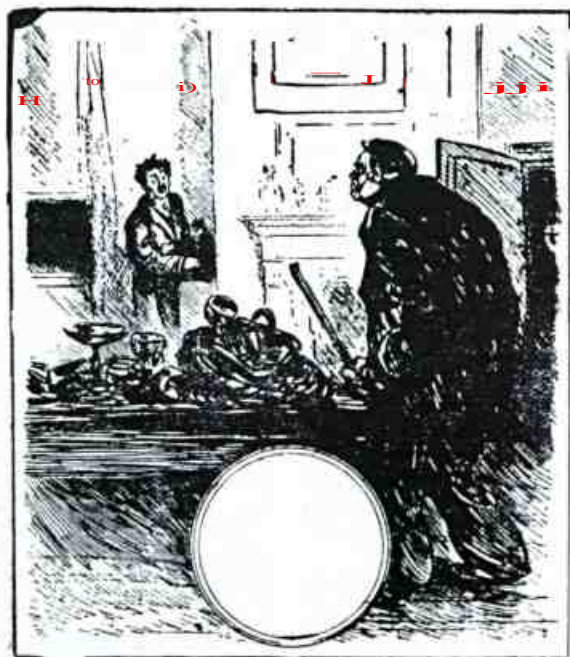
•

Amiga antiga da familia e com certo grão de parentesco e que não tem papas na lingua, a qual vae visital-a, admira-se da consumação do matrimonio, por isto:

Quiz a recem-casada suicidar-se com o desapparecimento do primeiro marido; soffreu muito, mas soffreu de verdade, e esqueceu-o tão cêdo. Conhece-lhe tambem o segundo: este foi encontrado de arma em punho tambem no dia do desapparecimento da mulherzinha querida, procurando um ponto mortal afim de disparar o revólver quando alguem lhe o arrebata da mão...

A recem-casada ouve tudo sem protesto e com uma reticencia omitte voluntariamente velho adagio, cujas primeiras palavras ia articulando com bastante clareza:

— O casamento e a mortalha...

PINTOR FUTURISTA — O dono do retrato esteve aqui e pediu-me que diminuisse um pouco o nariz!
— E só por causa disto te desesperas?
— Pois si eu não sei onde é que colloquei o nariz...

— Não leve a mal, senhor ladrão, mas talvez que se lembre do numero do telephone da delegacia, não?

O LINDO

— Ella disse que dansaria commigo, se eu lhe levasse uma rosa vermelha...

Oscar Wilde.

* *

NA placidez da noite, sob a luz debilmente pallida das estrellas dominando a cidade silenciosa, o Poeta da sua agua-furtada, seguia com os olhos violeta a Lua que fulgia no azul do céo...

— Elle disse que me traria, para sempre, no engaste azul de sua pupilla, se eu lhe désse um beijo! — exclamou a Lua. — E não tenho um só nos labios frios...

Todas as estrellas, em lagrimas candentes, se perderam no espaço.

— Nenhum beijo em meu labios para eu levar ao meu amado... — continuou a Lua com os lindos olhos cheios dagua. — Dei-os a quantos m'os pediam... Eram puros, tão puros como as rosas brancas ao amanhecer. Amantes e amantes, nas noites serenas, vieram depôr ante o meu orgulho o thesouro das suas palavras. Deixaram-me nos labios a pallidez dos marmores e, na fronte, perdida em longas vigilias, a tristeza do silencio...

— E's, emfim, uma apaixonada. — Murmurou Estrella, que surgira palpitante de luz.

— O meu amado, no dia em que eu lhe der o beijo, juncar-se-á de numphazes brancos, que são como bergantis de prata a vagar pela sua agua. Contar-me-á, com a leve palavra de suas ondinas, a musica do nosso grande amor. E essa musica, e essa musica, desde então, ouve-a tão só meu coração... O meu amado, Estrella, é o Lago mais formoso do jardim. Tem no seu seio de saphyra peixes de ouro; gravado, na serenidade de sua fronte, a cór de todos os astros; o seu throno é do mais fino marmore de Carrora. Quando os chorões enamorados se debruçam em franjas verdes para lhe beijar a face, — os namorados, em deredor, ouvindo o cortejo dos passaros que cantam nas praças, trocam osculos, falando das maravilhas do amor... Elle sabe tanta historia bonita...

E a Lua, debruçando-se no hombro de uma nuvem, escondeu a face triste para chorar.

— Que coisa esquisita, a Lua apaixonada! — commentou a Nuvem. — o Amor... Tenho amado tanto e nunca encontrei coração que tivesse o segredo de me seduzir. Nos meus labios floriram e morreram, quaes flores que desabrocham num jardim, os mais lindos beijos já imaginados... Não me lembro mais quem m'os deu... E sempre fui feliz. E sempre sou feliz... Por causa de um Lago... sem beijo... Como é ridicula essa nobre senhora Lua!...

— Não. — aparteou o Sol, escondido longe.

Esmola para

E' um caso occorrido na Bahia, ha alguns annos, o que vou contar. Envergando comprido balandrau, de cabeça descoberta e de sacola na mão, de porta em porta, um velho pedia esmola para São Benedicto. Era pardo escuro, de longas barbas brancas, e a todos infundia respeito. Os devotos apressavam-se em dar-lhe a esmola para o santo.

A's vezes, descansava nas calçadas, para contar o dinheiro, o que mais dava realce á sua missão piedosa.

Certo dia, depois de longa peregrinação pelas ruas da cidade alta, sentou-se na calçada de uma casa terrea. Proximo, numa janella de rotula

POEMA...

Das pequeninas coisas é que surgem as grandes consequências.

— E' como a fagulha que ateia grande chammas, — disse o Céo, venerando, com ares de sabio.

De repente, a Nuvem abriu-se. A Lua reappareceu com o lindo rosto de crystal a escorrer de lagrimas.

— Dá-me tu, ó Nuvem, um beijo para eu levar ao meu amado, que eu te falarei das minhas viagens por paizes estranhos.

— O meu beijo é tão frio, que o teu amado julgará que estás morta...

— Dá-me um dos teus beijos, Estrella, que eu te contarei a minha historia linda...

— O meu beijo é tão pequeno, que o teu amado nem o sentirá.

Dá-me um beijo, Sol, para eu levar ao meu amado, que eu te contarei a balladas mais lindas de amor que os poetas escreveram em meu louvor...

— O meu beijo é tão grande e tão quente, que é capaz de seccar a pupila azul de teu amado...

Dá-me tu, ó Céo que eu te falarei de meu amado...

— O meu beijo tem todas as côres: — é amarello como o lio maduro do trigo; é verde como o estendal das florestas; é azul como as aguas serenas do mar; é róxo como a tristeza agonica do crepusculo... Tem todas as côres do arco-iris. Não. O meu beijo tem tantas côres, que o teu amado nem póde imaginar de quem elle é.... Procura um Poeta. Talvez te possa dar.

A Lua rumou para a janella do Poeta. Olhou-o com os olhos lindos cheios dagua. Elle tinha a cabeça apoiada nas mãos, esquecidos os olhos violeta no infinito, onde brilhava, agora, a luz mortiça das estrellas, no esforço de entendel-as...

— Poeta! — falou a Lua. — O meu amado disse que me traria, para sempre, gravado na sua retina azul, si eu lhe désse um beijo. Não me resta um só nos labios. Dá-mo tu, Poeta, que eu te contarei como é tecido o azul do Céo; a brancura de arminho das Nuvens; a rosa rubra que o Sol abre pela manhã, o ouro de que são feito as estrellas. E tu, Poeta, farás o mais lindo dos Poemas...

— Dá-me a tua face — pediu o Poeta.

A Lua inclinou-se, para receber o beijo. E, muito baixinho, falou-lhe com enlevo na alma, de todos os encantos... E o Poeta, aos poucos, sentiu florir, na sua alma maravilhada, o mais lindo de todos os poemas:

— Amor.

ACHILLES VIVACQUA

COISAS DO VINHO — E por que não tocas a buzina, pedaço de idiota?

"São Benedicto"

U'a moça, sem ser vista, ouvia attenta o que elle dizia de si para si, distribuindo em parcellas a importancia das esmolas:

— Mil reis para feijão, dois mil reis para carne secca, duzentos reis para tomates, cem reis para vinagre... Diabo! — exclama — falta para o toucinho...

Levantou-se e pediu, com toda a uncção, pela mesma fresta de rotula por onde era observado:

— Esmola para São Benedicto...

E a joven, no mesmo tom piedoso:

— "São Benedicto" que coma sem toucinho, irmão!...

Leopoldo do Amaral

(*Do livro "Aperturas de um apertado" a ser publicado*).

O QUE SE DEVE SABER

O IMPIEDOSO DESTINO DOS GENIOS

Os raros homens a quem a civilização sagrou com o nome de genios, foram, geralmente, desgraçados. Os grandes artistas têem sido particularmente castigados pelo destino. Dante morreu na miseria e esta foi a sorte commum de quasi todos os grandes poetas italianos: pobres, até a miseria, não só na morte como durante a vida. Leopardi pedia, em vão, para viver, uma modesta cathedra ou um emprego de bibliothecario.

Fóscolo, que morreu em extrema pobreza, em Londres, viu-se obrigado a dar lições particulares de primeiras letras e a vender livros.

E' conhecida, tambem, a heroica pobreza de Parini: "Minha mãe não terá pão se eu lh'o não der e eu não tenho dinheiro."

Tasso, doente e sem recursos, pediu asylo aos monges de Santonofrio e morreu em leito alheio. Machiavelli falleceu pobre e atormentado pelo espectaculo da Italia infelicitada pelas facções.

Os sabios não foram mais afortunados do que os artistas.

Vesale, o creador da anatomia, foi accusado de haver praticado a dissecção de um homem vivo, sendo condemnado á morte pela Inquisição. Felippe II commutou-lhe a pena por uma peregrinação a Jerusalem, porém, no regresso, o navio naufragou perto de Zante, onde o famoso anatomista morreu á mingua.

A Revolução franceza não perdoou aos filhos da gloria.

O pae da chimica, Lavoisier, o poeta André Chenier, o astronomo Bailly, o ministro Maleshérbs, etc., foram guilhotinados.

Quando Lavoisier foi conduzido á presença do tribunal revolucionario, alguem tomou a sua defesa e pediu que se deixasse em liberdade o pae da chimica moderna. Um tal Coffinal, ergueu-se, porém, e num gesto de gladiador, bradou:

— A republica não precisa de sabios!

O celebre Bailly, autor da historia da astronomia, levado ao patibulo numa tarde de novembro, sem casaco e sob a chuva fria, começou a tremer.

— Tremes, Bailly? — disse-lhe o carrasco.

— Sim, amigo — respondeu o ancião, sorrindo — mas é de frio.

Quando Maleshérbes appareceu na prisão seus companheiros de desventura puzeram-se em pé, em signal de respeito.

— Tambem, o senhor? — disse-lhe um.

— Que quer, amigo. Descobriram, nos meus ultimos dias, que sou um máu sujeito, e prenderam-me.

Servet, precursor do descobrimento da circulação pulmonar, foi queimado vivo em Genebra.

Rousseau, calumniado, supportou vinte annos de desterro.

Bacon, precursor de Galileu e de Newton, soffreu dez annos de carcere, e, ao morrer, depois de tantos soffrimentos e decepções, apenas disse:

— Arrependo-me de haver sacrificado toda minha vida em favor da sciencia.

Guttemberg, inventor da imprensa, foi tambem calumniado, perseguido, processado, e morreu pauperrimo.

Muitos homens de genio, exasperados pela indifferença ou pela ingratidão, suicidaram-se. Horacio Wells, o descobridor da anesthesia, matou-se, cortando os pulsos e aspirando ether; John Kicht, o descobridor do barco a vapor, lançou-se ao rio Delawre, onde morreu afogado. O poeta inglez, Chatterton, antes de completar os 20 annos, pediu ao arsenico o esquecimento e a morte. Gerard de Nerval enforcou-se por que não tinha o que comer.

A inveja dos mediocres, que sempre persegue o genio, mais de uma vez attingiu ao crime. E varios homens de valor tombaram, victimas de despeitados e invejosos, como Wirsung, o famoso cirurgião, descobridor do canal do pancreas, assassinado por seu rival Cambier, etc.

Camões, depois de grandes padecimentos, morreu num leito de hospital, apenas assistido, na sua vida de miséria, pelo seu fiel creado, que mendigava para alimental-o.

— E, assim, quantos mais?...

— Estudando o officio de cabelleireiro, por correspondencia...

ALFINETES

Casa de saúde é a casa onde ha mais doentes.

*

Bate a mãe no filhinho e diz: "Si faço assim, é porque te quero muito".

*

Anjinhos — mensageiros do céo — um instrumento de tortura.

*

Quanto mais se sóbe em idade, mais descem as carnes do rosto.

*

Felicidade é uma plantinha tenra que só medra no jardim alheio. Não dá semente nem pega de galho.

*

Não sei porque — geralmente são os sujeitos desdentados que *mordem* mais.

*

Humorista é o homem que pretende fazer cócegas na sensibilidade alheia.

A moura-torta deixou vasta descendencia entre nós. O sól das praias é quem faz o *moreno* de muita moça fina. O cabello vae por conta da ondulação permanente.

*

Maledicencia é o meio de se falar naquillo que não se póde fazer.

*

Concurso: Luta em que se batem diversos contendores. Só vencem, porém, aquelles que estão armados de *pistolão*.

*

Banco — lugar de descanso. Mas, com esta crise, quem tem dinheiro no banco, não vive descançado.

*

O plagio perpetrado por algum escriptor de nomeada, chama-se — apenas — encontro de idéas.

*

Rapto é a combinação de dois pombinhos que batem a linda plumagem.

*

Seductor: Denominação dada ao infeliz que foi seduzido pelos encantos de uma mulher.

*

Altruismo é a mais disfarçada fórma do egoismo.

*

Em certa casa de artigos mortuarios, preso á fita de uma corôa, um folheto da Liga da Bôa Vontade: "Sorria, sorria sempre."

Yára do Rio

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 44

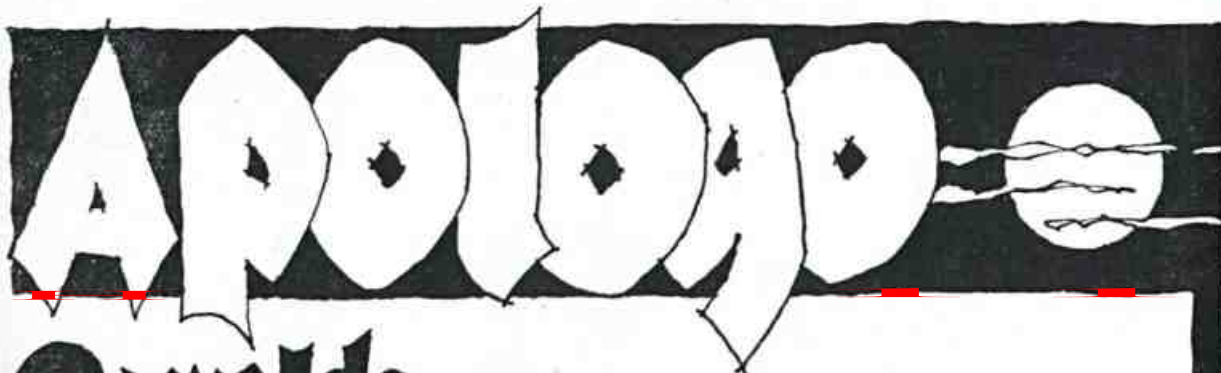
Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1931

CRISE DE... HOMENS

O caso desse velho lobo do mar, capitão E. Raabe, que, depois de conviver, durante mais de duas décadas, com os cannibaes do Pacifico, tornou á sua patria para, aos setenta e três annos de edade, alli colher a maior decepção da sua vida, em face da "crise de homens" do seu paiz, é profundamente desolador. Desolador e sensacional pela rude franqueza com que o velho marinheiro norte-americano formulou as suas decepcionantes declarações. "O meu paiz já não prepara homens, homens fortes e robustos, homens criteriosos, valentes e decididos" — disse o capitão Raabe, ao observar, entristecido, que os seus jovens patricio? se vêem tornando cada vez mais physicamente effeminados, e, moralmente, desfibrados, sem aquella tempera de alma em que a mocidade do seu tempo formava e moldava o seu caracter.. "Antigamente havia verdadeiros homens. Agora, veja! — exclama o capitão Raabe: os bandidos atiram contra as suas victimas pelas costas e matam creanças inermes. Os moços envenenam-se com o uso de toxicos, de entorpecentes que os inutilizam!" E, depois de accentuar que se poderia crear essa especie de gente para alimento dos tubarões — se estes o quizessem — o bravo e rude marinheiro, encanecido nas lutas com o mar, foi-se a preparar o seu barco, afim de voltar para o meio dos cannibaes do Pacifico, que, apesar de selvagens e ferozes, não deixavam de ser... homens. Fico, por alguns momentos, a pensar, a reflectir, a pesar e medir, na justeza do seu meio termo, applicado, de um modo geral, aos homens de *tout le monde*, o amargo e duro remoque com que o velho lobo do mar deu as costas á gente nova da sua grande patria. E, apesar das restricções com que, naturalmente, vou em soccorro da gente da geração a que pertenço, quasi que lhe dou razão de sóbra. A humanidade — a parte máscula e varonil da humanidade de hoje, mais, talvez, que a feminina, que vem disputando áquella muitos dos predicados e attributos que faziam a sua força e o seu antigo prestigio — está em franca decadencia, pelo menos physicamente e, *pour cause*, moralmente. A crise de homens é um facto, em toda parte. E os bons tempos em que os homens eram homens de verdade e tinham orgulho assim da sua masculinidade como da ascendencia moral que exerciam sobre o "mundo" de gente, que era, ás vezes, a sua prole, parece, mesmo, que já passaram. O vasto seio de Abrahão, sobre que descia a paz do Senhor, abençoando as gerações que se succederam á primeira e criminosa colheita de maçãs roubadas á Arvore do Bem e do Mal do Paraíso, com o correr dos séculos, e á proporção que o homem ia vencendo as diversas etapas da Civilização, cultuando cada vez mais o espirito em detrimento da sua propria animalidade, foi-se apertando e constringindo até a constituição da familia "synthetica" de hoje, destes duros dias de vida cara, apertada, super-hysterizada pela vertigem e pela inquietação dos sexos em luta, em conflicto, numa confusão de pesadello, em aberrações de pandemonio...

Napoleão disse, um dia, que o homem era... *une machine á vivre*. E o homem, esquecido de que as peças constitutivas da sua engrenagem physica estavam sujeitas á funcção do attrito, com as suas consequentes perdas de "efficiencia utilizavel", no louco, incontido afan de amoldar-se e adaptar-se ás condições ambientes que elle proprio vem creando, orgulhoso da sua obra de civilização e de progresso, de tudo lembrou-se menos de si mesmo, da contingencia da sua animalidade, hoje tão precaria quanto outrora tão sadia, tão robusta, tão superiormente máscula e varonil... *Mens sana, in corpore sano*, é o remedio para o mal, a formula salvadora da velha machina da humanidade, tão gasta pela vertigem e pela trepidação do seculo. E não será á falta de lubrificantes de todas as marcas e qualidades, que o homem deixará enferrujarem-se as peças da sua *machine á vivre*, como dizia Napoleão, afim de voltar a ser o bello, sadio e forte animal que sempre foi...

ELCIAS LOPES

Oswaldo Santiago

PAULO WERNECK ILLUST

ENCONTRARAM-SE, um dia, num desencontro da Vida.

O homem, pobre e triste, batido de tempestades interiores, e o cachorro, um miseravel esqueleto canino, trepado sobre quatro pernas vacillantes.

Uma reproducção do poema de Junqueiro.

Fiel e o pintor.

Ou melhor: um cão e um vagabundo, hospedes do mesmo desabrigo, saciados da mesma fome, duas vidas, emfim, que se pareciam e se tocavam, sob todos os aspectos...

* * *

Quando a noite descia e se cobria de uma prataria alvadia, os dois, silenciosos, devoravam com os olhos avidos a bolacha luminosa da Lua.

E erravam pelas ruas...

Alli, uma cadellinha, enfeitada de laços de fita e fazendo tilintarem os brincos dos guizos, fugia, sem fugir, aos affagos de um Terra-Nova encolerizado.

Acolá, um moço romantico ruborizava-se escutando o que lhe dizia uma rapariga inexperiente...

A vida, em redor delles, era uma festa.

E os dois, silenciosos, devoravam com os olhos avidos a bolacha luminosa da Lua, quando a Noite descia e se cobria de uma prataria alvadia...

* * *

Cansado do heroismo de semelhante existencia, o homem decidiu acabar com ella.

Sem um amor, sem uma saudade e sem uma esperança, de nada lhe servia, na verdade, a peregrinação inutil em que se obstinava.

Resolveu suicidar-se.

E o cão, que se acostumára a apprehender-lhe os pensamentos pelos sulcos do rosto cavado e grave, deliberou acompanhál-o nesse gesto supremo de renuncia.

* * *

O bairro formigava.

Gente que ia, gente que vinha, indo e vindo para as suas alegrias e tristezas.

Automoveis.

Um automovel em marcha rapida e dois vultos que se vão postar, resolutos, á sua frente.

Estridulam no ar uivos lancinantes.

Segue-se um mixto de exclamações humanas, fonfonadas de omnibus e campainhadas de bondes interrompidos.

* * *

O cachorro ficára debaixo do auto.

O homem, no dia seguinte, foi visto a errar pelas ruas, devorando com os olhos avidos a bolacha luminosa da Lua...

Uma deslumbrante visão nocturna do monumento de Christo Redemptor, illuminado.

Escriptores e livros

Elcias Lopes — TEIA DE ARANHA — Emp. Almanak Laemmert — Rio — 1931

ELCIAS LOPES publicou o seu primeiro livro, mas, o facto não tem a significação de uma estréa literaria. Elcias é um escriptor de raça, sobejamente conhecido através das lutas do jornalismo da sua terra de sol, o Ceará, e tambem porque o seu luminoso espirito ha muito vem espargindo belleza nas paginas brancas de FON-FON.

Nesta casa, onde uma pequena familia romantica ainda agazalha, no cerebro e no coração, uns *restinhos de sonho*, Elcias se destaca pelo lyrismo da sua alma, lyrismo que elle derrama nas columnas de *Balcão Florido* e *Alto-Falante*, duas secções avidamente lidas, porque, em verdade, nellas encontramos, sempre, algo de novo.

Elcias Lopes.

Elcias não precisa, pois, de apresentação, nem mesmo de quem lhe realce o espirito.

E' um victorioso que desbravou a estrada das letras, a golpes de talento, embora a sua modestia o faça acreditar o contrario.

Teia de Aranha, que ahi está, disputado de mão em mão, é um livro de raro encanto, pela essencia da materia prima e capricho material da impressão.

Na teia, no emmaranhado dos themas, o artista busca fugir ao imperativo da vida igual, burgueza, e larga o pensamento para além das estrellas...

Na philosophia da phrase de Elcias percebe-se que elle, calejado pelo soffrimento, tem ainda forças para ganhar, subir a montanha onde um ideal existe sempre para o homem de espirito que não se méde pela craveira commum dos minusculos sêres com os quaes, hombro a hombro, anda pelo mundo...

Nessa escalada gloriosa, o artista abre os refolhos da alma e canta, enaltece, sorri, e gargalha, dando, ás paginas que escreveu, o cunho da simplicidade enternecedora dos fortes, alheio ás represalias do mundo hostil em que vivemos.

O volume tem o luxo de uma *toilette* original, porque Manoel Constantino e Paulo Werneck, inspirando-se nos themas literarios de Elcias Lopes, illustraram as suas paginas com apurado gosto.

Berilo Neves — A MULHER E O DIABO — Rio — 1931

QUANDO o autor publicou o seu primeiro livro — *A costella de Adão*, escrevemos: "Entre os frivolos, que são maioria, na época literaria que atravessamos, Berilo Neves se destacou para formar na vanguarda dos raros, sob os applausos da multidão intelligente dos que procuram a companhia dos escriptores de *elite*." O nosso juizo não era resultante da leitura do volume, que acabava de conquistar um

Berilo Neves.

retumbante successo de livraria, e já em quarta edição, o que é famoso no Brasil.

Conheciamos a obra de Berilo, através da sua febril actividade jornalistica, como admiravamos as facetas do seu brilhante espirito desde quando surgiu victorioso para a gloria das nossas letras.

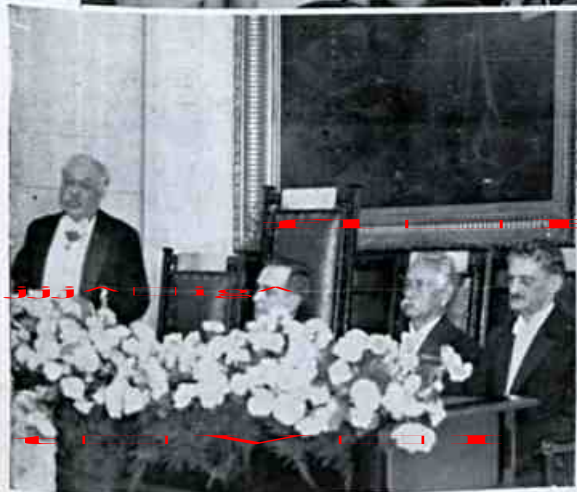
Berilo, porém, não se contentou com os applausos do grande publico pela publicação de *A costella de Adão*, e apparece novamente como autor de outro livro de contos, absolutamente encantador: *A mulher e o diabo*.

São episodios amaveis, que Berilo explora com uma arte tão sua, cheia de graça, de imaginação rica, de elegancia requintada, de alegria profusa.

Contos para serem lidos com um sorriso á flôr dos labios e que trazem o sabor inedito, a marca do bizarro talento do autor.

Linguagem pura, escorreita, limpida, crystallina, simples, de um cerebro arejado, cuja preoccupação é espargir belleza e não cultivar pessimismos.

(Conclue na pagina seguinte)

Foi assignado na semana passada o accordo commercial entre a Allemanha e o Brasil. A cerimonia, realizou-se no Itamaraty, funccionando por parte do governo germanico o ministro Hubert Knipping e pelo nosso paiz o dr. Afranio de Mello Franco, ministro das Relações Exteriores. O cliché acima fixa um aspecto do acto solenne da assignatura do tratado teuto-brasileiro.

O Instituto Historico e Geographico Brasileiro commemorou o 93.° anniversario de sua fundação com uma solennidade que se realizou quarta-feira penultima, 21 do corrente, sob a presidencia do conde de Affonso Celso e com a presença do chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas e de outras altas autoridades. O primeiro orador foi o presidente perpetuo do Instituto, conde de Affonso Celso, que, abrindo a sessão, deu a palavra ao barão de Ramiz Galvão e ao dr. Max Fleiuss, lendo este, como secretario perpetuo, o seu relatorio concernente ao anno social a findar, e fazendo aquelle, no caracter de orador perpetuo, o necrologio dos socios fallecidos em 1931.

ESCRIPTORES E LIVROS

(Conclusão)

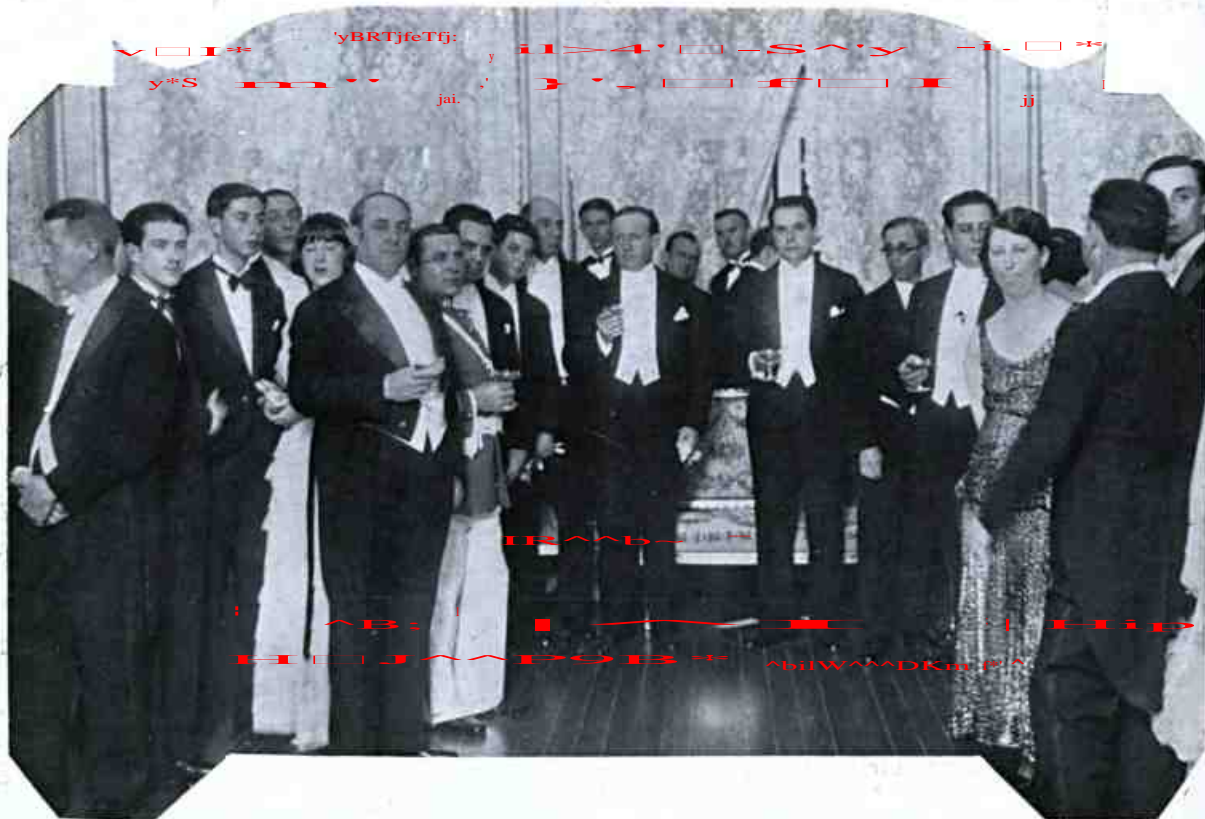
"Posto que haja tantos seculos que morreu aquella Eva, vive, comtudo, em toda mulher a sentença com que Deus a condemnou em todo o mesmo sexo, e assim viverá para sempre, e será immortal nelle, isto é, em ti, o castigo da mesma culpa. *Tu es diaboli janua*: Tu és a porta por onde entra o diabo ao homem."

Destas palavras do Padre Antonio Vieira, extrahiu Berilo Neves a essencia do seu novo livro, brincando com Eva e mais o Diabo.

Machiavel, que, segundo Berilo, habita o reino de Averno, no primeiro conto tenta o Diabo a commetter uma grande asneira: o casamento, com uma dama que devia estar no céo...

Mas, houve o divorcio, pois Belzebuth, comprehendendo em tempo a astucia de Machiavel, se vinga, fazendo-o marido da divorciada.

E' a primeira victoria do espirito scintillante de Berilo que conduz o leitor até o cahir do panno de *Eva no outro mundo*, para deixal-o com a sensação de ter sahido de um banho de espumas...

Mario Poppe

A alta rociedade de Porto-Alegre reuniu-se a 3 do corrente, no Club do Commercio, daquella capital, para festejar elegantemente, com um sumptuoso baile, a que compareceu, também, o interventor Flores da Cunha, a data da Revolução.

MEU CORAÇÃO

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração é um diabinho saltitante e perverso, libertino e máu...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração é um gracioso bebê de carne, muito doce, muito affectuoso...
— Meu bebê, tem, tem...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...

Meu coração é uma fonte inexgotavel de ternura...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração é um senhor escravo de si mesmo...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração tem a jovialidade do estudante e o scepticismo do mestre.
Tem vislumbres de paz e fúrias de fera raivosa...

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração é um bom burguez que, não tendo grandes ambições nem se deixando contagiar pela sêde de riquezas, prefere deixar-se ficar deitado, calmamente, á sombra de uma arvore hospitaleira...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração tem claridades de verdadeiro genio e obscuridades de um Rio Lete...

Meu coração é grande, grande...
Meu coração entende todas as linguagens, quer sejam barbaras ou civilizadas...

* * *

Meu coração é pequenino, pequenino...
Meu coração é um diabinho saltitante e perverso, que passa as noites em constantes vigilias, e que eu nunca consegui adormecer...

CONCHITA CID

A «Semana da Primavéra», que se realizou em Nictheroy, sob os auspicios do maestro Hernani Bastos, presidente da commissão executiva da «Tarde Brasileira da Infancia», foi encerrada com a recepção offerecida ao mundo official, e na qual se commemorou, tambem, o «Dia do Estado do Rio».

Balcão Florido

O SORRISO DAS DESILLUSÕES

SE soubesses como tudo mudou... como é Somorio e triste o ambiente de abandono e de solidão dentro de que, hoje, palpita a angustia de todas as minhas desillusões!...

— A angustia das tuas desillusões?... Minha filha, as desillusões nem sempre são tão más: nós, és a que ellas elegem para a revelação das verdades que tumultuam na dôr que carrelam, é que, raramente, sabemos acolhêl-as e recebêl-as como devem ser acolhidas e recebidas.

— As desillusões? Se ellas só dôr e soffrimento e inquietação nos proporcionam, por que as receber sem revolta?

— Como te enganas, minha filha! Bem se vê que ainda não comprehendeste a vida, que, em teus labios, ainda não floriu o beijo amargo e sangrento da dôr...

— Se tenho soffrido tanto!...

— Só porque bateu á porta da tua vida, manso, de mansinho, para não te affligir muito, uma pobre e — quem sabe? — tambem afflicta desillusão?...

— Que me fez um grande mal, que encheu de sombra e de melancolia o mundo, em continua festa, do meu encantamento interior...

— E não comprehendeste, não, que ella, a pobre desillusão que tanto maldizes, penetrava o limiar do teu coração como uma amiga — uma amiguinha triste, talvez — que ia tentar abrir teus olhos para a verdadeira vida, para a realidade mesma da vida, que demorava a teus pés, sem que a sentisses ou, mesmo, adivinhasses, tanto e tão intensamente te deixáras dominar pelo feitiço deslumbramento do mundo de encantamento que fazia a tua fascinação!

— Se, sempre, vivi assim...

— E' que não vivias ainda, porque, só agora, sinto que estás começando a viver.

— Pelo soffrimento, pela dôr, pela inquietação?

— Não: pela revelação mesma da vida, de que as desillusões são como uma especie de mensageiras inquietas e afflictas.

— Inquietas e afflictas?

— Sim, quando, como no teu caso, ellas sentem que não serão bem acolhidas...

— E, quando as acolhemos bem?

— Então, ellas nos apparecem solicitas e sorridentes, porque as desillusões, como disse Maeterlinck, são os primeiros sorrisos da verdade.

— Da verdade?... Sim, talvez tenhas razão. Talvez seja assim, mesmo. Começo a comprehender...

— O sorriso das desillusões?

— Não: o sorriso amigo da vida...

HELIANTHO

Mlle. Olga Praguer é, indiscutivelmente, a rainha da canção popular entre nós. Da canção popular e dos cantares regionaes, em geral. Dona de uma voz rica de suavidade e colorido, cantando com a mesma graça com que dedilha o seu violão magico, a nossa talentosa patricia creou um largo circulo de admiradores, nos salões cariocas, onde tem brilhado sempre, de modo inconfundivel. Mlle. Olga Praguer realiza, hoje, ás 17 horas, um recital de canto, no theatro Casino. E' de prever o maior successo para essa vesperal de arte da applaudida e formosa artista brasileira.

Por motivo do julgamento final do concurso do monumento, pharol de Colombo, onde representou, em missão especial, o governo da Republica Dominicana, o sr. ministro Tulio Cestero offereceu, sexta-feira penultima, no Hotel Gloria, um banquete em honra do chanceller brasileiro, dr. Afranio de Mello Franco, tendo participado do mesmo, além do amphytrião e do homenageado, o ministro do Trabalho, dr. Lindolfo Collor, o chefe de policia do Districto Federal, dr. Baptista Luzardo, e outras autoridades brasileiras e diplomatas estrangeiros aqui acreditados.

Frank Lloyd Wright, eminente mestre da architectura contemporanea, que foi nosso hospede durante alguns dias, e um dos membros illustres do jury do concurso do pharol de Colombo, recebeu, sexta-feira penultima, no salão do Automovel Club, uma expressiva homenagem dos architectos brasileiros, os quaes, por iniciativa do Instituto Central dos Architectos, offereceram um almoço áquella grande figura da America do Norte, cuja fama tem irradiação no mundo inteiro.

Trezentos e tantos doutorandos de medicina, que formam a grande turma deste anno da Faculdade do Rio de Janeiro, collaram grão sabbado ultimo, á tarde, em brilhante solemnidade, que se realizou no Theatro João Caetano, sob a presidencia do ministro da Educação, dr. Belisario Penna, e com a presença do reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Fernando de Magalhães, do director da Faculdade de Medicina, dr. Leitão da Cunha, do dr. Luis Barbosa e de outros professores. Foi um brilhante acontecimento social a festa de collação de grão dos novos medicos.

As alumnas da classe de piano da Escola Brasileira de S. Christovão, que têm como professora a senhorita Jacy da Silva Godolphin, realizaram domingo passado, no salão de concertos daquelle estabelecimento de ensino, uma audição de pura arte, em que foram interpretados grandes autores, classicos e modernos, nacionaes e estrangeiros, desde o emocionante Chopin ao nosso tropical Villa-Lobos. Todas as jovens pianistas que se exhibiram com successo, nesse recital, apparecem ahi, no clichê de baixo, ladeando a illustre professora Jacy da Silva Godolphin, a quem cabe parte das glorias da brilhante festa de domingo, na Escola Brasileira.

No Centro Paulista, na noite de domingo ultimo, uma brilhante assistencia applaudiu, com calor, a apresentação do bello livro de versos de Agrippino Ether — ... «Silencio». O grupo acima compõe-se de alguns elementos, que tomaram parte na elegante festa litero-musical, vendo-se ao centro o illustre poeta.

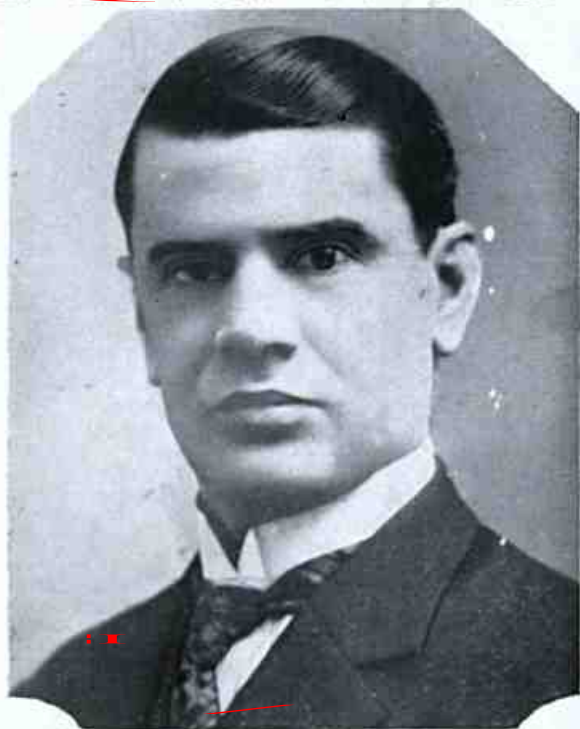
ANTONIO MATHIAS

O Antonio Mathias era um philosopho peripatetico das ruas de Fortaleza. Peripatetico, sim, porque vivia em eterna vagabundagem, caminhando por ellas afóra, abaixo e acima. Mordia os amigos, filava um café e cigarros, uma vez por outra fazia um negociozinho qualquer e ia vivendo.

Entre esses negocios, figurava uma vez por outra uma venda ou barganha de cavallos. Antonio Mathias era doutor em ciganice. Um dia appareceu na praça do Ferreira, montando um melado caxito esquipador. Toda a gente apreciou o animal e um dos circumstantes, pessôa de categoria, comprou-o ali mesmo. O vendedor recebeu o dinheiro e sahiu no cavallo, afim de tirar seus arreios em casa. Ao anoitecer, mandou-o levar ao comprador.

Pela manhã, este sellou-o e sahiu a passeio. A poucos passos de casa, verificou que o bicho não esquipava. Era o mesmo melado-caxito, o mesmo tamanho do cavallo em que apparecêra o Antonio Mathias do casco á sarnelha, a mesma côr de ouro velho, as mesmas crinas, o mesmo rabo, os mesmos canos pretos; porém não marchava nem esquipava mais nem á mão de Deus Padre! Choutão, trotão como a peor das bestas de carga!

O nosso homem, entre furioso e admirado, tocou-se para a casa do philosopho-cigano e fez a sua reclamação com algumas injuriazinhas de contrapeso. O outro ouviu-o serenamente e, depois, perguntou:

Tatá Lemos, discipulo do professor Orlando Frederico, da Escola Arcangelo Corelli, que dará o seu recital de violino no dia 5 de novembro, ás 17 horas, no Salão Henrique Oswaldo, no Instituto de Musica.

Osorio Dutra é uma das mais bellas affirmações da intelligencia e da cultura brasileira contemporânea. Escriptor e poeta consagrado, sua obra, já vultosa, marca-lhe logar de relevo no scenario das letras patrias. Para FON-FON e para o coração dos que aqui se habituaram ao seu convivio, o illustre autor de «No paiz dos Jeuses» é, tambem, o amigo sempre querido, que acolhemos de braços abertos toda vez que elle, de retorno de outros paizes, demora no grato ambiente da terra tropical que tanto tem cantado. Porque, Osorio Dutra, diplomata de «carriére», de quando em quando se afasta do nosso meio, a que regressou, ainda ha pouco, vindo da Europa, onde servia como cônsul do Brasil no Porto, para aqui fazer, desta vez, um estágio mais prolongado. A noticia, gratissima a nós todos, merecia o registo que lhe damos, com o nosso abraço ao amigo, ao «gentleman» e ao escriptor.

— Que foi que o meu Bribanete (é o nome do bichinho) comeu na sua casa esta noite toda?

— Ora, que havia de ser? Capim, alfafa, milho.

— Está ahi por que elle não esquipava mais, tornou tranquillamente o Antonio Mathias. Elle não está acostumado com essas comidas, coitado! Commigo, elle era tratado com outra consideração...

— Que lhe daria você? indagou o comprador.

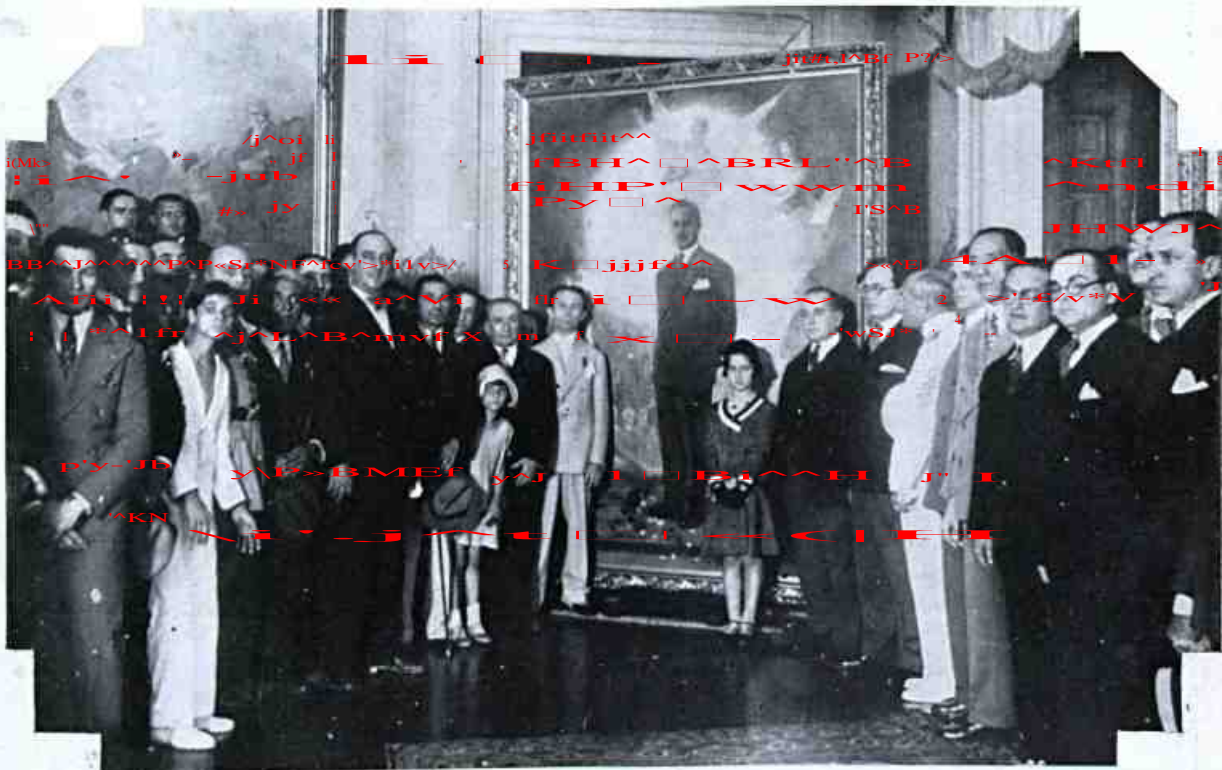
— Ah! o Bribanete aqui em casa só comia maizena. Dê maizena a elle e verá o que é esquipar...

Desse Antonio Mathias ouvi eu a mais profunda phrase deste mundo, no dia em que morreu o velho Vasco, um dos grandes ricaços da capital do Ceará. Encontrei-o a uma esquina todo de preto.

— Que é isso, Antonio Mathias? Estás de luto?

— Não. Vim do enterro do coronel Vasco.

E, depois dum fundo suspiro, rematou:

— Coitadinho! Tinha mais de dois mil contos e enterraram elle sem um tostão no bolso...

Filigranas

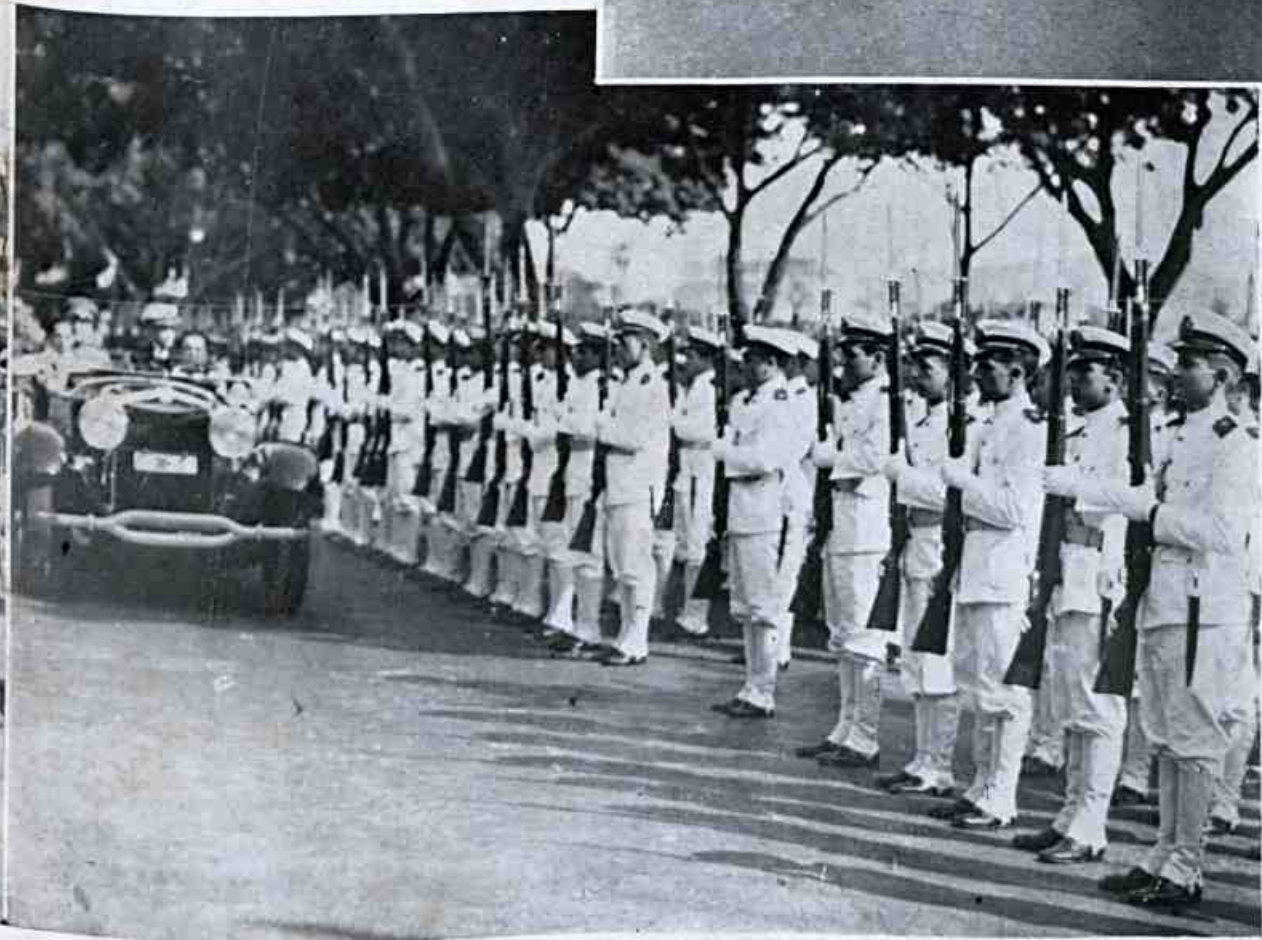
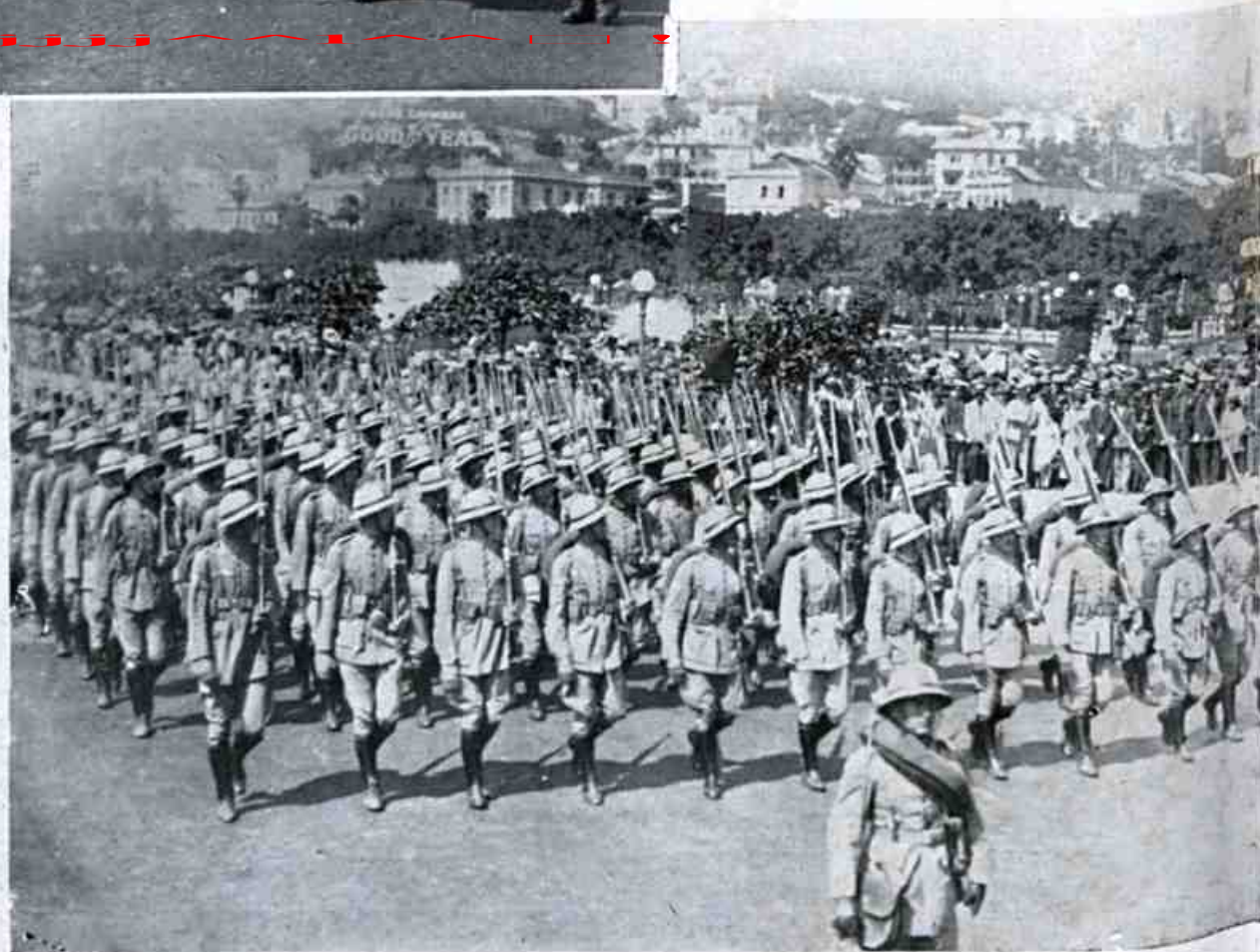
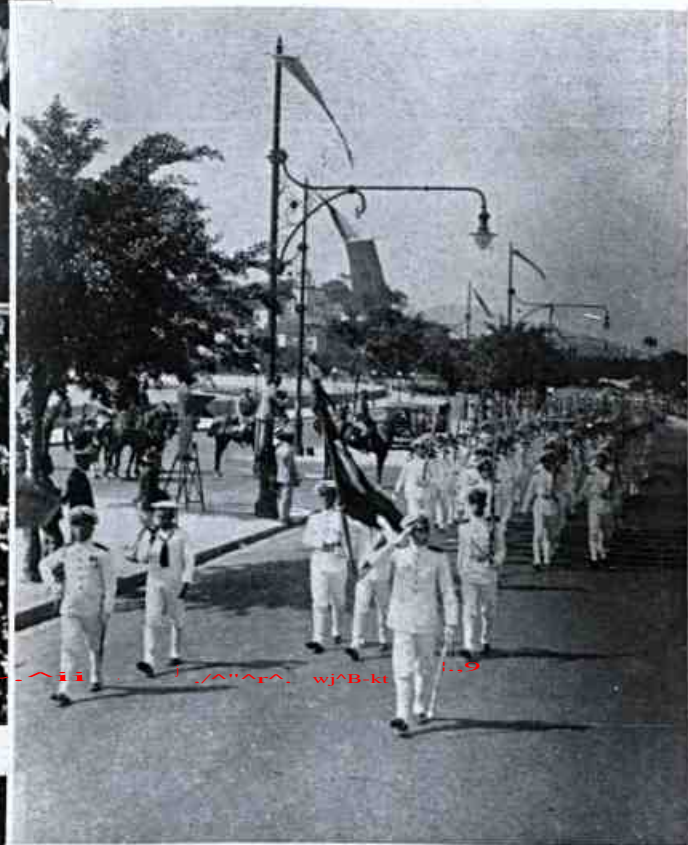
Quem viaja para o interior de Minas, S. Paulo ou Estado do Rio, quer pela Central, quer pela Leopoldina, nota em qualquer estação onde chegue este letreiro, numa casinhola qualquer: *Fabrica de fogos artificiaes.*

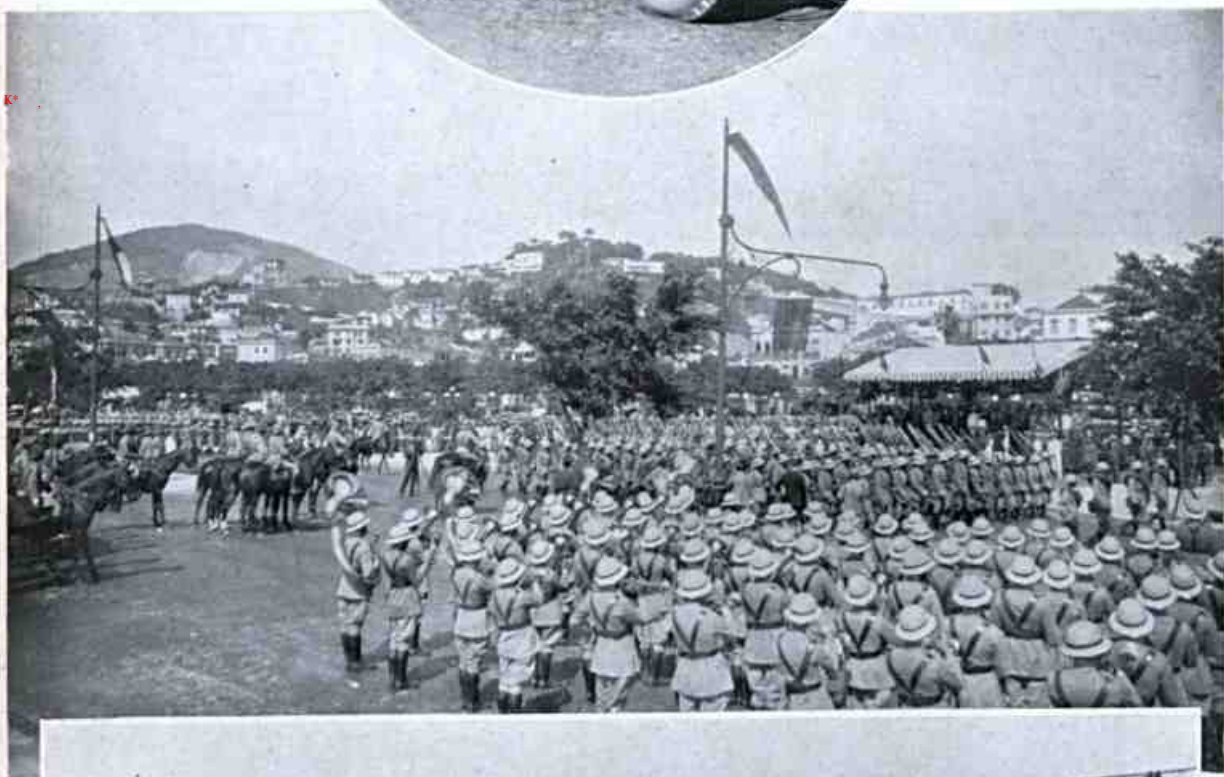
São centenas ou melhor milhares dessas pequeninas fabricas que demonstram o acendrado culto do foguete e do busca-pé entre o nosso povo, nas datas equinoxiaes de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.

Cada letreiro desses é tambem um annuncio de desastre. Por que raro é o dia em que uma dessas fabricas não vôa pelos ares com fogueteiro e tudo, damnificando as habitações e os habitantes da vizinhança...

Tiveram excepcional realce as commemorações com que a capital da Republica festejou a data do 1.º anniversario da Revolução de Outubro. Ao troar das salvas, entre ruflos de tambor, notas agudas, estridentes de clarins, e tropas em marcha, pelas ruas e avenidas ensoleiradas, a cidade em festa celebrou a data historica, em varias cerimonias de que esta pagina focaliza dois aspectos interessantes: ao alto, a inauguração do retrato de João Pessôa, no palacio do Cattete, por iniciativa do Centro Parahybano, e, em baixo, a visita do chefe do governo provisorio ao Palacio das Festas, onde se realizaram varias solennidades allusivas ao acontecimento.

A principal commemoração do primeiro anniversario da victoria da Revolução de outubro foi a parada militar que se realizou sabbado ultimo, ás primeiras horas da manhã, na avenida Beira-Mar, e na qual tomaram parte forças de terra e mar, num brilhante conjuncto de todas as armas nacionaes: o Exercito, a Marinha, a Policia Militar e o Corpo de Bombeiros. O chefe do governo provisorio, dr. Ge-

ulio Vargas, acompanhado de suas casas civil e militar, ministros de Estado e outras altas autoridades, assistiu, e um coreto armado nas proximidades do palacio Monroe, ao desfile das tropas que commemoraram a grande data revolucionaria brasileira. Esta pagina focaliza os aspectos mais empolgantes e mais expressivos da formatura de 24 de outubro, vendo-se, ao alto, na photographia do centro, a tribuna official.

Tres aspectos da parada militar com que as classes armadas commemoraram, sabbado pela manhã, o primeiro anniversario da victoria da Revolução de outubro. No medalhão, o automovel do chefe do governo provisorio, conduzindo s. ex. o dr. Getulio Vargas e membros de sua casa militar, passa entre os soldados enfileirados ao longo da avenida Beira-Mar. Ao centro, photographia do local onde estava armado o palanque official, que se vê ao fundo, entre a multidão de soldados e civis. Em baixo, o desfile da cavallaria, em continencia ás altas autoridades da Republica.

COCAIAM

O arabe, si encontrava a esposa em adulterio, degolava-a. Mas mudou de pensar, naturalmente para que se não acabassem as mulheres...

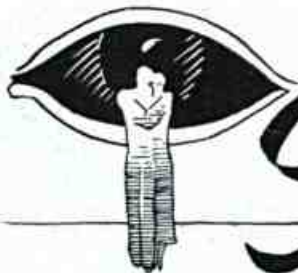
*

A liberdade, quem a tem? E dizer que em nome della já morreu uma legião de tolos!...

Malion*

Grupo de crianças que tomaram parte na festa infantil que a União dos Empregados do Commercio promoveu, sabbado ultimo, no Palacio das Festas, em commemoração á data revolucionaria de 24 de outubro.

Encerrou as commemorações do primeiro anniversario da victoria da Revolução o solenne «Te - Deum» em que foi invocada a protecção de Nossa Senhora do Brasil para o nosso paiz. A tocante cerimonia religiosa realizou-se ao ar livre, na Esplanada do Castello, em

altar armado junto á igreja de Santa Luzia, sendo officiante s. ex. revma. o bispo d. Mamede, que teve como assistente o revmo. padre Solano Dantas, vigario da parochia de N. S. do Brasil, na Urca. A orchestra do Theatro Municipal acompanhou o acto.

Trepações

Lyson, filhinha do sr. Arnaldo Vetromille e de d. Altemyra Britto Vetromille.

MADAME anda evidentemente nervosa com a ausencia do rapaz.

Ha uma semana que elle não apparece, desde quando tiveram, no bonde, uma pequenina discussão em torno de um caso banal.

Seria o pretexto para a fuga?!... E' o que imagina *madame*, muito embora ainda não lhe tenha fugido de vez a esperança de que tudo voltará aos eixos, pois ella não póde dispensar a *amizade* do rapaz.

Doce esperança que deve ser alentada por muito tempo, até o lindo castello de areia se desfazer ao sopro do vento da desgraça!...

Madame já foi substituida, e, ao que parece, em caracter definitivo.

Nada mais lhe resta a fazer sinão descobrir a amizade de um outro rapaz.

Eis a realidade, com as côres mais vivas, para o grande desespero de *madame*, que já estava acostumada á visita diaria do joven moreno, de olhos azues e brilhantes...

TODOS os dias, ás mesmas horas, o nosso heróe espera determinado omnibus, ali na calçada de uma esquina da Avenida, para ter a agradavel sensação de viajar ao lado da bella morena.

E lá vão os dois muito entretidos, elle *cantando palinodias*, ella ouvindo embevecida.

Isto dura alguns mezes, revelando serem ambos persistentes,

Marcus Flavio, o galante filhinho do casal Walter Pompeu - d. Affonsina de Albuquerque Pompeu. É cearense e já completou um anno. Tem nos olhos o brilho da intelligencia nortista.

teimosos, na porfia de uma hypothética felicidade...

O mais extraordinario é que, durante o dia, nas horas que passam juntos na repartição, parece mal se conhecerem, ou mesmo se detestarem, pois, raramente, trocam palavras.

Mas, as apparencias illudem, e não sabemos como vae terminar a historia das longas viagens de omnibus, porque elle é casado, e ella tambem.

Emfim, como ambos se entregaram a um admiravel jogo de paciencia, é possivel que a historia acabe castamente...

O moço negociante enveredou por estrada perigosa, que o conduzirá, fatalmente, á fallencia.

Os recursos de que dispõe não são sufficientes para satisfazer aos *extraordinarios* da sua vida, fóra das portas do lar.

A viuva é um *pedaço* magnifico, ninguem diz o contrario, mas, quando apanha camarão na malha, devora-o.

Assim, o moço negociante está condemnado a ser comido por uma perna, tal qual aconteceu com um seu collega, que tinha fundos mais solidos e credito nos bancos.

Ha ainda o caso recente de um fazendeiro que ficou de tanga...

A viuva, de vez em quando, ama desesperadamente um idiota qualquer, bastando, para isto, que elle tenha dinheiro.

E quando o dinheiro acaba, tambem desapparece a paixão da viuva.

Si o moço negociante quizer saber com quem está mettido, peça informações na praça...

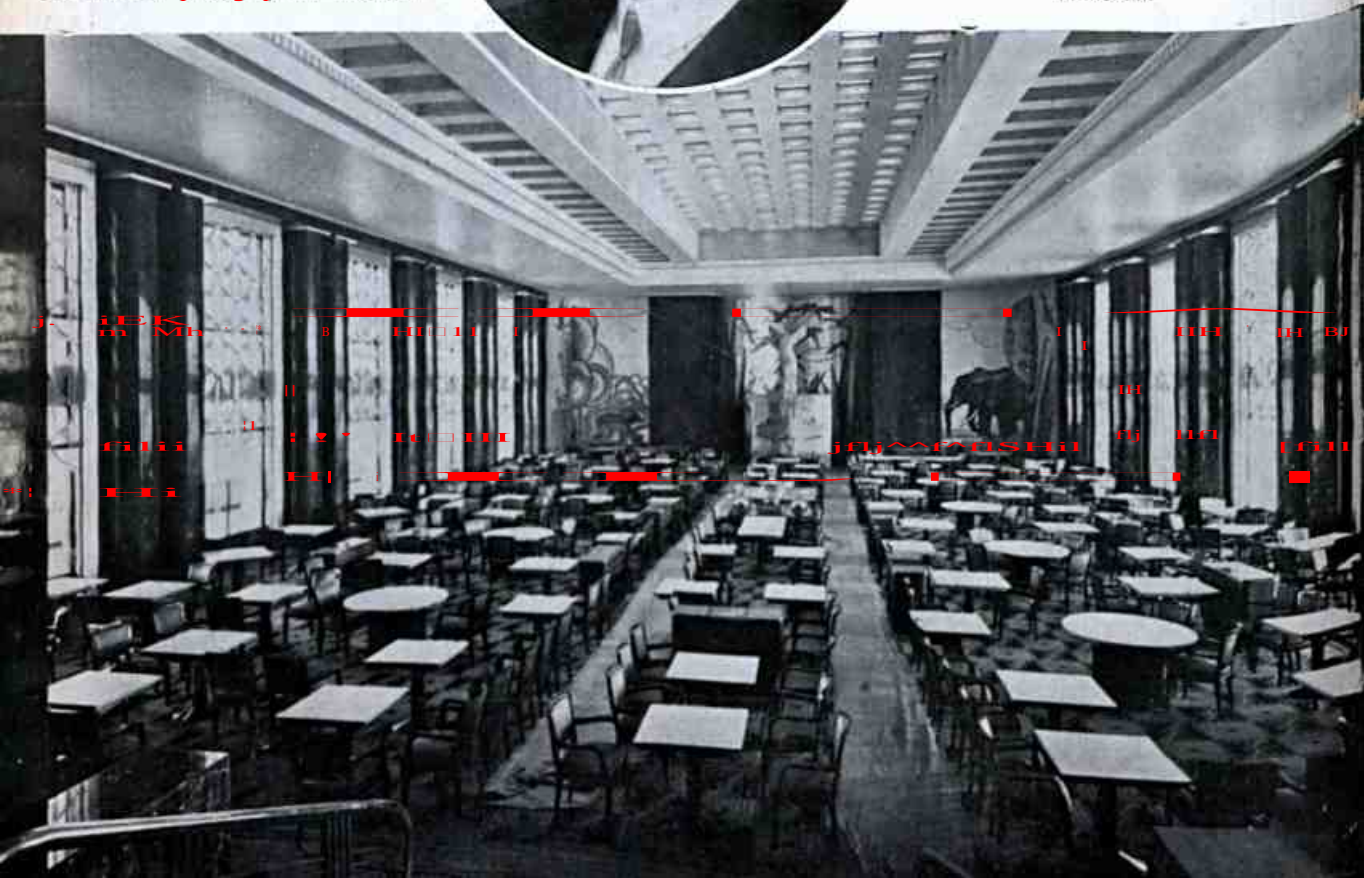
Ella é muito conhecida, e as victimas não são em numero reduzido.

Elberino e Dilenio, filhinhos do casal Antenor Tupinambá e d. Ruth Tupinambá.

Enlace da gentil senhorita Rilda Pereira da Fonseca com o nosso brilhante confrade de imprensa Alcino do Amaral Cacella, realizado nesta capital, de cuja sociedade são os noivos figuras de relevo.

Enlace da senhorita Maria de Lourdes Béda Siqueira com o sr. Abilio Siqueira. As duas cerimonias, civil e religiosa, realizaram-se na cidade fluminense de Campos, onde residia a noiva.

A sociedade scientifica de estudos supermentalistas «Tattwa Nirmanakaia» realizou a 17 do corrente, nos salões de sua séde, para commemorar a data de sua fundação, um elegante festival, que reuniu uma culta e fina assistencia. O nosso cliché focaliza um aspecto dessa festa, tomado na occasião em que discursava o presidente da sociedade, dr. Gerson de Paula Lima.

O paquete «Atlantique», que trouxe á America do Sul a prova do trabalho francez, é um verdadeiro palacio fluctuante, no qual não se sabe o que mais admirar, si o gosto, o luxo, o conforto, si a perfeição technica dos estaleiros de Penhoet. Viaja-se nesse navio como num paço encantado, com a sensação de sonhar um sonho das «Mil e Uma Noites». A Companhia Sud Atlantique, dotando a sua linha para o Brasil com tão magnífico navio, merece a admiração de todos quantos sabem apreciar o valor da civilização européa, de que a França é, sem duvida, a pioneira. As photographias mostram a linda sala de jantar do «Atlantique» e a rua principal traçada no centro do paquete e que constitue verdadeiro arrojo e grande originalidade em matéria de construcção naval. No medalhão, o retrato do sr. Gaston Paitel, presidente da Sud Atlantique, que é uma das figuras de relevo de seu paiz. O nosso redactor-chefe, Gustavo Barroso, que viajou de Bordeaux ao Rio de Janeiro no «Atlantique», foi testemunha do luxo, da ordem, da abundancia que presidem a todos os serviços internos do paquete, embaixador da grandeza da França e do seu espirito immortal.

De volta de Buenos-Aires, a grande nave da marinha mercante franceza «L'Atlantique» fundeou em nosso porto, tendo o seu commandante offerecido um lauto almoço, a seu bordo, ao chefe do governo provisorio — que alli compareceu, acompanhado das suas casas civil e militar e de altas autoridades do paiz. Houve ainda, por essa occasião, uma visita ao luxuoso transatlantico, realizada por s. ex. e figuras da alta sociedade carioca. São aspectos desse acontecimento o que focaliza a nossa pagina.

FILIGRANAS

Certa gente attribue á palavra olho um duplo sentido e, para evitar qualquer interpretação maligna, passou a denominar esse orgão com o nome da sua funcção. E diz:

— Você está doente da vista? Tome cuidado com a vista! Vá lavar a sua vista, etc.

Pois bem, o outro dia aconteceu-me uma que me mostrou como o habito já se está generalizando devido á ignorancia do nosso povo. Viajava para S. Paulo e, queixando-me das correntes de ar gelado do vagão ao seu empregado, este replicou-me:

— O vento está frio mesmo. V. S. já está com a ponta do olfato toda vermelha.

A ponta do olfato é a ponta do nariz!...

A senhorita Netty Cottarimich é, com o seu sorriso brasileiro e o seu traje caracteristicamente gaúcho, uma linda flôr dos pampas...

Olga Mary e Raul Pedrosa são dois artistas brasileiros que chegaram recentemente da Europa, onde, em viagem de estudos, alcançaram as mais brilhantes victorias. De volta do Velho Mundo, os pintores patricios realizaram, nesta capital, no salão do Movimento Artistico Brasileiro, uma exposição de quadros de aspectos europeus, executados durante sua excursão. Reproduzimos aqui dois bellos trabalhos que figuram nessa mostra de arte: «Piazza della Signoria», de Olga Mary, e «Le démon prisonnier», de Raul Pedrosa, ambos expostos, tambem, no «Salão dos Artistas Francezes».

FILIGRANAS

— Caçapava!

Ao grito do conductor, olho pelo vidro do vagão a pequena cidade paulista e recordo o que disse Alcide d'Orbigny, em 1928, ao topar no seu valle os longos comboios de commercio, levando as mercadorias do littoral e trazendo os productos da terra feraz » quasi virgem, a respeito dos paulistas:

«... les paulistes actifs et industrieux...»

Elle viajára alegremente entre campos de pastagens succulentas, milharaes, mandiocaes, batataes e cannaviaes, beirando as montanhas cujas cristas se recortavam no luminoso azul do céo, emquanto a seus pés corria magestosamente o Parahyba. E fôra ali, ao avistar aquella velha cidadezinha, que julgara os paulistas activos e industriosos...

COCAINA

Um conselho pratico? Vá lá: faze do inimigo o teu melhor amigo...

MA...

O dr. Carlos Ricardo Machado, advogado nos auditorios desta capital, festejando a sua data natalicia, offereceu, em sua vivenda de Copacabana, uma elegante recepção ás pessôas de suas relações.

Queria que ella lhe dissesse a verdade.

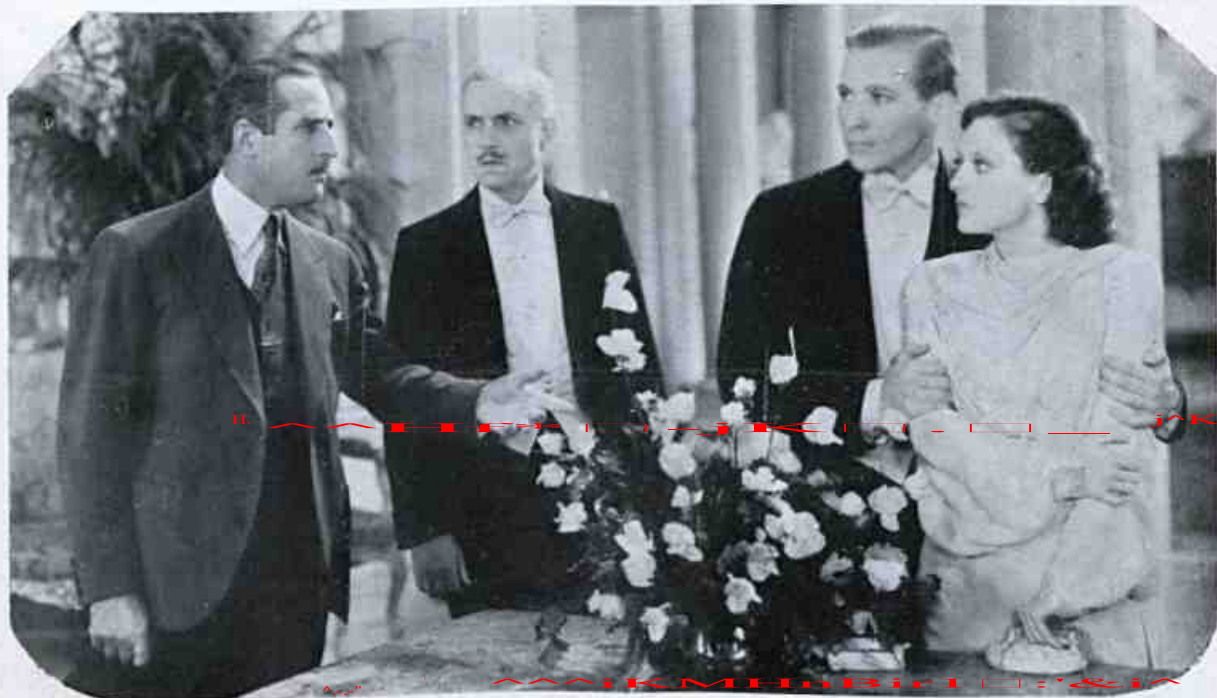
A Mulher que perdeu a Alma

Film da Metro — Interpretes principaes:
Joan Crawford e Robert Armstrong

— O senhor me pagará caro, minuto por minuto, todo o tempo que eu viver, que eu soffrer nesta prisão!

Essa foi a phrase que Mary Turner, cheia de odio, proferiu para Edward Gilder, logo após a sessão do Tribunal que a condemnara a tres annos de prisão por ter roubado Gilder, seu patrão.

Accusada por este do roubo de certas mercadorias, Mary Turner, impossibilitada, por algumas circumstancias, de provar a sua innocencia, fôra condemnada. Acceitou a situação, e durante os tres annos, cheia de odio para a humanidade e para todas as coisas da vida, estudou a fundo as leis sociaes, leis criminaes, e decidiu, cheia de coragem, tornar-se chantagista, visando vingar-se de Edward Gilder, afim de cumprir seu juramento.

Não lhe foi difficil, ao sahir da prisão, encontrar quem a acompanhasse em certas "especulações", e isso ella sabia perfeita-

O pae revelava quem era aquella mulher.

mente quando disse, certo dia, a uma autoridade: "Os senhores não se deverão admirar se eu, ao sahir daqui, não me tornar muito peor do que era quando aqui entrei. Muitas vezes, meu senhor, uma "prisão corrompe, em logar de corrigir!"

Assim, na companhia de Joe Garson, de Agnes Lynch e de outros "trabalhadores", Mary Turner, esperta como ella só, conhecendo a fundo o terreno em que pisava, fez varias coisas que bem se poderiam classificar como patifarias, mas sobre as quaes a policia não poderia exigir explicações...

A prisão.

porque Mary Turner, ladina, sabia como as fazia...

Um dia, Mary Turner consegue o seu intento: aproxima-se de Bob Gilder, o filho de Edward Gilder, e seduz o rapaz, que se allucina com os olhos e com o corpo esplendido daquella mulher maravilhosa. Louco de amor, o rapaz propõe-lhe casamento e ella acceita. Era essa a finalidade do seu plano: casar-se com Bob Gilder, para envergonhar o nome dos Gilder. Fazer Edward Gilder saber que seu filho era marido de Mary Turner, a ladra, a mulher que elle mandara para a prisão, a mulher a quem elle déra tres annos de prisão, tres annos de grandes soffrimentos!

Quando Edward Gilder sabe dos amores de seu filho com Mary Turner, já é tarde. Bob Gilder e Mary eram marido e mulher desde aquelle dia. A humilhação e o desespero de Gilder são enormes. Offerece grande importancia a Mary, pede-lhe que deixe o filho em paz, que se sumna, que desappareça para sempre, mas que não envergonhe o rapaz com o seu passado... Mas Mary ry não attende. Como Mary se deliciaria na volupia de vingar-se daquelle homem que a arruinara!

Os companheiros de Mary, entretanto, não comprehendem ter uma collega casada com um millionario, sem obter algum lucro com essa união... Elles vão, por isso, certa noite, ao palacio dos Gilder, roubar o quadro "Mona Lisa", com o qual fariam um "chantage". Mary Turner tem conhecimento do plano dos seus companheiros e dirige-se para o palacio de seu sogro. A policia, entretanto, tambem é sciente do que se passava e para lá parte. Mary procura impedir o roubo, e com o barulho provocado, surge Bob Gilder, que encontra a esposa em situação comprometedora. Arma-se terrivel luta e é morto um dos ladrões. As circumstancias apresentam Bob como criminoso, ou então, sua esposa. Na verdade, porém, fôra Joe Garson o criminoso.

Na prisão, innumeros são os "trucs" da policia, afim de obter a confissão de Mary Turner, mas a jovem, esperta, a todos os planos se esquiva, de sorte que é sobre seu marido que recáem as maiores suspeitas, então. A situação se torna desesperadora, a ponto de Bob ser quasi condemnado, quando Joe Garson (que amava Mary Turner em silencio e se desillude ao vel-a soffrer a desgraça que pesava sobre o esposo)) confessa o seu crime. Sua confissão liberta Mary e Bob, que iniciam, então, uma vida de felicidade, já que o proprio Gilder é o primeiro a reconhecer que Mary Turner deveria esquecer as angustias do seu passado, de que ella, aliás, não se deveria envergonhar —

Queria vingar-se, mas acabou presa do amor.

Era um coração leal, o daquelle homem.

"INFERNO DOURADO"

Um film da Paramount, com

Gary Cooper-Betty Compton-Kay Johnson

NO anno de 1900, durante a primavera, uma noticia sensacional agitou a cobiça de muitos aventureiros: Em Alaska existiam minas de ouro! Jogadores de profissão, operarios sem trabalho, homens e mulheres de todas as classes, enchiam o caes da Villa de Unalaska para tomar o vapor que ia para a cidade de Nome. O "Santa-Maria", assim se chamava o vapor, já estava prestes a desatracar do caes, quando uns gritos de uma formosa moça, que corria pela ponte, perseguida por dois marujos, chamaram a attenção do commandante e dos passageiros, dois dos quaes, Roy Glenister e Joe Dextry, impediram os marujos de a agarrarem. Estes, enraivecidos, lutaram braço a braço com os seus imprevistos adversarios, que conseguiram atiral-os da ponte ao mar.

Livre dos seus perseguidores, a moça, que se chamava Helen Chester, veiu agradecer, mas como a prancha do "Santa Maria" já estava sendo içada, os dois passageiros e a moça correram para embarcar, o que conseguiram pulando do trapiche para o vapor.

— Já presenciei naufragios, explosões, tempestades, mas nunca me diverti tanto como hoje, asseverou Joe Dextry.

— Muito obrigada, por me terem salvo, agradeceu Helen.

— De nada, mas como todos os camarotes estão occupados, vá para o compartimento das mulheres, disse Roy a Helen.

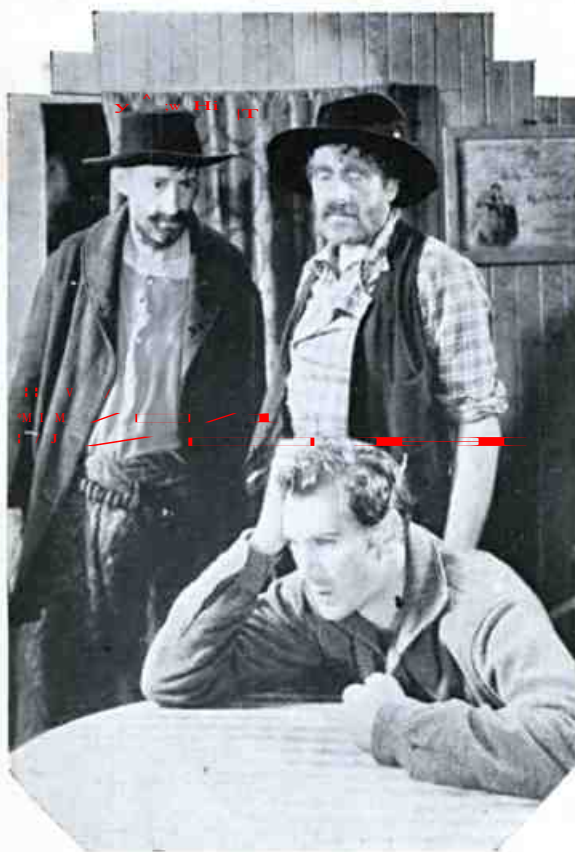
— Mas eu não quero que ninguém me veja, redarguiu Helen; prefiro ficar aqui.

— Então vá para o nosso camarote, aconselhou Roy. E' o numero vinte.

— Mas eu não conheço esta passageira, interviu o commandante, meio zangado. Roy, quem é ella?

— Eu não a conheço! Salvei-a dos seus perseguidores.

— Eu fugi de bordo do

Amparava-o contra o odio.

Desespero!

outro vapor, declarou Helen.

— Fez mal! Você estava a bordo do vapor "Ohio", perguntou o commandante?

— Estava... Fui maltratada...

— Você não sabe que no "Ohio" ha passageiros com variola? Por sua causa, este vapor vae ficar de quarentena quando chegar a Nome!

— Mas, commandante, interrompeu Roy, a sua despesa vae ser grande, e se isto ficar em segredo entre nós, nada acontecerá de... mau! Se ella não adoecer durante a viagem, não ha perigo! Durante o dia, ella poderá esconder-se no nosso camarote e á noite poderá ir para o convez...

O commandante, bem contra vontade, accedeu ao alvitre de Roy, e Helen foi esconder-se no camarote numero vinte.

A' noite no convez, Roy encontrou-se propositalmente com a formosa Helen e fez-lhe notar a belleza das estrellas que naquella calma noite scintillavam constantemente.

— E' effectivamente uma bella noite, exclamou Helen!

— Como se chama, perguntou-lhe Roy?

— Helen Chester... E o senhor?

— Roy Glenister, e sou socio solidário da mina "Midas."

O outro rapaz que me ajudou a defendel-a é meu socio. Nós somos tres socios e o terceiro, que se chama Slapjack, ficou em Nome tomando conta da mina.

— Nunca me hei de esquecer da bravura com que me defendeu. Em Washington, onde nasci, tudo é feito com diplomacia...

— A cidade de Nome, proseguiu Roy, pode ser comparada a um... inferno dourado! Não havia lei! Mas agora foram para lá um juiz e um delegado, o que é o mesmo que... ir de mal para peor! A melhor lei é um revolver! Não ha appellação nem aggravo!

— Você está falando como uma criança!

— Engana-se! Quando encontro obstáculos, affronto qualquer perigo!

— Você é dos taes que gosta de se apoderar do que quer...

— E de obter o que desejo, exclamou Roy, beijando-a...

— Que ousadia! Não me tornará a ver!

E dito isto, Helen desceu para o camarote. Ao longe, avistavam-se as luzes de Nome, a cidade que engrandecera em pouco tempo e que era comparada por muitos a um... inferno dourado! A alvorecer, já o "Santa Maria" estava ancorado, e o desembarque dos pasasgeiros fez-se em boa ordem, apesar do mar estar bravo.

Helena foi recebida pelo seu tio, o juiz Stilman, e pelo delegado Alec MacNamara, o que muito surprehendeu Roy, que já sentia uma grande affeição pela sua bella companheira de viagem. Assim que ella desembarcou, Joe Dextry disse a Roy:

— Esquece essa mulher! Desde a noite daquelle beijo, tu não tens regulado bem! Abraça o nosso socio Slapjack!

— Olá, caro socio, como vae a mina? inquiriu Roy.

— A nossa "Midas" vae bem e está fornecendo ouro em penca!

— Tanto eu como Dextry estamos satisfeitos por termos chegado, affirmou Roy. Mas agora olha para o teu presente!

— Uma camisa de peito engommado! Não gosto!

— Pois olha: em Nova York é a ultima novidade em artigos para homens! Bem, vamos para casa.

Nesse momento, porém, um homem veiu avisar que um bando de sujeitos armados se apoderara á força da Mina Numero Doze, apesar do titulo de posse estar legalmente registrado.

— Devem ser os guardas do delegado, gritou Roy; mas aqui quem manda é o povo! Vamos todos para lá! Homens, como nós, que abrem fronteiras, não têm medo de ameaças.

Com Roy á frente, todos se dirigiram para a Mina Doze, onde se encontraram com o delegado, que lhes disse:

— Todos os titulos duvidosos vão ser revisados!

— Mas a Mina Doze foi legalmente registrada! bradou Roy.

— Veremos! De accordo com a nova lei, faltam formalidades a preencher! O titulo de posse da Mina Midas também não está em ordem, sr. Roy Glenister! Um tal sr. Galloway possue o mesmo titulo! Elle reclamou e nós temos que investigar... e o juiz autorizou-me a administrar as minas actualmente em litigio!

— Qual foi a fiança que você deu ao governo?

— Foi da cinco mil dollars!

— Mas isso não é sufficiente!

— Roy, não te deixes enganar por este sujeito, interveiu Joe Dextry!

— Eu não me deixo enganar... Esperemos até amanhã...

— Roy, foi a sobrinha do juiz que te transtornou a cabeça! affirmou Dextry.

Mas Roy já não o ouvia. Avistara ao longe a formosa Helen e foi ao seu encontro.

— A lei só veiu causar embaraços neste paiz novo, disse-lhe Roy, mas contra injustiças eu saberei revoltar-me...

— Quer você dizer com isso, redarguiu Helen, que é a força que vale! Isso resultaria em resolver as questões á bala!

— Meus socios dizem-me que a culpada é a senhora...

— Que culpa posso eu ter! A lei protege todos! A lei é igual para todos!

(Conclúe na pags. 62 e 63)

Era uma luta de féras.

MAURICE
CHEVALIER
O idolo de todo o mundo!
com
CLAUDETTE COLBERT
e
MIRIAN HOPKINS
na
maior super-producção de
LUBITSCH
o maior director da tela
O TENENTE SEDUTOR
MUSICA DE
STRAUSS
Paramount Pictures

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

Mas o que predomina em numero e valor, na pinacotheca exposta, são os pasteis, e os oleos, e, entre elles, os retratos. Cada vez mais admiramos e applaudimos o talento da pintora quando reproduz a figura humana. Sem autoridade technica para dizer, sem mesmo invocar outra a não ser a logica do coração, que opina porque sente, embora não saiba motivar a opinião, cremos que entre as bellas figuras da Exposição, como *Vaidosa*, *Estudo de nú*, *Cabeça espanhola* — todas caracterizadas pela vida que lhes flue dos traços e das côres — ha duas que podiam ser assignadas por qualquer celebridade mundial: o *Autoretrato* (n. 35) e *Henrique Bernadelli* (n. 29). Qualquer dellas impressiona tanto que a gente suppõe estarem na tela não os retratos mas as pessôas retratadas. Podem os technicos apontar este ou aquelle defeito no desenho, esta ou aquella irregularidade na distribuição das côres, uma ou outra imperfeição do conjuncto, mas o certo é que o mais competente mestre não poderá deixar de lhes reconhecer a principal qualidade de toda obra artistica — o poder de emocionar pela verdade que della promana.

Mais um terceiro primor, que poderá hombrear com os dois primeiros: é o quadro n. 12—*Cabeça*. Neste parece-nos nenhum reparo se tem a fazer; o que se faz immediatamente ao vêl-o, é admirar aquella expressão physionomica de sorriso *de Gioconda*: tal a indefinibilidade do rosto da mysteriosa belleza, onde se percebe alguma coisa que participa da lagrima e do riso, do contentamento a da magua, angustia que delicia, prazer que amarga. Ao contemplar a *Cabeça*, de Sarah de Figueiredo veiu-nos á mente a impressão de Diderot diante de uma *cabeça*, de Boucher:

Elle tue cinquante tableaux autour d'elle...

E dizer que todas essas bellezas de hoje serão de hontem, amanhã e condemnadas ao olvido, porque serão passado, e o passado é cousa morta, enterrada; não falemos nelle!... Tal a doutrina absurda, indemonstravel e indemonstrada, antiesthetica, antiscientifica, escandalosamente paradoxal, vulgarizada pela turba de iconoclastas que se inculcam de *futuristas*, quando não passam de *ultrapassadistas*. Tal a these que só por *blague* poderia ter formulado o Sr. Wright, prestigioso architecto estadunidense, no proprio salão onde se admiravam os quadros de D. Sarah. Felizmente o processo de communicação entre o architecto modernista e o auditorio, foi o de perguntas e respostas; de sorte que, dada a ironia da grande parte das respostas idioticas, tivemos a impressão de que o architecto fazia exame de philosophia da arte perante uma mesa examinadora constituida pelo auditorio, e acabou... reprovado...

Para tirar a má impressão do *Exame*, percorremos mais uma vez a Exposição e nos deliciamos de novo com a revisão dos bellos quadros da notavel pintora patricia, entre os quaes ha, pelo menos, tres, que serão no futuro gloria do passado, e, por isso mesmo, constituem no presente creações do verdadeiro futurismo, pois são contemporaneas do futuro: *Autoretrato*, *Henrique Bernardelli* e *Cabeça*.

SARAH VILLELA DE FIGUEIREDO.—Como *publico* penetramos o *hall* do Palace hotel na tarde do penultimo venerdia 23 de Outubro para vêr a exposição de pintura de D. Sarah Villela de Figueiredo: 35 quadros, de que 11 *aquarellas*, 7 *pasteis* e 17 oleos. Não é muito, mas é o bastante para ajuizar do talento e da arte da pintora, ambos já consagrados por amadores e profissionaes, por criticos e chronistas.

A não ser *Vista da Bahia* e *Preparando o almoço*, todas as aquarellas são pontos caracteristicos da cidade do Recife: igrejas, ruas, arrabaldes, paisagens. A Veneza Brasileira parece ter impressionado fortemente a sensibilidade da artista, que a reproduziu fragmentariamente com muito relevo. Entre as mais notaveis citamos as aquarellas: *Rua da Cruz*, *Rua do Arsenal*, *Igreja do Espirito Santo*.

O ENVELHECIMENTO E A IMAGINAÇÃO

Metchnikoff dizia que a duração normal da vida humana seria de 120 annos se a maioria das pessoas não a abreviassem de mais de uma terça parte com seus desregramentos, loucos preconceitos e o continuo temor da velhice e da morte. O grande scientista attribuia á imaginação notavel influencia no envelhecimento.

A esse respeito, annos atraz, o periodico "Lancet", de Londres, dirigido por varios medicos, publicou interessante caso que parece demonstrativo da theoria sustentada por Metchinikoff.

Uma joven enlouquecera por haver seu noivo desfeito seu proximo casamento. Na sua loucura perdeu simplesmente a noção do tempo e, aferrada á idéa fixa de que seu noivo voltaria, passava horas inteiras a esperal-o na janella do seu aposento. Aos setenta annos de edade, a pobre louca, que passara a vida a esperar o noivo, sem qualquer noção do tempo, não parecia ter mais de vinte, pois não possuia um cabello branco, nem uma ruga, nem signal algum de velhice.

Não envelhecera, assim, porque sempre se julgou moça, não contou os annos nem teve consciencia de que o tempo passava. Estava plenamente convencida de que continuava a viver como no momento mesmo em que seu noivo a deixou. Esta crença prevaleceu contra toda condição physiologica. Tinha — segundo os medicos que a examinaram — a edade que, na sua inoffensiva demencia, suppunha ter.

A MUMIA

O general Angereau, valente entre os valentes, mas muito ignorante, soube, um dia, que um dos seus ajudantes ia ao Egypto.

— Você vai ao Cairo? — perguntou-lhe. Tenho, então, um pedido a fazer-lhe: todo mundo vive a falar nas mumias egypcias e eu nunca vi uma, para ter uma idéa, alem de que não quero passar por ignorante. Quer você trazer-me uma?

— Farei tudo para servil-o, meu general — respondeu o ajudante.

Um anno depois, regressava o moço official.

— E, a minha mumia? — foi-lhe perguntando Angereau.

— Está ahi á porta, meu general.

O porteiro e um servente appareceram, logo mais, trazendo o sarcophago, que o official abriu, tirando os envoltorios, que encobriam a mumia.

Exposta esta, o general inclinou-se com avida curiosidade e, logo, endireitando-se, bradou, indignado: — Mas, está morta, senhor ajudante!

O INICIADOR

DE

SABEL SANDY

— Como se chama elle?

— Bréchenez, minha senhora, como sua mãe. Emilio Bréchenez! Um garóto insupportavel, de cabeça dura como ferro. Ah! que trabalhão lhe vae dar esta coisa! Se soubesse... Elle mal conhece as letras, e isso mesmo, porque seu antigo professor promettia bater-lhe. Calcule... E ainda dizem que esses marmanjos obedecem melhor se levados pela doçura, pela bondade! Ah! que mal se dará quem fizer assim com este ingenuo!

"Não quero dizer que elle seja mais imbecil que qualquer outro, não. Mas, Mimile é duro, é bem duro de cabeça, posso assegurar-lh'o. Não o poupe, pois, é duro com elle!"

E, assim falando, a mulhersinha, sem mais nem mais, foi mandando uma pancada nas costas da creança franzina que se achava a seu lado e que sequer não pestanejou deante do gesto intempestivo e rude.

Indignada, a joven professora, passando a mão sobre a pequena cabeça rebelde, perguntou-lhe:

— Mas... elle é vosso? Sois... sua mãe?

A mulher bradou:

— Se sou sua mãe? Se o sou, ora essa! E o que me custou!... Vinte e duas horas de dôres cruciantes. E se não fosse a parteira...

— Bem... bem... disse a professora, lançando um olhar inquiete para o bando alacre dos que ella chamava seus "filhinhos" e que constituiam a sua querida 1ª classe. Felizmente, parecia que nenhum delles comprehendera aquillo, porque não se mostravam espantados. Mas era conveniente despachar o mais depressa essa mãe tão tumultuosa...

— Está direito, então, senhora Bréchenez: tomarei conta, com particular interesse, do pequeno Emilio.

— Conto com isso, senhorita, e espero que o ensineis tambem a respeitar sua mãe, porque elle é mais insolente e atrevido do que esta mosca que está voando...

Respeitar sua mãe... Vae ser bem difficil conseguil-o! pensou a professora. A mulher que se lhe dirigia de tal maneira rescendia a alcool e tinha estygmas de vicio no semblante. Em que ambiente crescia, se fazia homem, aquella infeliz creança? Que quadros, que scenas não contemplariam seus olhos, aos dez annos de edade, apenas?

— Vem, meu filho! murmurou a joven professora, com uma entonação de ternura. E collocou a creança proximo della, bem ao alcance da sua vista.

Tinha uma alma de apostolo, de missionario aquella moça educadora. Fazer a maior somma de bem possivel, velar carinhosa e solicitamente por aquelle grupo de creanças, era a sua unica preoccupação.

Sua primeira classe! Com que secreta alegria ella sempre começa os seus trabalhos de todo dia! Mas são intelligentes, todas as suas creanças, tudo comprehendendo facilmente. Lá um ou outro menos docil...

Na sua carteira, Emilio Bréchenez, com um dedo no nariz, — queda sonhador, pensativo, a contemplar, fixamente, continuadamente, aquella joven mulher que não o insulta nem lhe bate...

— De onde terá ella vindo? murmurou, baixinho, inclinando-se um pouco para o seu visinho. Ella nunca está aborrecida e é tão boa e tão bonitinha...

Um gesto o contem, uma palavra o galvanisa, um sorriso o delicia. Mas, o encanto da joven mestra não conseguiu ainda operar no seu cerebro espesso. E' verdade que elle mal conhece as letras que traça no seu caderno, de senho franzido, como se a tarefa lhe exigisse um grande esforço...

— Queres ser um tôlo durante toda a tua vida, Bréchenez?

— Não sei, não senhora.

— E como ganharás a vida, assim?

— Não sei, não senhora.

— Quando cresceres, tua mãe já estará bastante velha e não poderá trabalhar para dar-te o necessario...

Desta vez, elle não respondeu. E sempre que cuve pronunciar o nome de sua mãe sua physionomia toma uma expressão esquisita, em que ha um mixto de velhacaria e de insciencia, de revolta.

Então, lembrando-se da querida creatura, tão cedo perdida, que lhe guiou os primeiros passos na vida com tanto amor e devotamento, e com quem espiritualmente, ainda na noite ultima conversara: "Mãesinha estás contente commigo? Cumpri o dever?", a joven professora adivinhava que uma suprema injustiça prende ao destino dos homens — uma injustiça tal que os felizes do mundo deveriam passar seu tempo na terra a fazerem chover, como promettia a santinha de Lisieux, rosas, muitas rosas sobre os infelizes...

Depressa, a professora prendeu-se a Bréchenez, como ao mais desventurado da sua classe. Se elle tossia, ella procurava, solicitamente, agazalhar-lhe o pescoço no melhor pedaço de lã que usava durante o inverno. E, á hora da sahida do seu rebanho, acompanha; va com um olhar mais demorado a infeliz creança.

A's vezes ella o via reunir-se a uma pequena collegial da escola das meninas, visinha dos meninos, e notava, com satisfação, os bons modos da pequena, cujos olhos tinham algo de angelico. Era uma visinha de Bréchenez, que demonstrava, assim, seu bom gosto, escolhendo-a entre todas, para companheira de caminho.

— Talvez eu consiga fazer delle alguma coisa — pensava a professora. Elle está melhorando: interessa-se, já syllaba regularmente, e tem mui-

to geito para o calculo... Eu o salvarei, talvez. Ah! se elle tivesse uma outra mãe!...

Algumas indiscreções das creanças fizeram-lhe conhecer coisas sobre a senhora Bréchenez que a fizeram córar.

— Felizmente estas queridas creanças não entendem, não comprehendem o que repetem!

Um dia, a joven professora teve uma grande commoção. Sua collega da "escola das meninas" rogou-lhe muito polidamente, que tivesse cuidado com alguns dos seus alumnos que "atiravam bilhetes doces, por cima do muro, para ás meninas da sua classe!"

— Os meus meninos? — exclamou a mestra, mas isso não é possivel na edade delles! São tão creanças, verdadeiras creanças! —

— A um certo gráu de miseria, não ha mais verdadeiras creanças — observou-lhe, sorrindo, a collega — que, mais velha do que ella, tinha maior experiencia da vida e conhecia bem o seu "pequeno mundo".

— Mas, então, acredita que meninos de dez annos...

— Não é uma supposição que faço. Tenho provas. E, para convencêl-a, trar-lhe-ei o primeiro "papagaio" jogado por estes "senhores" — ás minhas "senhoritas". No emtanto, procure observar bem seus alumnos...

E a joven professora tanto observou que acabou surprehendendo Bréchenez no momento em que lançava um "papagaio" por cima do muro atraz do qual se reuniam, no recreio, as meninas da outra escola.

— Bréchenez vem cá!

— Pois não, senhorita!

— Que é que vens de atirar para a escola das meninas?

— Eu? Nada!

— Eu vi!

O garoto respirou fortemente, correu o canto do olho pela sala, como se procurasse uma sahida, depois, ajudado pela sua nativa velhacaria, disse:

— Um "marron", senhorita. Fil-o para brincar.

— Um "marron" branco?

— Branco? E' possivel, senhorita, ha alguns brancos, ás vezes...

— Bem, vae para o recreio...

Pouco convencida, deante das declarações de Bréchenez, aguardou, ansiosa, a visita da collega.

— Estimaria tanto que ella nada tivesse visto — pensava. Por que, apesar de tudo, estes garótos não deixam de ser innocentes. Bréchenez, como os outros, é uma creança... Cartas de amor de Bréchenez, ora! E riu-se a professora, ante a idéa estapafurdia. Desejava ver isso... Elle mal sabe escrever... Talvez não passem disto: "Empresta-me tua bola e eu te passarei meus soldados de chumbo" ou coisa semelhante. Ah! vou rir bastante de minha collega, quando ella me trouxer a grande prova!

Mas aconteceu que a "carta de amor" de Bréchenez era de tal natureza que sua professora teve de lêl-a varias vezes para comprehendel-a em toda a crueza... E era dirigida á garotinha de "olhos angelicos".

— Tenho pena de lhe offerecer esta prova, minha filha, murmurou a outra professora, cheia de vergonha. O vosso alumno é um monstro de perversidade e depravação.

— Mas, tem apenas dez annos... disse a professora.

— Então, nada comprehendo!

A' noite, só, no seu pequeno quarto, a joven releu esse espantoso appello de animal em cio, aquelas linhas ignobeis, cheias do rude traço do desejo, sincero como um grito de fome ou de odio... E, pela primeira vez cahindo dos seus sonhos azues, comprehendeu o que era, para a grande maioria, o fatal e imperioso amor carnal...

No dia seguinte, chamou Bréchenez e mostrou-lhe a carta.

— De onde a copiaste?

— Assim colhido, elle confessou:

— De uma carta da "velha". Uma carta de Julot, empregado do açougue da rua Gagriella, Dedde ou do Dédé, um outro amigo de mamãe. Não sei bem de qual dos dois...

— Tu, que mal fazes qualquer copia...

— Ah! mas eu esforcei-me, appliquei-me muito — disse elle cheio de si.

— Mas é uma immoralidade, uma indecencia esta carta! — ralhou a professora, com subita violencia.

Com os olhos tomados de afflictiva surpreza, Bréchenez respondeu:

— Ah! mas eu não o sabia, não o sabia!...

— No emtanto, procuravas encobrir...

— Ah! devido minha mãe. Porque se ella soubesse... nem sei que seria de mim!... Que horror!

Mimificou, mas ou menos, e de modo a fazer rir, a scena da correcção, do castigo, depois, reassegurado pelo silencio afflictivo da mestra, tornou ao meio dos outros — que, serenamente, se entregavam aos seus trabalhos do dia...

A MORTE DE ARLEQUIM

Nas "Memórias", de Dangeau, se lê, com a data de 2 de agosto de 1688:

"Arlequim morreu, hoje, em Paris. A seu enterro compareceram muito poucas pessoas. Dizem que deixa uma fortuna calculada em mais de 300 mil libras. Foram-lhe ministrados os ultimos sacramentos porque havia promettido nunca mais voltar á scena. O padre Grainer deu-lhe a extrema-uncção."

A LITERATURA

A literatura, na opinião de Smiles sempre proporcionou o maior cabedal de distracções sedentarias aos trabalhadores intellectuaes. Um livro, não raro, calma o animo, os nervos muito melhor e mais depressa que o mais poderoso narcotico. O escrever um livro, bom ou máu, produz o mesmo effeito. Vatel refazia-se de seus pesados estudos sobre *Law of Nations* (*A lei das Nações*), escrevendo seus *Discourse en Love*

(*Discurso sobre o Amor*) e, de vez em vez, algumas poesias. Frederico, o Grande, que tinha a ambição da gloria literaria, como da guerreira, escrevia versos, que Voltaire corrigia, dizendo, porem, que não podia fazêl-o, sem... rir. Voltaire distrahia-se com representações privadas dramaticas e de polichinellos. E dizem que o philosopho de Ferney foi habilissimo em puxar os cordéis e manejar os seus bonecos. Edificou um theatro na Chatelaine, perto de Genebra, para o qual escreveu varias peças. Funccionando no mesmo como director de scena.

LETREIROS CURIOSOS

Em frente de um cemiterio havia uma taberna onde se lia, numa grande taboleta:

Aqui se está melhor do que ali defronte.

Um gaiato escreveu, porem, com carvão, na parede da taberna:

Mas, d'aqui se vae mais depressa para ali defronte.

CURIOSIDADES SCIENTIFICAS

A sexualidade das plantas foi demonstrada por Camerarius, no anno de 1894.

*

A transplantação dos tecidos animaes foi ensaiada e praticada com exito pelo cirurgião inglez Hunter, em 1794.

*

A. M. Friedrich se deve o primeiro tratado medico sobre o alcoolismo e sua influencia na criminalidade de (1552).

OS PASSOS NA NOITE

NUMA casinha humilde, o casal — Marcos e Rafaela — tinha concentrado toda a sua attenção no filhinho unico, que estava enfermo. O medico da Assistencia o havia visitado e manifestára a sua opinião: — que passára o maior perigo. Toda a questão era seguir, agora, com calma, um tratamento para a convalescença, que impedisse toda a possibilidade de recahida.

Porém, o organismo humano é uma engrenagem complicadissima, em que o menor corpo estranho que se introduza póde causar sérios transtornos. Durante altas horas da noite, o casal véla. Uma pequena lampada de petroleo illumina, fracamente, a habitação. Lá fóra, a tormenta se desencadeia.

Marcos e Rafaela, vendo que o menino parece repousar tranquillamente, sentam-se perto da janella, atraz de cujos vidros se vê um céo quasi negro, que se confunde com a terra e as humildes casinhas do bairro, que, de quando em quando, são illuminadas por um relampago.

— Está tranquillo, não é verdade Marcos?

— Sim, é o começo da melhora, conforme disse o medico. Passou o perigo — responde o marido.

— Deus bemdiga o medico que tão fervorosas palavras pronunciou: "Passou o perigo".

E a mulher, com olhar de gratidão em seus rasgados olhos, procura descanço no peito do marido e entre seus braços, exhausta de tantas noites de vigilia. Por uns instantes, cerra os olhos, ao passo que Marcos a contempla com amorosa solicitude.

Porém, repentinamente, volta a abril-os enormemente e fita seu marido.

— Que? Não se passou nada, Marcos?

E dirige depois seu olhar á cama onde está o enfermo.

— Nada, mulher; seguramente sonhaste.

— Que angustia! Nestes poucos minutos em que dormi, sonhei que o menino havia morrido... Morrêra, porque um cão agoureiro uivára á distancia.

— Cala-te, Rafaela! Que coisas tens!

— Olha, olha! Agora é verdade! Um cão uiva. Tenho médo, Marcos. O uivar lastimoso de um cão é presagio de morte certa para a casa que elle olha.

Com effeito, um cão uivou á distancia, e o uivo era triste, tragico.

A esposa treme nos braços do marido. Empallideceu espantosamente, e só a idéa de que póde perder o seu filhinho, o filhinho de suas entranhas, a põe frenetica.

O uivo prolongou-se numa escala de notas de maior a menor.

— Acalma-te, acalma-te. Todas estas coisas são bobagens das pessoas; superstições estupidas, a que não devemos dar credito.

SOBRE O BANHO — Os japonezes banham-se sempre em agua quente, porque acham que o banho é perigoso para a saúde. Quando se banham ao ar livre, não o fazem senão depois que o sol aquece a agua.

* * *

Em Utah, nos Estados Unidos, considera-se uma contravenção não se tomar banho ao menos uma vez por semana.

* * *

TRIBUNAL DE MENINOS — A Escola Industrial de Hayes, na Inglaterra, adoptou um systema educativo que está produzindo os melhores resultados. Organizou-se, ahi, o "Tribunal dos alumnos", no qual os mesmos julgam os collegas que commettem alguma falta, applicando-lhes o castigo que seu codigo lhes indica.

* * *

OUTRAS CURIOSIDADES — Saturno tem dez luas; Jupiter, nove; Marte, duas, e a Terra apenas uma.

As aranhas teem oito olhos.

* * *

A cera das abelhas é uma secreção natural. Não é, assim, como pensa muita gente, recolhida por ellas das flores.

* * *

No Amazonas já se encontraram umas duas mil especies differentes de peixes.

* * *

O celebre Colyseu de Roma tinha capacidade para uma lotação de 87.000 espectadores.

* * *

Com 300 grammas do fio tecido pelas aranhas poder-se-ia dar uma volta ao mundo.

De José Cerdan Arauda

Porém, sua vóz treme, demonstrando que não está muito certo do que disse com os seus sentimentos mais intimos.

— Marcos, Marcos! Olha, olha ahi!

E aponta para a janella.

— Onde? não vejo nada!

— Pois eu vi! Uma cara estranha, terrivel, uma cara que tinha os olhos dos agoureiros, e, sem desvial-os, olhava-me, e cuja bocca eram duas fileiras de dentes, sem carne, e que se riam. Tenho medo, Marcos! Tenho medo! Olhou-me; eu senti que elle me olhou, e esse olhar me trespassou a espinha e gelou-me o sangue nas veias.

— Anda, reage um pouco; é o esgotamento moral, a vigilia atormentadora que te excita assim. Trata de descançar. O perigo passou de todo. Anda, dorme um pouco!

— Não posso, Marcos! Meu coração presente algo. Esta noite é para mim uma noite de prova. Alguma coisa dentro de mim diz-me que a desgraça cerca a nossa casa.... que alguem quer levar o meu anjinho, que ronda a casa, que quer entrar nella para arrebatar-me o meu amorzinho. Ouço seus passos... São passos pesados que chegam á nossa porta.

Nada se ouvia na realidade. Só o vento rugia ferozmente. O cão havia cessado de uivar, mas o ouvido da mãe, mais subtil, ouvia, ouvia os passos que na noite tormentosa rondavam a casa. A unica porta dava para um corredor de madeira, em frente a um amplo terreno sem edificações. Era uma dessas casinhas dos bairros pobres, construidas no alto, como previsão ás inundações. Certamente, a porta não estava bem fechada, porque uma rajada de vento mais forte a abriu, batendo-a com força e apagando a luz.

— Marcos, Marcos! Na escuridão, a vóz da mulher parecia aterrorizada.

— Marcos, esse alguem que rondava a nossa casa entrou! Ouvi seus passos resoarem no chão; ouvi seus passos entrarem e logo sahir. Vae fechal-a para evitar que torne a entrar.

E, febrilmente, emquanto o marido accende outra vez a lampada, ella cerra a porta e põe a tranca de segurança. Um grande suspiro se escapa de seu peito. Com os braços estendidos como em cruz, e com o rosto apoiado contra a porta, pergunta com um fio de vóz apenas:

— E o menino, Marcos?

Este se aproxima da cama. Ajoelha-se deante della, e, ao olhar detidamente o filho, tem que levar as mãos á bocca para reprimir o grito. O pequenito está quieto, muito quieto... muito quieto e tem os olhos abertos, extaticos...

— E o menino, Marcos? — insiste ella. — Dorme?

E Marcos arrancando forças do seu espirito enfraquecido, responde:

— Sim, Rafaela; dorme tranquillo... muito tranquillo...

O epitaphio de

NO seu paiz parece que elle se chamava Mataafa Arlifaté... E' um nome mais ou menos assim... Desculpe-me se, involuntariamente, se augmento, em vez de diminuir, algumas letras ao seu nome, de que guardo apenas uma vaga reminiscencia, por tel-o visto, nos Dardanellos ha cerca de 15 annos, inscripto sobre o seu leito de hospital. Depois de tanto tempo minha memoria pode não ser bem exacta.

Elle era um "Anzac", quer dizer: fazia parte do *New Zeeland and Australia Army Corps* — o contingente da Nova-Zelandia e da Australia. Está-se a ver que, com semelhante nome ou coisa mais ou menos parecida, elle não podia ser um inglez: um Maori, um legitimo Maori, sim. Mas, seus camaradas néo-zelandezes, de origem britannica, tratavam-no como um igual. Não, de modo algum, como um "homem de cor". Para quem conhece o desdem fortemente arraigado dos anglo-saxãs por todo homem que não seja de pura, a maneira porque o tratavam era pouco commum.

Mas esse desprezo, entre os inglezes da Nova Zelandia, comporta muitas attenuações. Porque nunca os nossos visinhos encontraram deante delles, no curso de uma migração que lhes permittiu o dominio de um bom quarto do globo, adversarios que, a certos respeitos, lhes parecessem mais dignos de indulgencia, mesmo de sympathia: dispostos, como elles, em todo caso, a considerar a guerra como um sport — um sport muito nobre — em que, como nos outros, e mais que nos outros, se deve respeitar a regra do *fair play*. Na sua luta para manter sua independencia — luta que durou perto de um seculo — os Maoris tinham o cuidado de os advertir de vespera, de qualquer assalto que fossem realizar; passavam viveres para as guarnições cercadas, não querendo obter a victoria pelo enfraquecimento do adversario e sim pelo valor de parte a parte. Isso não é nada accidental. Elles não admittiam, como nós, os accidentes, ainda hoje o fazemos, que para se dominar o adversario todos os meios fossem bons e licitos. Assim, bella e dignamente, é que elles succumbiram e os vencedores não puderam deixar de reconhcer a nobreza dessa attitude. A tal ponto o reconheciam que se viu em nova-Zelandia o que não se vê, talvez, em nenhuma parte, nas suas outras colonias: inglezas uniram-se a um Maori em casamento legitimo. Isso, realmente, não acontece todos os dias, mas é um facto.

Mataafa sabia-o e tinha orgulho disso. Elle sabia-se, tambem, tão nobre como os mais nobres da sua raça: quer dizer, seu sangue de maori conservava-se absolutamente puro, sem nenhuma fusão com o dos papuás negroides. Um verdadeiro Maori despreza os negros tanto quanto o pode fazer um inglez! Não o vi senão no seu leito, mas posso affirmar que era de estatura elevada, forte, corpulento. Sua tez branca era apenas, e ligeiramente, sombreada de um tom de azeitona e de cobre.

Tinha a bella cabeça oblonga dos velhos chefes polynesics. Conserva, em tudo, a majestade de um rei nativo, o que não o impedia de falar o inglez correctamente, de ser christão, um bom christão da seita dos baptistas. Não se tatuava, porem, e trazia, sempre, o rosto barbeado de fresco, como um inglez que se preza. Elle, somente elle, sabia que seu pae, cioso dos usos antigos, lhe fizera gravar no peito, por um velho artista das montanhas, a indelevel imagem de uma aguia de azas abertas. Mas elle envergonhava-se disso e escondia esse ornamento como se fosse uma tára.

Sua unica ambição era ser um inglez, um "branco", digno dos brancos em todos os actos da sua vida — de *gentleman*, que era, de facto.

E foi por todos esses motivos, para mostrar que era um inglez, que sabia ser um *gentleman* de raça, que Mataafa Arlifaté foi um dos primeiros a engajarem-se quando veio a guerra. Um velho instincto

---

CATHEDRAL EM RUINAS

Sonóro, canta, o vento, em notas argentinas,
Mal desce a noite, e o céo em oiro se constella
Na vasta solidão da cathedral em ruinas
Dos meus sonhos de gloria onde a Saudade vela!

Mas, si a luz da alvorada em tintas purpurinas
Vem tingir do horizonte a aurifulgente tela —
Da velha cathedral nas solitarias ruinas,
Inda um sonho, a morrer, em ansias se revela...

Cathedral do Silencio em solidão profunda
— Meu coração palpita ao raio que o fecunda
Entre beijos de luz e cantos de alegria!...

Porém, voltando a noite a soluçar, o vento,
De novo, faz ouvir, funereo, seu lamento,
Da velha cathedral na vastidão sombria.

MANOEL M. GRALHA

Mataafa Arlifaté

arastara-o tambem, para o campo de luta. Mas, sobretudo, elle desejava, de toda sua alma, e com todas as suas forças, defender esta civilização britannica de que tinha a certeza de fazer parte. E assim foi que chegou aos Dardanellos como simples soldado private, como se diz no exercito inglez.

Quando se viu no navio, rodeado de camaradas que vinham, como elle, da Nova-Zelandia — anglo-saxões e Maoris, como elle — nada perturbou sua modesta dignidade e altivez. Sentia-se bem naquelle meio. Mas quando chegou aos Dardanellos teve contacto com os australianos. E os australianos não sabiam o que era um maori. Nesta ilha, vasta como um continente, elles nunca se encontraram senão com selvagens pertencentes á raça mais primitiva do mundo. Em Tasmania, destruiram, eliminaram quasi todos os que ahi existiam, sem o menor escrupulo. O pouco que resta não lhes parece digno senão de viver na miseria e na immundicie em que vivem: são gente que comem tudo! Era esse, assim, o juizo que faziam dos "homens de cor". E foi por isso que um australiano, ao ver Mataafa, deu-lhe um empurrão, dizendo-lhe: "Porcalhão"!

Mataafa cahiu das nuvens, sentia-se humilhado até o intimo de sua alma, apesar de não ignorar que, mesmo entre os brancos, nem todos são *gentlemen*. E esses australianos não eram *gentlemen*, na sua opinião. Assim, guardando a injuria no fundo de seu ser, como uma ferida, resolveu passar uma esponja na offensa recebida, mesmo porque notara que os officiaes, todos os officiaes, eram verdadeiros inglezes, inglezes da Inglaterra. E sabiam o que era um maori: um homem de raça nobre e um verdadeiro guerreiro! Quando percebeu, porem, que elles proprios não lhe falavam com uma certa condescendencia, que tambem, para elles, elle era um "homem de cor", um homem inferior, quasi morreu de vergonha.

Noite e dia sua memoria offendida agitou-o e fel-o soffrer pela injustiça desse tratamento. Tornou-se triste, silencioso. Sua honra estava em jogo e nada, agora, poderia repará-la, nada mais poderia fazêl-o igual a um inglez. O prebystero protestante, que viera de Nova-Zelandia, e que conhecia os maoris, tudo fez para consolal-o. Elle, porem, ao ouvil-o, apenas sacudia a cabeça.

Uma manhã trouxeram-no numa ambulancia. Durante a noite os estilhaços de um obuz lhe haviam arrebentado uma perna. Mataafa sequer não soltara um grito, um gemido. Cahido do alto da sua orgulhosa convicção de ser inglez, um homem "civilizado", elle quiz morrer como um maori, em silencio. Mas, morria desprezado, menos pela gangrena que se infiltrava no seu organismo que pela sua revolta interior.

Na sua companhia estava um outro maori, que foi chamar o padre protestante:

— Sei sei bem porque elle não morre tranquillo! Se o senhor permittisse...

O reverendo concordou. O maori preparou, então, a cruz que deveria ser collocada sobre a sepultura do seu camarada, e levou-a para o hospital.

Escrevera na mesma, com tinta branca, o seguinte:

AQUI JAZ MATAAFA ARLITAFE'
"GENTLEMAN" BRANCO

Mataafa leu essa inscripção e seu rosto transfigurou-se:

— Quando elle estiver no seu logar, a guardar os meus restos, promette-me... promette-me photographal-a e enviar, lá, para a nossa terra, essa photographia. E' preciso que todo mundo a veja!

E morreu tranquillo, satisfeito. Seu capitão, o inglez da Inglaterra, não se oppoz a que a cruz fosse collocada com aquelle epitaphio, nem que a photographassem. Mas não deixou de dizer, mais tarde, na roda dos seus: "Esses homens de côr são de uma vaidade!..."

PIERRE MILLE

MIRAGEM DO OUTOMNO

Será saudade? Amor? Nem sei, siquer...
Mas o meu coração, nervoso, fala
De beijos e suspiros de mulher,
No bojo azul da tarde côr de opala.

E eu que já a esquecia... Sem querer,
Ao som da brisa suave que trescala,
Desfolho o derradeiro malmequer
Na esperança doentia de encontral-a!

E ao concerto do outomno, sensitivo,
Ha miragens de sonho e de quebranto
Nas mãos de um pôr-de-sol contemplativo!

A saudade me aperta o coração...
E emquanto, dos meus olhos rola o pranto
As folhas mortas rolam pelo chão!...

(Do "Folhas Mortas", em preparo.)

BRIGIDA TINOCO

UMA SOBREMESA "CHIC"

E' muito commum vermos as donas de casa não se contentarem com as receitas communs de bolos e puddins, quando devem receber visitas de certa cerimonia. E ficam, então, verdadeiramente embaraçadas, sem saber qual o alvitre a tomar.

Um genero de sobremesa que está muito em voga nestes tempos é representado pelo crême, servido, á moda dos Estados Unidos, em taças de crystal fino ou de prata. No emtanto, esses crêmes, na maioria dos casos são muito custosos e apresentam não pequenas difficuldades para as pessoas que não possuem sufficiente pratica na preparação de doces caseiros.

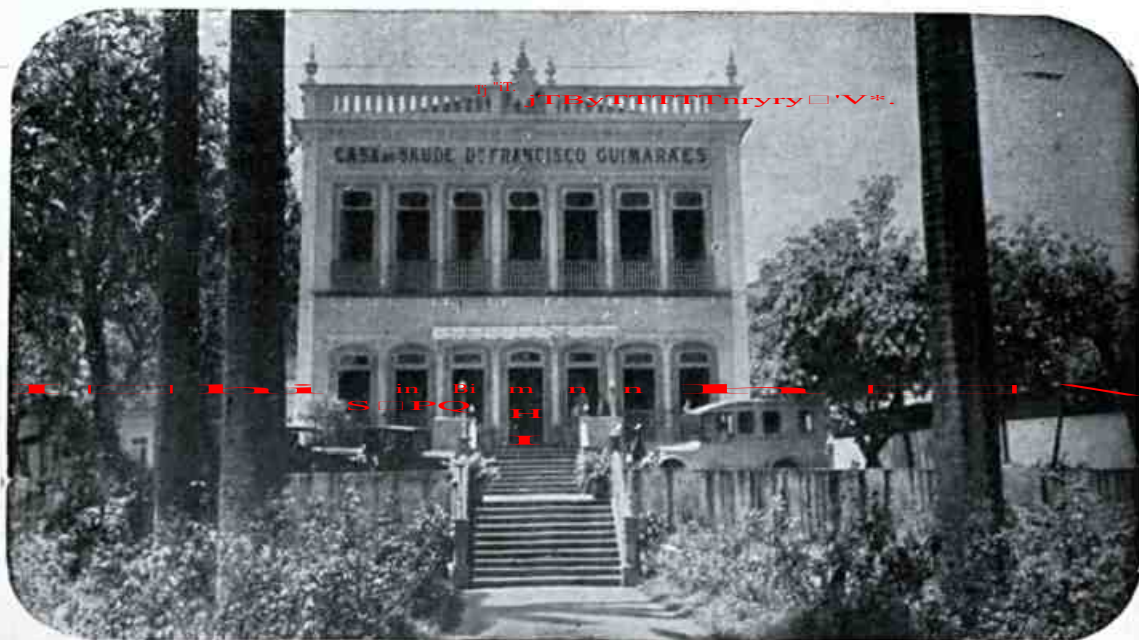
Neste numero, vamos apresentar ás nossas leitoras uma excepção, com o finissimo "Crême Navarra". O seu principal ingrediente é ameixa preta. Não sahe caro, portanto e é facil e rapido de fazer. A' parte a delicadeza do seu paladar, tem ainda o valor de ser bastante nutritivo e original. Está na moda, como se diz, e permitte que as senhoras donas de casa tirem um bello partido, servindo-o ás suas visitas. E' esta a receita do "Crême Navarra":

Bater 6 claras de ovos com 6 colheres de assucar e uma pitada de fermento em pó Royal, até ficar em ponto de suspiro.

Tirar os caroços de 1/2 kilo de ameixas pretas e pôl-as numa vasilha com 1 copo de agua fria. Levar ao fogo durante 20 minutos, aproximadamente. Depois de bem desmanchadas, juntar ás claras previamente batidas com o assucar e o fermento em pó Royal e mexer bem, até ficar como crême.

Servir em taças, podendo ser aromatizado com algumas gottas de licor fino.

Si é certo que causará bom effeito a apresentação do "Crême Navarra" — não é menos certo que deixará algo a desejar, visto como é apenas um crême e muitos convivas acharão que vale mais uma guloseima substanciosa e solida...

Para que as nossas leitoras não se vejam obrigadas a commetter essa falha, vamos apresentar uma

outra receita nova, destinada a completar o successo que póde alcançar o nosso crême. Eil-a:

Bolinhos de crême

1/3 chicara de manteiga
1 1/4 chicara de assucar
1 ovo
1/2 colher de chá, de essencia baunilha
200 grammas de leite
1 1/2 chicara de farinha de trigo
4 colheres de chá, de fermento em pó Royal
1 colher de chá, de canella em pó

Derreter a manteiga e juntar aos poucos o assucar. Depois, bater bem. Juntar a gemma do ovo, a essência e a metade do leite e misturar com a metade da farinha, já peneirada com o fermento em pó Royal e a canella. Misturar então, a outra metade da farinha, com o leite e a clara batida. Amassar tudo e dividir em fôrmas pequenas untadas com manteiga. Usar forno moderado durante 20 minutos. Servir quentes, cobertos com o seguinte.

Crême de chocolate

1/4 chicara de chocolate amargo
2 colheres de sopa de manteiga
1/8 litro de agua fervente
2/3 de chicara de assucar
1 pitada de sal
1/2 colher de chá, de essencia de baunilha

Derreter o chocolate amargo com uma parte de agua fervente. Misturar bem com a manteiga e deitar aos poucos o resto da agua, agitando sempre. Addicionar o assucar e deixar ferver durante 5 minutos — sem mexer. Depois, accrescentar o sal e a essencia de baunilha.

BISCOITOS DE NOZES

Usar as modificações dadas nos Biscoutos de Trigo Integral, accrescentando mais 1 colher de sopa de assucar e 1/2 chicara de nozes picadas. Cobrir cada biscouto com ralla de nozes.

Esta receita dá a quantidade de 14 biscoutos.

BOLO PORTUGUEZ PARA O ALMOÇO

1 colher de manteiga
2 colheres de assucar
1 ovo
1 chicara de leite (1/4 de litro)
2 1/2 chicaras de farinha de trigo (300 grs.)
2 1/2 colheres de chá de Pó Royal (10 grs.)

Bata-se a manteiga com o assucar até se transformar em creme, addicione-se o ovo e o leite, batendo bem, e em seguida junte-se a farinha, peneirada juntamente com o Pó Royal. Colloque-se a massa em pequenas fôrmas untadas com manteiga, levando a forno brando, onde deverá cozer por 20 minutos.

Seara alheia

Da seriedade — Um dos caracteres mais geraes, certo é o da seriedade, mas, quantas cousas differentes encerra e que diversidade de caracteres comprehende! Ha diversas maneiras de se ser sério: — por temperamento; por ter poucas ou muitas paixões; por excesso ou defeitos de idéas; por timidez, por habito e por mil outras razões.

O exaggero põe a nú, ante os olhos de um espirito observador, todos esses diversos caracteres. A seriedade de um espirito tranquillo tem uma expressão suave e serena. A seriedade das paixões ardentes é selvagem e sombria. A de uma alma abatida, acabrunhada manifesta-se por um ar languido, de desanimo. A seriedade de um homem esteril é fria, flacida e ociosa e a seriedade da gravidade torna um ar estudado como ella propria. — VAUVENARGUES.

A vaidade da gloria — Ha um estado de consciencia pelo qual a gente se eleva, ás vezes, á linha do horizonte em que pairam os grandes litteratos, mas, onde, liberto da obcessão de igualál-os abandona-se o desejo de se ficar alinhado por traz delles para essa escalada

AQUELLE OLHAR DE FOGO...

OLHANDO a chuva que cahia monotona e triste, na tarde fria de inverno, José Arthur divagava voluptuosamente entre as espiraes do seu cigarro, que subiam lentas para o tecto, desenhando arabescos azues no ar.

Esperar uma mulher... Poderia haver coisa mais irritante?...

Lembrava-se do telephonema que recebêra pela manhã.

— Irei ver-te hoje pela ultima vez...

Pela ultima vez... Como isso o torturava!... Agora, que reflectira maduramente, sentia uma vaga inquietação ao pensar que estava prestes a perdêl-a.

Com as outras mulheres que tinham passado em sua vida, sempre uma vez tinha sido a ultima. Mas elle as deixava mais alegres que triste; amava-as pela ultima vez, instinctivamente, como sempre; para satisfazer a um desejo apenas.

E ellas passavam... E outras vinham, trazendo nos labios sempre os mesmos beijos insipidos e vulgares; abraçando sempre da mesma maneira; falando sempre sobre as mesmas coisas; enfastiando-o sempre...

Lenita, não. Trouxéra-lhe algo que elle não encontrara ainda nas outras mulheres. Um pouco de originalidade; uma alma romantica e emotiva; uma maneira de amar muito mais sensual e esquisita; um beijo mais longo e apaixonado...

E ante, o silencio de sua adoração muda, a amára intensamente, esquecido do mundo e da vida.

E era o mundo, era vida que ia agora separál-os. O preconceito era rigido e inflexivel e a sociedade exigia...

— Um toque nervoso e prolongado de campainha veiu arrancál-o do marasmo.

Lenita entrou. Estendeu-lhe a mão pállida e branca. Elle beijou-a reverentemente.

— Bôa tarde, Lenita; tardaste tanto...

Ella recostou-se commodamente num "mapple" macio e fundo.

— Nem sei como pude chegar até aqui — disse, com vóz cansada. — Vim somente dizer-te adeus...

Arthur olhou-a tristemente.

— Então, é verdade?...

— E' necessario Arthur. Eu não posso continuar a vir aqui; não posso.

Calou-se um momento, visivelmente agitada.

— Infelizmente — proseguiu — eu sou uma mulher casada, que tem obrigações prementes para com a sociedade e o mundo.

— Que importa o mundo, Lenita?...

Ella teve um sorriso amargo.

— Ah!... bem se vê que és homem — disse, tristemente — Pódes fazer o que entendes sem que ninguem te peça satisfações dos teus actos. Eu, não. Estou sujeita a toda uma serie de convenções que me restringem. Si soubesses como é horrivel viver nesta inquietação perenne! Sempre temendo um desenlace doloroso; sempre duvidando de tudo e de todos; com a unica preoccupação de occultar a verdade; lendo sempre uma accusação fria e implacavel no olhar de toda a gente, como si todos soubessem o que se passa em minha vida... Ah!... é horrivel... Eu não posso continuar Arthur; é impossivel!

Elle tomou-lhe as mãos entre as suas.

— Não ha nada impossivel para o amor, Lenita. A questão e saber amar.

— Saber amar... — repetiu ella — Saber amar toda mulher sabe, desde que encontre o amor. E eu o encontrei, Arthur. Mas encontrei-o demasiado tarde para poder gozál-o.

O mundo me encarcera dentro das suas convenções.

— Si fosses livre, Lenita, talvez eu não te amasse tanto.

Ella sorriu.

— E' sempre assim — disse, com tristeza. — Só se ama, só se deseja o que se não póde ter. Talvez por isso eu te amei. Acreditei que a nossa seria uma aventura passageira. E entreguei-se para fugir á monotonia de minha vida vã e estéril; para dar a alguem um

da gloria a que se dá, geralmente, tanta importancia na mocidade.

Este sabe que tem tanta cultura e tanta imaginação quanto aquelles e que lhe seria facil fazer o que aquella "élite" chama, pomposamente, uma obra prima, porém, renuncia á tarefa e conserva para si mesmo o que de melhor poderia realizar.

Não o fez, porém, por preguiça, — por inercia; é que comprehendeu a inutilidade da celebridade e o falso reconhecimento dos homens.

O mundo civilizado está cheio de coisas que foram declaradas "obras-primas" das quaes bem poucas conservam ainda bastante fluido vital para commover e realizar obra bemfazeja através das idades.

Assim, chegar a gente a este resultado: retrahir-se, é saber, depois, que qualquer literatelho profissional dissera que "não damos mais nada" que não temos talento, precisamente no momento em que a colheita interior está produzindo os seus melhores fructos... é uma delicia de prazer espiritual e motivo de sadio divertimento! — CAMILLE MAUCLAIR.

:: A semana da bondade — Fizeram-se, na França, os mais jocosos commentarios em torno dessa famosa "Semana da Bondade", iniciada em Paris, a 12 de junho deste anno com uma cerimonia realizada na Sorbonne.

Os chronistas e caricaturistas encontraram nesse assumpto uma inesgotavel fonte de pilherias, de *blagues*, de paradoxos e ironias faceis. Não é que, pessoalmente, eu creia muito na efficacia dessas demonstrações solennes e um tanto emphaticas, mas o só facto da iniciativa está a indicar que a nossa mentalidade tende a evoluir.

Mas, ai! — a bondade não se implanta em uma semana: é preciso pensar-se sempre nella, sem nunca dizer-se-lhe o nome, e praticá-la como se respira — ... sem cessar, continuadamente. — IVONNE SARCEY.

De Cesar Lucchetti

pouco de minha transbordante mocidade, que fenecia nos élos rigidos de um casamento puramente convencional; para afogar, num leito impuro e prohibido, a minha intensa sêde de vibração e de vida. Tu passaste em meu caminho. Em tuas palavras havia um pouco de sonho. E eu me entreguei. Apenas para conhecer o amor. Uma vóz intima dizia-me: "E' o momento melhor da tua vida. E' a propria vida que tu não conheces bem ainda. Entrega-te. A aventura será ephemera..." Mas o tempo passou; e eu perdi a noção do tempo. A vida proseguiu; e eu esqueci a vida. O mundo advertiu-me; e eu desprezei o mundo. A attracção do abysmo é inesistivel.

Calou-se por instante, olhando-o fixamente.

— Mas tudo tem um fim — proseguiu — Por um engano de correspondencia, chegou-me ás mãos uma carta endereçada a meu marido. Rodei-a entre as mãos muito tempo. Por fim, a curiosidade foi mais forte. Abri-a. Era uma carta anonyma. Talvez a primeira. Talvez a decima. A realidade emfim. O dilemma premente. Ou o amor, ou o escandalo, a vergonha... E eu não posso hesitar. Não sou livre. Tenho um filho que ainda precisa de mim. Um divorcio escandaloso acarretaria a sua infelicidade futura. Abandonarei o amor? O seu porvir exige esse sacrificio. E eu me sacrificarei.

— E me sacrificarás tambem — disse o egoismo de Arthur — Para que?... Gozemos o momento que passa, o presente. O futuro é sempre um enigma. Para que pensar nelle?!

Ella sorriu tristemente.

— O futuro... — disse, pensativa — o futuro para mim será a reclusão voluntaria. O meu porvir será a desolação, a tristeza; a vida resumida na recordação de uma felicidade ephemera que passou depressa como tudo passa na vida. Irei para longe. Para um logar onde nada possa relembrar-te. Procurarei esquecer-te. Si não o conseguir ao menos estarei longe de ti, livre de tua soberana influencia. O unico remedio é este: viajar. Embriagar as retinas de novas paizagens, conhecer outras terras.

Calou-se. José Arthur olhava-a pensativo. Não se podia conformar com a idéa de perdêl-a. As suas palavras cahiam como brazas, em sua alma de homem egoista e voluntarioso.

Não; ella não se iria.

— Ouve, Lenita — disse, por fim numa vóz que se esforçava por parecer calma — E' um contrasenso o que queres fazer. Para que nos sacrificarmos atôa?... Temos toda uma vida á nossa frente. Depende só de nós gozál-a. Para que renunciar?... Todo sacrificio resulta estéril. Toda renuncia é uma fraqueza. Sejamos egoistas, máos, hypocritas, o que quizeres. Mas vivamos só para nós. De que vale viver para o mundo?... Si me amas, Lenita fica; si não — concluiu tristemente — pódes ir...

Calou-se, olhando-a fixamente, numa interrogação ansiosa e muda.

Ella quiz falar, explicar-se, dizer alguma coisa; mas só conseguiu esboçar um gesto de desalento e baixar languidamente os grandes olhos azues e tristes, sob a influencia irresistivel daquelle olhar de fogo, que a vencia, que a dominava.

E o seu silencio foi a melhor resposta...

* * *

Lá fóra, a chuva continuava a cahir fina e insistente.

Um crepusculo humido e frio amortalhou o dia.

E Lenita ficou...

AS "FÉRIAS" DO Sr. LETERTRE

— Então, tudo liquidado, tudo de aguas abaixo, definitivamente? — perguntou Edmundo Letertre a seu amigo e socio, Alexandre Chaloupier.

— Sim, meu "velho", definitivamente. E' estupido isso. Um negocio que parecia completamente seguro... Tão seguro que eu já contava aproveitar a minha parte nos lucros que nos proporcionaria para acabar de pagar minha casa de campo.

— E eu que esperava custear com o tal negocio as minhas despezas de veraneio. Ah! realmente é estupido semelhante fracasso! Já tinha escripto para a agencia de Sen-sur-Mer pedindo me reservassem as duas "villas" do anno passado. Cento e vinte cito mil francos perdidos... E não ha geito a dar...

— São os inconvenientes de se gastar tudo que se ganha, meu "velho". Somos da mesma marca: eu, com a minha mania de collecções; tu, com os teus prazeres e as tuas duas mulheres... E ellas — as tuas duas mulheres — como receberão a noticia de não leval-as á praia, este anno?

— Oh! ellas comprehenderão... Monica, sobretudo. E' tão meiga, tão conformada, tão affectuosa... Esta nada dirá. Alberta fará uma "scenazinha", mas isso passará logo.

— Ella ainda não sabe do caso de Monica?

— Ah! não, meu caro. Se viesse a saber..., bumba! Seria um fim de mundo...

Bateu meio dia. Letertre apertou a mão de Chaloupier e deixou o escriptorio para ir ao almoço, em casa. Metteu-se no seu auto particular e o pôz em movimento. Estava preoccupado, o que diariamente lhe acontecia. De um modo geral, os seus negocios de sociedade com Chaloupier sempre corriam bem, proporcionando-lhe, assim, um feliz optimismo e permittindo-lhe levar tambem uma vida, quasi invejavel, na companhia — alterada — de suas duas mulheres, como disséra Chaloupier. Uma, Alberta, era sua esposa legitima já ha onze annos; a outra, Monica, era sua querida "amiguinha", havia cerca de tres annos, desde que, um bello dia, elle entendeu retiral-a da sua profissão de manequim, para installa-la num pequeno e lindo appartamento.

Entre as duas mulheres, Letertre partilhava o mais equitativamente possivel o seu tempo disponivel, apesar de preferir a companhia de Monica, em que elle só via as boas qualidades, emquanto reconhecia certos defeitos de Alberta, notadamente uma chocante desigualdade de humor. Temia um tanto a esta, e, por isso, tinha o maior cuidado em encobrir-lhe sua ligação com Monica. Explicava, classicamente, suas ausencias em certas refeições, bem como suas entradas tardias, justificadas por meio de conferencias importantes, sobre assumptos de negocios, jantares, tambem de negocios, com Chaloupier, "alibi" sempre invocado, seguro e devotado. Com Alberta, como com Monica, frequentava as "boites", os theatrozinhos ou os "dancings" de sua preferencia (nunca, porem, os mesmos). Elle as levava, uma e depois outra, em auto, a fazerem pequenas excursões, sempre, tambem, em logares differentes. Por fim, pelas férias, alugava, em uma praia agradavel, uma grande "villa" para madame Letertre e elle proprio, e numa extremidade do logar, e, na outra, um villino, pequeno e florido, para o encanto da sua vida meio clandestina com Monica, a quem ia ver de vez em vez... E, este anno, seria forçado a renunciar a tão grato e delicioso arranjo... Era desolador!...

— Madame está no seu "boudoir" — disse-lhe, quando entrava no seu appartamento, a creada de quarto.

Dirigiu-se para lá e, no limiar, estacou. Um momento, espantado ante o aspecto desarranjado da peça e, tambem, o de Alberta. Sobre a cama, sobre as cadeiras espalhavam-se grandes chapéos multicôres, manteaux de tons vivos, maillots, sapatos brancos... Deante do vasto espelho, Alberta, em pé, mirava-se, a admirar o lindo pyjama que vestia seu lindo corpo.

Voltou-se para o marido e disse:

— Olha o meu pyjama de praia. E' chic, hein? Recebi-o hoje pela manhã.

"E mais esta — disse de si para si o marido de Alberta — para lhe

De Frederico Boutet

responder, depois, atrapalhadamente:

— Minha pobre filhinha, infelizmente... infelizmente aconteceu uma desgraça, uma grande desgraça... Não poderemos ir para a praia este anno.

— Que é que dizes?!

— Eu e Chaloupier acabamos de fracassar num importante negocio... um negocio de certo vulto. Tudo corria bem e tão seguro estava do seu exito que contava com isso para as nossas despesas na praia... Estou um tanto "apertado" agora e...

— Naturalmente, se gastas dinheiro como um louco! Quasi todo dia vives a offerecer jantares a verdadeiros imbecis, que te embrulham e fazem-te metter em negocios mirificos que, finalmente, dão em nada. E o teu Chaloupier é um canalha que te rouba, estou certa disso! E eu, pela tua estultície, pela tua imprevidencia, que fique em Paris, sem fazer a minha estação de verão, como qualquer operariasinha sem eira nem beira porque, muitas dellas, — sabes? — muitas tambem já vão á praia! Ah! és encantador! Reservavas-me esta boa "surpreza", como tantas outras, já! Agora, porem, a coisa passa de medida, de limite! Não se vai á praia!... Que bonito! E eu que aguente Paris durante todo o verão! Eis com que me vou distrahir, como vou repousar e tratar da minha saúde! Nada disso, porem, tem importancia para ti. Conheço o teu egoismo, teu...

Parou, um momento, quasi suffocada pela raiva. Depois continuou a "fulminar" Letertre que a escutava, sem responder, pasmo de tanta violencia. Nunca Alberta o tratara assim...

Almoçou pouco, sem appetite, deante da mulher furiosa, que, mal e constrangidamente, evitou emfim, injurial-o deante da creada. Em compensação lançava-lhe olhares verdadeiramente homicidas. Elle estava ansioso por se ver fóra de casa, para encontrar-se com a doce, com a meiga Monica que — tinha a certeza —, não lhe faria semelhante scena e, sem furor, receberia a noticia fatidica.

A's duas horas chegou á casa da amante. Tinha uma chave do apartamento, e entrou.

— Estou aqui, no meu quarto, gritou-lhe, de longe, a voz de Monica.

Encaminhou-se para lá e, um espectaculo identico ao que vira em casa, apresentou-se a seus olhos: chapéos e roupas multicôres sobre os moveis. A unica differença é que Monica, em pé, deante do espelho, não estava em pyjama de praia, mas em *maillot*, um *maillot* azul, branco e amarello, muito justinho e curto, que lhe desenhava o corpo, muito agradavelmente.

— Como estás vendo fiz as minhas compras para a estação de banhos. Estou a experimentar o meu novo *maillot*. Que tal, hein?

— Minha pobre filhinha... ha uma desgraça... Infelizmente não poderemos ir para a praia, este anno...

Monica teve um movimento brusco.

— Como? Que estás dizendo?

E, por que? acabo de perder um alto negocio... Então...

Acabou a sua explicação e, logo, viu erguer-se deante delle uma Monica desconhecida, de olhos que fuzilavam odio, bocca retorcida pelo furor, e que o crivou de remoques injurias e insultos de um repertorio bem mais grosseiro, aggressivo e canalha que o de Alberta. Petrificado pelo espanto e pelo horror, Letertre ouvia sem responder. E dizer que era aquella "furia" que ali estava a doce, a terna Monica a quem elle tanto amava! Eram iguaes as suas "duas" mulheres, pelo reverso.

Essa desoladora e chocante evidencia continuou a se manifestar pelos dias que se seguiram. Em casa, cada vez que ahi chegava, e em casa de Monica, onde continuou a ir, pela força do habito e pelo desejo de não romper, as scenas se reproduziam com o mesmo diapasão de furor. A vida tornou-se-lhe um tormento.

Um acontecimento imprevisto — modificou, porem, de subito, a situação. O negocio tido como fracassado, tomara outro rumo e acabou realizando-se com exito, dentro de 24 horas.

— Que sorte, hein "velho"? Vou pagar minha casa e tuas duas mulheres vão ficar bem contentes...

— Sim, disse Letertre.

Depois, reflectindo, accrescentou:

— Se vires Alberta ou Monica, não lhes digas nada.

Quando entrou em casa foi dizendo para a mulher:

— Consegui arranjar-me. Posso pagar tua estadia na praia; não, porem, a "villa" de Sen-sor-Mer. Escolhe uma outra praia. Irás para um hotel. Eu fico em Paris.

— Bem, disse Alberta, satisfeita. Vou para Farville.

Letertre, depois, dirigiu-se á casa de Monica e disse-lhe, mais ou menos, a mesma coisa.

— Está bem, respondeu-lhe Monica, satisfeita. Irei a La Mulière.

"E eu — falou Letertre para si proprio — ficarei em Paris, onde sempre se está muito bem; onde ha muitos logares para a gente divertir-se e lindas, lindissimas mulheres que não fazem scenas. Bem que tenho direito a tirar o melhor proveito das minhas férias..."

ESTILHAÇOS DE CRYSTAL... PEDAÇOS D'ALMA

De Dilke de Barbosa Rodrigues

CAUSÁRA profunda surpreza nas relações de Carlos Penna um convite aos amigos para uma ceia áquella noite...

Nenhum delles, por certo, ignorava a absorvente paixão de Carlos por Loisa Cintra, e aquelle convite justamente, no dia em que ella se casáva, era estranho, sem duvida.

No emtanto, a vida tem seus caprichos e era bem possivel que já a tivesse esquecido.

Fazia, agora, dois annos que o rompimento entre ambos se effectuára. Rompimento, aliás, injustificavel quasi, absurdo mesmo, si não se levasse em conta o amôr e o genio impulsivo de Carlos. Fôra rapido o caso. Entre uma valsa e um silencio. Contavam-no assim: os paes de Loisa realizavam um grande baile, — o ultimo baile de solteira da filha — com grande solennidade. A festa ia em meio, cheia do encanto e attracções do rico "cotillon". Carlos afastára-se um instante do salão, e ao regressar, encontára a noiva dançando nos braços do riquissimo Ricardo França, com quem antipathizava, ao cumulo de mais de uma vez pedir a Loisa que o evitasse. Terminada a valsa, despreoccupada e gentil, procurou pelo noivo, o grande amôr de sua vida. Avisaram-na de que elle se retirára... Loisa franziu o sobrecenho e, interrogando-se a si mesmo, comprehendeu o injustificavel ciúme do noivo. Meio *desconcertada*, meio risonha nervosa, emfim, fechou o maravilhoso leque de pennas brancas e correu ao telephone para dizer a Carlos que, si tinha dançado com Ricardo, o fizera unicamente por uma exigencia social.

Mas a justificação não chegou a ser emittida. Carlos, ao perceber a vóz ansiosa da noiva adorada, abaixou, embora delicadamente, o gancho do apparelho.

Cheia de dôr e de vergonha, a formosa Loisa, recolheu-se ao quarto antes mesmo do baile terminar.

Ricardo, que amava de ha muito Loisa, e mais sabendo-se o indirecto culpado, cavalheiro, procurou Carlos Penna para justifical-a deante do noivo. Carlos não o attendeu e odiou-o mais, si acreditam.

França, indignado, pediu Loisa em casamento, o que ella recusou nobremente. Esperou durante dois annos a volta do injusto adorado. Em vão! Carlos mantinha-se inflexivel. Mas, si ha moças que se consagram toda vida religiosamente a um amôr, outras ha que, por questões de familia, por necessidade ou despeito, esquecem... Foi a revolta do amor proprio que levou Loisa, embora amando a Carlos como no primeiro dia, a acceitar o novo pedido de Ricardo.

Casaram-se áquella tarde, e, á noite, preparavam-se para a ceia os amigos de Carlos no meio de muitas conjecturas.

O bar, em frente ao mar, que a lua tornára branco e assetinado como um leito de noiva, estava deserto ás duas da manhã. Ouviu-se o barulho das primeiras Christlers... Chegavam Luiz Freire, Roberto Astor, Adriano Almeida e os demais, num total de quinze, e, por fim, o perfil altivo de Carlos assomou na direção da sua Packard. Pouco depois, entrou no bar, envergando uma casaca impeccavel, sorridente, como um noivo feliz. Acolheram-nos os amigos com effusivas demonstrações da mais falsa alegria. Sentaram-se á mesa, ainda meio contrariado, como si algum máo prenuncio se lhes pairasse n'alma. Mas, ao evaporar das taças, a alegria tomou conta do grupo. Não houve mais cogitações disto ou daquillo, gargalhavam, cantavam, loucos de prazer.

A alegria dominava-os, até que Carlos, (que horror!) tão bello e intelligente, completamente fóra dos sentidos, se ergueu cambaleante. Com a taça ás mãos a transbordar, os cabellos em desalinho, num gargalhar que era mais um soluço, falou aos amigos:

— Camaradas, reuni-os aqui para festejarmos juntos um grande acontecimento, uma victoria em minha vida! Sou o homem mais feliz do mundo e, no emtanto, acabo de perder para sempre a mulher a quem amava. E é por isso que sou feliz! Delicioso paradoxo, amigos, mau eu vos asseguro — que é a expressão da verdade! Ah! que erro si nos casassemos! Assim não terá outra opportunidade de me trahir. Trahirá, sim, o desgraçado que, arrebatado de paixão, não viu o abysmo em que se deixou cahir. Uma leviana que só trará desespero e lagrimas a quem a amar com perfeição. Mulher sem alma, sem coração! Dizei-me, vós, que a conhecêstes, tambem si não sou bem um homem a quem um destino piedoso livrou de bôa. A sua sombra não me roubará mais a tranquillidade das noites, nem a serenidade dos dias. Não vos entristeçaes, porém, porque ella se tenha casado... Ella será vossa, do mais astuto, do mais endinheirado. Trahidora! O nome dessa mulher mancha-me a bocca! Não o repetirei nunca, nunca mais!...

Os amigos de Carlos iam fugindo aos poucos, abandonando o desvairado.

Loisa! Uma santa creatura com que horror era injuriada! E o pobre louco, o infeliz apaixonado, cégo de odio, os olhos injectados de sangue, as mãos tremulas da embriaguez, a alma dilacerada de amôr, a vóz de dôr, blasphemava sempre:

— Sou feliz, sou feliz! Trahidora! Mulher maldita! Ingrata! Leviana, levi...

E as syllabas morreram-lhe na garganta.

A ultima visão da "leviana" surgira deante dos seus olhos! Via a como á tarde, ao deixar a igreja, tão pura como o seu véo de immaculada brancura, os olhos humidos, pállida e linda como nunca! Descobrindo-o na multidão, ella cahira desmaiada nos braços do noivo-esposo. Elle fugira sem ser presentido pelos demais.

O seu rosto convulsionou-se num rictus doloroso de amargura. Espatifando contra o chão a taça, como espatifára, um dia, o crystal de seu sonho, elle cahiu de bruços sobre a mesa, chorando como um louco. Em seguida, menos excitado, a vóz entrecortada de soluços, levava para o mar, branco e assetinado como um leito de noiva, essa surdina linda que só meia duzia de homens ouviram: — "Loisa! Loisa! Minha santa Loisa, perdôa-me! Perdôa-me!"

Astor, como amigo mais querido de Carlos, ousou aproximar-se delle. Abraçou-o commovidamente. Quiz falar, mas a emoção embargou-lhe a vóz. A dôr irmanava-os. Faltando-lhe a palavra, elle, recostando ao peito a cabeça do amigo, tentou com seu lenço seccar-lhe as lagrimas. Carlos obstou-lhe, delicadamente.

— Obrigado, Roberto; guarda-o... Tenho o meu.

"Extraordinario! Loisa, por acaso, renunciando áquelle amôr, não soffrêra tambem? Por que os homens não sabem soffrer? Será que a dôr é distinctivo do coração das mulheres?"

Assim, emquanto Astor se dava a esses pensamentos, Carlos procurava, nas algibeiras, o lenço... Um ruido sêcco bem proximo tirou-o desse espasmo. Uma nuvem esbranquiçada envolvia Carlos. De suas mãos a Colt tombou... Sua physionomia serena e dolorida só implorava compaixão.

Roberto, que era medico, comprehendeu que era inutil quaesquer soccorros.

"Pobre Carlos! Pobre Carlos," — dizia, abraçando-se ao suicida, emquanto os seus olhos accendiam o cyrio d'alma de uma lagrima sincera, deante do corpo do amigo.

INFERNO DOURADO

(conclusão)

Bem sei que a discussão entre você e elle quasi degenerou num tumulto, mas o delegado contou-me que tem havido muitas brigas e se houver falta de mantimentos, as violencias serão constantes!

— Talvez tenha razão, concordou Roy, vou dizer aos mineiros que é preferivel acatar a lei!

Joe Dextry e Slapjack, porém, já tinham resolvido empregar a força, garantindo aos outros companheiros que Helen intimidara Roy, mas quando todos se puzeram em marcha para deporem o juiz, Roy apressou-se, e ao alcançal-os, disse-lhes:

— Se vocês depuzerem o juiz, não se admirem das consequencias. Essa revolta vae ser o inicio de uma anarchia! Esperem! O advogado Bill Wheaton saberá defender-nos! No cofre da mina "Midas" ha bastante dinheiro para pagar as despezas iniciaes. Vamos buscar o nosso dinheiro!

— Bem, vamos, bradou Dextry!

E de espingarda ao hombro, todos se puzeram em marcha dispostos a lutarem até morrer.

— Nós estamos aqui para levarmos o nosso dinheiro, declarou Roy ao entrar na sala de audiencias do juiz, que estava ausente.

— Que dinheiro?... perguntou o delegado.

— O dinheiro que estava no cofre da mina!

— O cofre da mina foi depositado no Banco Nacional!

— Mas o juiz não tem o direito de se apoderar do dinheiro que estava na nossa mina, affirmou Roy.

— Mas tenho eu! Como sabe fui nomeado administrador das minas, e se as mesmas não forem exploradas, as perdas serão enormes para seus verdadeiros donos. O ouro que as minas tem produzido está sendo depositado no banco, de accordo com a lei! As ameaças que vocês estão fazendo não me mettem medo! O regimento da villa proxima evitará qualquer tumulto...

— Parece-me que a lei está sendo mal administrada, e nós vamos tomar uma decisão.

Todos sahiram em direcção á praia e Dextry disse a Roy:

— Nós temos que defender o que é nosso! Eu não me deixo roubar!

— Dextry, contestou Roy, eu vou consultar o advogado Bill Wheaton. Espera-me aqui.

Mas Dextry não esperou. Em Alaska, no verão, só escurece uma hora ao aproximar-se a meia noite, que elle teve que aproveitar para roubar seu proprio ouro. Com seus camaradas, atacaram as sentinellas do Juiz, e Helen, que sahira para respirar um pouco de ar fresco, reconheceu os mineiros, mas quando o delegado chegou com reforços, já elles tinham fugido com os saccos de ouro. Helen, ao ser interrogada, indicou ao delegado a direcção contraria á que tinham tomado os mineiros. O delegado tomou esse rumo, mas procurou em vão, visto que os mineiros tinham ido pelo caminho oposto.

Roy foi devidamente informado do que tinha acontecido, e no dia seguinte, ao encontrar-se com Helen, disse-lhe:

— Convenci-me hontem de que o tal delegado está procedendo injustamente, e o meu advogado appellou para o Tribunal de San Francisco... mas diga-me uma coisa? Por que não deu o signal de alarme hontem á noite? Os ladrões fugiram na direcção contraria á que você indicou ao delegado.

— Ora, eu só fiz aquillo porque sabia que os mineiros estavam roubando o que era delles.

— Eu gosto muito de Alaska, a terra dos valentes, mas embirro com o tal delegado.

— Por que embirra com o delegado?

— Eu não entendo de leis, mas elle parece que ainda entende menos do que eu! E' certo que a senhora vae casar com elle?

— Não, respondeu Helen, meneando a cabeça em signal negativo.

— Ainda bem! Por culpa do delegado, eu perdi a minha mina e o meu amigo Dextry!

Horas depois, porém, Slapjack descobriu que o delegado dissera ao gerente do banco que o ouro das minas era delle, e a revolta tornou-se imminente.

Os mineiros prepararam-se para atacar e o delegado pediu a protecção do regimento que estava acampado em Saint-Michael.

— Roy, chegou a occasião de combater, disse-lhe Dextry! Esquece para sempre a sobrinha do juiz. Sem ti, nós não iniciamos a grande batalha! Esquece-a! Quem vae casar com ella, é o delegado, que só a utilizou para te enfeitiçar!

— Julgas então, Dextry, que ella enganou-me para que eu perdesse tudo que tenho?

— Sim, tudo que ella fez, foi sómente para beneficiar o delegado! Mas desta vez, os mineiros vão combater pelos seus direitos! Qual seria a parte nos lucros das minas que ella ajudou a roubar?

— Com certeza foi grande, e o ouro foi depositado no Banco Nacional pelo delegado. Só elle é que o pode retirar!

— Sim, o gerente do banco disse que só entrega o ouro á pessoa que o foi depositar.

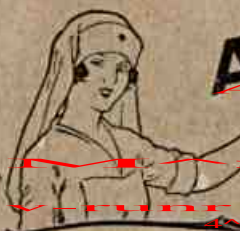
— Mas esse ouro é nosso e representa o nosso honesto trabalho!

— Nós temos que lutar pelo que é nosso, Roy! Mas durante a luta, dispara os tiros para o ar! Não mates nenhum soldado!

— Bem sei, caro Dextry! Matar um soldado é um crime que será punido com a morte pela forca.

Entrementes, Helena convenceu-se de que o seu velho tio fôra subjugado pelo delegado, que executava todas suas ordens.

— Diga-me, meu tio, quaes são as intenções do delegado?

— Minha sobrinha, uma explosão de dynamite preparada pelo delegado, destruirá o quartel assim que os soldados estiverem todos lá dentro, e a culpa recahirá sobre Roy Glenister, que é quem está commandando os revoltosos!

O amor é o deleite dos sentidos e da imaginação, e Helena, ás pressas, foi avisar os soldados, arriscando a propria vida, o que dá um desfecho originalissimo a este grandioso phonofilm, sempre tão animado, que foi comparado a um trabalho cinematographico de grande profundeza e naturalidade.

O "GLORIA SCOTT"

(Sherlock Holmes) — Por Conan Doyle

(Continuação)

—"E' verdade. Assim o disseram.

—"Mas não se encontra rastro algum dessa quantia... Tambem se lembra?

—"Justamente.

—"Pois bem. Onde julga que está o dinheiro?

—"Não faço a menor idéa.

—"Trago-o commigo. Tenho mais libras esterlinas em meu poder do que cabellos o meu amigo tem na cabeça; e quando se tem dinheiro, meu filho, e se sabe manejal-o e espalhal-o, póde-se tudo! Decerto lhe não passou pela cabeça a idéa de que um homem nestas condições se resigne a apodrecer no infecto porão de um navio velho, cheio de ratos e bicharia? Não, meu caro, um homem como eu, olha por si e pelos seus camaradas. Confie nelle e póde assignar o pacto que elle lhe offerece.

"A principio, confesso, não acreditei muito no que elle me disse. A pouco e pouco, porém, o homem foi-me convencendo; depois de me ter feito dar a mais solemne palavra de honra de que guardaria segredo, fez-me conhecer uma combinação que estava já tramada para os degradados se apossarem do navio.

A combinação fôra urdida muito antes do embarque por uns doze condemnados dirigidos por Pendergast; o dinheiro deste era naturalmente o eixo de toda a tramóia.

— Quando nos casamos, minha esposa era muito myope.
— Devia mesmo têl-o sido!

—"Tenho, disse o meu cumplice, um associado que é homem excepcionalmente seguro. Estamos ligados um ao outro como dois dedos da mesma mão. E' elle quem tem os fundos, mas... Onde imagina que está neste momento? Aqui mesmo: é o capellão de bordo. Embarcou com a sua sobre-casaca preta, munido de papeis em regra e com dinheiro na mala, em quantidade sufficiente para comprar a equipagem e o navio desde a quilha até ao tope do mastro grande. Toda a equipagem lhe pertence de corpo e alma. Comprou-a em blóco, até com desconto; porque pagou em metal sonante. Arranjou-se com os homens antes mesmo delles assignarem o contracto de embarque. Dois dos guardas dos presos e Mercey, o segundo contra-mestre, são creaturas delle; poderiamos comprar até o capitão, se valesse á pena.

—"Qual é então o seu plano? perguntei.

—"Tornar ainda mais vermelhas as fardas de alguns desses soldados. Que lhe parece?

—"Mas estão armados!

—"E nós tambem havemos de o estar, meu rapaz. Cada um de nós, tão certo como eu possuir dois olhos, ha de ter um bom par de pistolas; e se, com a ajuda da marinhagem, não formos capazes de nos apossar dum navio destes, é que, decididamente, só nos resta ir para um collegio de meninas. Fale o meu amigo esta noite com o seu vizinho da esquerda e veja se nos podemos fiar nelle.

"Assim fiz. Esse meu outro vizinho estava numa situação parecida com a minha. Chamava-se Evans.

"Depois mudou tambem de nome e é agora um homem rico e feliz. Habita no sul da Inglaterra. Mostrou-se prompto a entrar no conluio, que afinal era a nossa unica taboa de salvação. Antes de passarmos o golpho da Gasconha, só havia dois degredados por iniciar no segredo. Um delles era tão fraco de espirito que não nos atrevemos a confiar-lhe coisa alguma; o outro estava com ictericia, e para nada nos poderia servir. Pensando bem, devia ser-nos facil apoderarmo-nos do navio; a tripulação era composta de uma malta de bandidos contractados expressamente para isso.

"O falso capellão vinha livremente ás nossas celas, sob o pretexto de nos exhortar; deixavam-no entrar com um sacco preto que se suppunha cheio de opusculos religiosos. Visitava-nos tão frequentemente que ao terceiro dia já cada um de nós tinha escondido aos pés da cama um par de pistolas, uma lima, um arratel de polvora e vinte balas. Dois guardas eram agentes de Pendergast, e o segundo contra-mestre o seu braço direito.

"Em vista disso, só o capitão, os outros dois contra-mestres, o tenente Martin com os seus dezoito homens e o medico, seriam contra nós. Apesar de estarmos certos de nos sahirmos bem, resolvemos não esquecer nenhuma precaução, e só atacar subitamente durante a noite. Mas o plano teve que realizar-se mais cedo do que esperavamos. Uma tarde, pouco mais ou menos tres semanas depois da nossa partida o doutor, que viera visitar um dos degredados que estava doente pôz a mão na beira da cama e sentiu um objecto que percebeu ser uma pistola.

Se tivesse mais sangue frio, teria feito gorar o nosso plano; mas como era muito nervoso, deu um grito e fez-se tão pallido que o doente, vendo-se des-

coberto, deitou-se a elle e amordaçou-o antes que o medico pudesse dar o alarme, e atou-o á cama. Como o doutor deixára a porta do porão aberta, precipitamo-nos todos para a tolda.

"As duas sentinellas foram mortas immediatamente, bem como um soldado que acordou com o barulho. Quanto aos dois outros soldados que estavam á porta da camara dos officiaes, não tinham decerto as armas carregadas, porque não tentaram fazer fogo. Matamol-os emquanto tentavam armar a bayoneta.

Dirigimo-nos então, apressadamente, para a camara do capitão; mas no momento em que iamos entrando, ouvimos um tiro, e encontramos o homem com a cabeça pendida para um mappa do Atlantico que estava estendido sobre a mesa; atraz delle vimos o capellão empunhando uma pistola ainda fumegante. A marinhagem apoderára-se tambem dos contra-mestres, e tudo estava portanto concluido.

"Invadimos então a camara dos officiaes que era ao lado do beliche do capitão; ali nos reunimos e nos estendemos sobre os bancos, falando todos ao mesmo tempo, delirantes por nos sentirmos livres. Havia armarios em volta; Wilson, o falso capellão, tirou de um delles uma duzia de garrafas de vinho Xerez, a que partiu os gargalos. Enchemos os copos e estavamos bebendo, quando de subito uma descarga de espingardas retumbou aos nossos ouvidos, e a sala encheu-se de fumaça espessa, que não nos deixava vêr nada.

"Quando o fumo se dissipou, a sala era um açougue; por terra jaziam os cadaveres de nove homens, sendo um delles Wilson. A recordação daquella mistura de sangue e de Xerez espalhada por cima das mesas ainda hoje me faz mal, quando me recordo da medonha scena.

"Estavamos completamente desnorteados, e creio bem que não teriamos resistido, se Pendergast alli não estivesse. Mugindo como um touro, precipitou-se para a porta acompanhado dos sobreviventes. A' tôpa estavam o tenente e dez dos seus homens. A escotilha, por sobre a mesa, estava aberta, e fôra por alli que elles tinham feito fogo sobre nós.

Precipitamo-nos sobre elles antes de terem tempo de tornar a carregar as espingardas. Bateram-se como leões; mas como tinhamos o numero a nosso favor, succumbiram: ao cabo de cinco minutos tudo estava terminado. Santo Deus! Que carnificina! Pendergast era como um demonio enraivecido. Para elle um soldado não pesava mais que uma creança; num abrir e fechar de olhos tinha deitado tudo pela borda fóra, vivos e mortos. Um sargento muito ferido, manteve-se nadando muito tempo á tona dagua; um dos nossos compadeceu-se do desgraçado e fez-lhe saltar os miolos.

Dos inimigos só restavam os guardas, os contramestres e o medico. Levantou-se a respeito delles uma violenta disputa. Muitos dentre nós, felizes por termos reconquistado a liberdade, não queriamos commetter mais assassinatos; achavamos que era licito matar soldados armados em defeza propria, mas que não ha o direito de assistir a sangue frio ao assassinato dos homens indefesos. Oito dos nossos, cinco degredados e tres marinheiros, declaramos que não adheriamos a isso; mas não houve meio de dissuadir Pendergast e o seu bando. "A unica maneira de ficarmos impunes, diziam elles, é irmos até o fim; não devemos deixar nenhuma testemunha que um dia possa surgir em nosso caminho." Já pouco faltava para que tivessemos a sorte dos nossos companheiros mortos, quando Pendergast declarou afinal que, se quizessemos, podiam metter-nos em um bote e deixarmos o navio. Ennojados com a carnificina a que tinhamos assistido, e para não presenciarmos as novas atrocidades que os malvados planejavam, acceitamos a proposta com regosijo. Deram-nos um fato de marinheiro a cada um, um barril com agua, uma caixa de biscoitos e uma bussola. Pendergast atirou-nos uma carta de marear, dizendo que eramos marinheiros cujo navio tinha naufragado a 15° de latitude norte e 20° de longitude oeste; depois cortou-nos a amarra e abandonou-nos á sorte.

"Agora chega a parte mais commovente desta historia, meu querido filho. Os marinheiros, quando rebentou a revolta, tinham colhido a véla de mezena, mas apenas deixamos a embarcação, largaram-na de novo, e o "Gloria Scott" começou a andar lentamente afastando-se de nós, ao passo que o nosso escaler ia balouçando ao embate das ondas. Assentados junto das escotas, eu e Evans, que eramos os mais instruidos, começamos a estudar a posição e o caminho a seguir.

"A questão não era facil de resolver; estavamos a quinhentas milhas para o sul de Cabo-Verde, e a setecentas para Oeste da costa africana. Como o vento soprava do norte, calculamos que o ponto mais facil de alcançar seria a Serra-Leôa; e mettemos a prôa nessa direcção, deixando o navio a estibordo. De subito, quando já iamos longe, vimos sahir delle uma espessa nuvem de fumo negro, que se espalhou no céo como uma arvore gigantesca. Alguns segundos depois, chegou-nos aos ouvidos um ruido como que de um trovão, e quando o fumo se dissipou, já não vimos o "Gloria Scott". Virando logo de bordo, dirigimo-nos para o local, onde um ligeiro vapor por

(Conclue na pagina seguinte)

CACHORRO DE RAÇA — Faça o favor de chamar o seu cachorro, que não me deixa tomar banho. Toda vez que me atiro nagua, mette-se a salvar-me.

cima dagua era o unico indicio que restava da terrivel catastrophe!

"Levamos uma hora para chegar ao local do sinistro, e calculavamos chegar já tarde para salvar alguem. Uma embarcação despedaçada, muitas caixas e pedaços de madeira, sacudidos pela vaga, eram os unicos vestigios do navio.

"Não vimos ninguem; e vinhamo-nos já embora, quando de subito avistamos á pequena distancia, uma taboa com um homem em cima. Puxamol-a para bordo; era um marinheiro chamado Hudson, de tal fórma queimado e sem forças, que só no dia seguinte nos poude contar a catastrophe. Disse-nos que quando partimos, logo Pendergast e o seu bando emprehenderam levar a effeito o plano já formado, chacinando os cinco homens que restavam. Os dois guardas foram mortos a tiro, e lançados ao mar; e a mesma sorte teve o terceiro contra-mestre. Depois, Pendergast desceu ao porão, e cortou o pescoço ao desgraçado medico.

"Só faltava o primeiro contra-mestre que era um latagão forte e resoluto. Quando viu o forçado approximar-se delle, empunhando uma faca ensanguentada, conseguiu desvencilhar-se das cordas que já tinha alargado e desceu correndo ao porão.

"Doze forçados, armados de pistolas, correram em procura delle, e foram encontral-o no paiól da polvora ao pé de um barril aberto e com uma caixa de phosphoros na mão.

"Jurou que faria saltar o navio se attentassem contra a sua vida. Instantes depois produziu-se a explosão. Hudson suppõe que ella foi provocada por um tiro de pistola de algum degredado e não pelos phosphoros do contra-mestre.

"Emfim fosse qual fosse o motivo assim pereceu o "Gloria Scott" e o malvado que delle se apoderára!

"E' esta, em poucas palavras, meu querido filho a historia do terrivel drama em que me achei envolvido. No dia seguinte eramos recolhidos a bordo do brigue "Hotspur", que se dirigia para a Australia. O commandante acreditou que eramos sobreviventes de um navio naufragado. O almirante declarou que o transporte "Gloria Scott" se havia perdido; nada veiu a transpirar com respeito ao seu verdadeiro destino.

"Depois de uma excellente viagem, o brigue "Hotspur" foi desembarcar-nos em Sidney, onde Evans e eu mudamos de nome para trabalhar nas minas. Ali, no meio dessa multidão proveniente de todos os paizes, foi-nos facil esconder a nossa verdadeira identidade.

"O resto não preciso contar-t'o

"Enriquecemos, viajamos e voltamos á Inglaterra, passando por colonos ricos de regresso á patria para comprar terras e estabelecermo-nos no paiz natal. Durante mais de vinte annos levamos uma vida pacifica e relativamente feliz; tinhamos sobeja razão para suppôr que o nosso passado estaria já completamente esquecido. Imagina que profunda commoção senti ao reconhecer na pessôa que um dia veiu visitar-me na tua presença, um marinheiro, o naufrago que haviamos salvo!

"Tinha-nos achado a pista, e vinha resolvido a explorar o nosso segredo. Já decerto comprehendes agora os esforços que empreguei para viver em paz com elle, e avalias bem o terror que se apossou de mim desde o dia em que elle foi procurar o outro sobrevivente do "Gloria Scott"!

Por baixo disto, uma mão tremula escrevêra numa letra quasi illegivel o seguinte:

"Beddoes escreve em cifra dizendo que H. disse tudo. Deus misericordioso, tende piedade de nós."

Tal foi a narrativa que li nessa noite ao meu amigo. Estou convencido que ha de achal-a bem dramatica, Watson. O pobre rapaz ficou tão impressionado que partiu para as plantações de chá do Terai; soube depois que prosperava por lá.

Quanto ao marinheiro e a Beddoes, nunca mais delles se ouviu falar. Desappareceram os dois. Nenhuma denuncia foi feita á policia. Decerto Beddoes tomou as ameaças do outro por um facto consummado. Hudson foi visto nas proximidades da casa, e a policia concluiu por isso que elle fugira depois de ter morto Beddoes. Eu sou de outra opinião. Quero antes crêr que Beddoes, julgando-se trahido, se vingou de Hudson. Provavelmente sahiu de Inglaterra com todo o dinheiro que poude reunir.

Aqui tem todos os permenores deste caso; se quer juntal-o á sua collecção, está inteiramente ás suas ordens, meu caro doutor Watson.

FIM DO "GLORIA SCOTT"

A SEGUIR: *No proximo numero do mesmo autor*

O EMPREITEIRO DE NORWOOD

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno .... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno .... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno .... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno .... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia devê ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

"Ha mezes que estou usando estas roupas e Lux ainda continua a dar-lhes a apparencia de novas"

Meias das mais finas
Lãs das mais macias
Sedas diaphanas ---
Nada tem a recear do Lux.

Os seus vestidos mais delicados, as suas meias de malha mais finas, as suas combinações mais valiosas, conservam-se frescas e bellas sob o cuidado do "LUX". A sua espuma rica e leitosa restaura a belleza primitiva dos tecidos, penetrando em todos os fios e expurgando-os de suas impurezas. A maciez de suas mãos será o testemunho da delicadeza do "LUX" para com as sedas mais finas. Uma lavagem com "LUX" torna os seus lindos vestidos macios e brilhantes e com toda a attracção de novos. Lave em casa por este processo economico todas as peças do seu mimoso enxoval. Conserve por mais tempo como novos os seus vestidos predilectos.

S. A. IRMÃOS LEVER

SÃO PAULO — BRASIL

L 15-01326 Bi